

CMP 2.19.141

IGREJAS DE CAMPINAS

Celso Maria de MELLO PUPO

Da Academia Campinense de Letras
da Academia Paulista de História.

CAMPINAS E SUA ARTE RELIGIOSA

"Nem o Egito, nem a Grécia, nem Roma
promoveram as artes quanto a Igreja
nos seus quase dois milênios de exis-
tência" ("O Museu de Arte Sacra de
São Paulo", prefácio do Padre Antônio
de Oliveira Godinho).

CAMPINAS - São Paulo - BRASIL

1989

1-O ROSÁRIO

Tomás Scheuchl
Vida Boêmia - Bási em Campinas
"A Igreja do Rosario"
"Ainda o Monumento de Arte"
O Templo do Rosario
Altars e Murais
A Matriz

Guia para o trabalho

2-Nossa Senhora do Carmo

N. Senhora da Boa Morte

veja "Campinas, Seu

Renovo e Juventude 206

"Gazeta de Campinas" 26-IV-1978

3-São Benedito

"Cidade de Campinas" 11-V-1902-12-18-III-1903

"Gazeta de Campinas" - 31-V-1879

"Opinião Liberal" - 6-VI-1882

4-O Templo Votivo

5-Nossa Senhora das Dores

A Entrada

O Batisterio

A Nave

A Capela Mor

A Sacristia

Historia

6-Nossa Senhora Auxiliadora

7-A CATEDRAL (o maior monumento de arte do município).

8-Do Colonial ao Museu

Fase Inicial

Imagens Seiscentistas

Imagens Setecentistas

Arte Religiosa

Como homenagem ao meu querido amigo Monsenhor Luiz Fernandes de Abreu, transcrevo o último cartão que me dirigiu:

"Meu caro amigo, desde a infância - Celso Maria de Mello Pupo - hoje notável historiador, dono de estilo literário nobre e belo e, sobretudo homem de Fé, ótimo esposo e pai, cercado de amigos que o veneram - sou um d'eles - quero lhe agradecer o generoso artigo sobre minha pessoa estampado no Correio Popular de 31-3-1976.

Gratíssimo o pe.

31-3-1976.

(a) L. de Abreu

IGREJA E MATRIZ
DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A BASÍLICA DE
Nossa Senhora do Carmo

Desenhos das fachadas de N. S. Conceição
depois Basílica de N. S. do Carmo

- 1- com três janelas de frente
- 2- com cinco janelas de frente

$$\begin{array}{r} 68 \\ 26 \\ \hline 2 \overline{)38} \\ 14 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 68 \\ 45 \\ \hline 2 \overline{)23} \\ 11 \end{array}$$

Nasceu pequenina pelo ideal de Francisco Barreto Leme, o idealista que fixado em matas das terras de Campinas em 1741, alimentou o ideal de plantar em suas terras uma cidade: em 1772 promoveu a construção de uma capela que, como muito mais tarde afirmou o historiador jurista, Prof. José Carlos de Ataliba Nogueira, "a expressão capela originariamente não significa templo, mas certo instituto jurídico-canônico". (Teoria do Município na Revista de Direito Público, VI 7 al2).

Existindo a Matriz desde 1774 em capela provisória, teve sua igreja definitiva no local da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, entre as atuais colunas da nave de hoje, e com três janelas de frente como se registrou no Livro do Tombo: "Aos vinte e cinco do mês de junho de 1781, com licença do Exmo. e Rvmo. Senhor D. Frei Manuel da Ressureição, Bispo Diocesano, benzi esta nova Matriz de N. Snra. da Conceição das Campinas. E a vinte e seis do mesmo mês de Junho de 1781, se trasladou a Imagem da Padroeira da primitiva capela para esta Igreja nova". "Também no mesmo dia celebrei a primeira missa" (Arquivo da Cúria Metropolitana de Campinas, 1º Livro do Tombo, 3).

Através dos tempos recebeu ela vários aumentos como a capela mór, depois transformada em aumento da nave, duas alas laterais que hoje ladeiam as colunas e, assim, mais duas janelas na fachada principal, e finalmente o sobrado no fim da igreja. E nesses aumentos o novo altar mor e dois laterais, assim como dois púlpitos em suas paredes nos lugares próprios, até que na década de 1920/30, foi totalmente demolida arrazando-se as primeiras taipas construídas em Campinas entre 1774 e 1781.

Reconstruída no mesmo local e com idêntica área, adotou o estilo gótico que é riquíssimo e, portanto impróprio para construção sem grandes recursos financeiros. É um gótico pobre.

Sua decoração interna iniciou-se na vigaria do Cônego Lázaro Mutschele que tomara posse em 1947, entregue no mesmo ano ao pintor Gaetano Miani, com curso na Escola de Belas Artes de Milão

"Diário do Povo", Campinas 4/9/1949). Seus "a fresco" são valiosos, entretanto não se harmonizam bem com o gótico, especialmente como fundo da capela-mor ~~xxxxxxxxxxxx~~ e seu altar deste estilo.

.....

A CAPELA DE NOSSA SENHORA
DA BOA MORTE

tamentário do capitalista Antônio Francisco Guimarães, o "Bahia" e a Santa Casa ergueu-se realizando-se o sonho sempre afagado pelo referido sacerdote. No dia 16 de Agosto do ano de 1876 perante a Câmara Municipal, na sala das sessões, fez o padre Vieira a entrega solene do Edifício à Irmandade, bem como do seu pequeno patrimônio" ("Traços Biográficos", por Monsenhor Antônio Pereira Reimão).

A primeira retificação que se deve fazer sobre o noticiário ~~xx xxxxxx xx~~ recente da capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Santa Casa, refere-se à sua edificação e benemerência do doador: Diz o "Correio Popular" de 6/8/1988 que ela foi construída por D. Maria Felicíssima Soares, o que constitui uma grande inverdade. A Capela foi construída pelo Barão de Monte Mor, José Bonifácio de Campos Ferraz, a sua custa exclusivamente. D. Maria Felicíssima apenas doou o terreno, aliás valiosa doação.

Teve a capela uma construção projetada e executada com especial cuidado carinhoso a cargo do amigo e colaborador do Padre Vieira - por ele escolhido para dirigir as obras da construção - Diogo Benedito dos Santos Prado, tratado familiarmente, como era uso generalizado, de Dioginho, que pela madrugada antes de clarear o dia já se achava na local das obras, deixando-as pelas "Ave Marias", dezoito horas, a hora do "Angelus", Hora da oração: "O Anjo do Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo. Eis aqui a ^vseva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". E o Verbo de Deus ^v se fez homem e habitou entre nós".

Bonita capela com escadaria monumental e vistosa fachada na qual se ostentam três estátuas de mármore de Carrara, figurando Fé, Esperança e Caridade. Sua grande porta de entrada logo protegida por paravento que se abre na nave com duas grandes varandas laterais superiores, cercadas de gradis de ferro da fundição de Irmãos Bierzbach, então ~~construídos~~ ^{instalados} com suas fundições em chácara localizada no Largo de Santa Cruz.

A nave se adorna com belíssimo púlpito de confecção excelente e com duas imagens de mármore de Carrara, de São Vicente de Paulo e da Rainha Dona Leonor de Portugal, fundadora das Santas Casas. Cerrada com primoroso gradil de meia altura, a soberba capela por ostenta altar de mármore de Carrara, confecção da Marmoraria

do Rio de Janeiro, tendo a padroeira, Nossa Senhora da Assunção, em tela a óleo, obra do pintor Elpinice Torrini, ladeada por nichos com imagens de

todas repintadas e redouradas nesta reforma última, pelo pintor Sebastião Guimarães; a capela novamente pintada, inclusive o púlpito que recebeu na sua parte inferior, uma douração.

As paredes laterais da capela mor se adornam com duas telas gigantes, uma de

e outra

pintadas por A. de Concílis, telas que se achavam com rugas exigindo uma restauração e que foram tratadas pelo pintor Sebastião Guimarães, como ele contou pelo "Correio Popular de 6/8/1988, que noticiou: "as pinturas que se encontram nas paredes laterais e junto à abóbada do altar, foram restauradas por inteiro". Tudo brilha e cheira a novo no interior da capela"! E conta o pintor: "Levei para meu ateliê e reentelei" "Não se esquecendo de manter nas telas o ano de 1907 e assinatura do pintor da época A. De Concílis". Ao menos aqui não se afastou ele da técnica atual de restauração.

O pintor do quadro da padroeira, Elpinice Torrini, para Campinas pintou mais os retratos de Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto, Baronesa de Três Rios e Francisco Quirino dos Santos, como noticiou a Gazeta de Campinas de 9/3/1877. E pelo mesmo jornal de 15/5/1878, o retrato de Dr. Queirós Teles (Conde de Parnaíba) e pela notícia de 25/7/, o retrato de Joaquim Correia de Mello, conhecido na Europa, nos meios de alta cultura, como um sábio do Brasil, e em Campinas como o "Quinzinho da Botica".

Concluída a restauração da capela da Santa Casa

Nerivelton Araújo

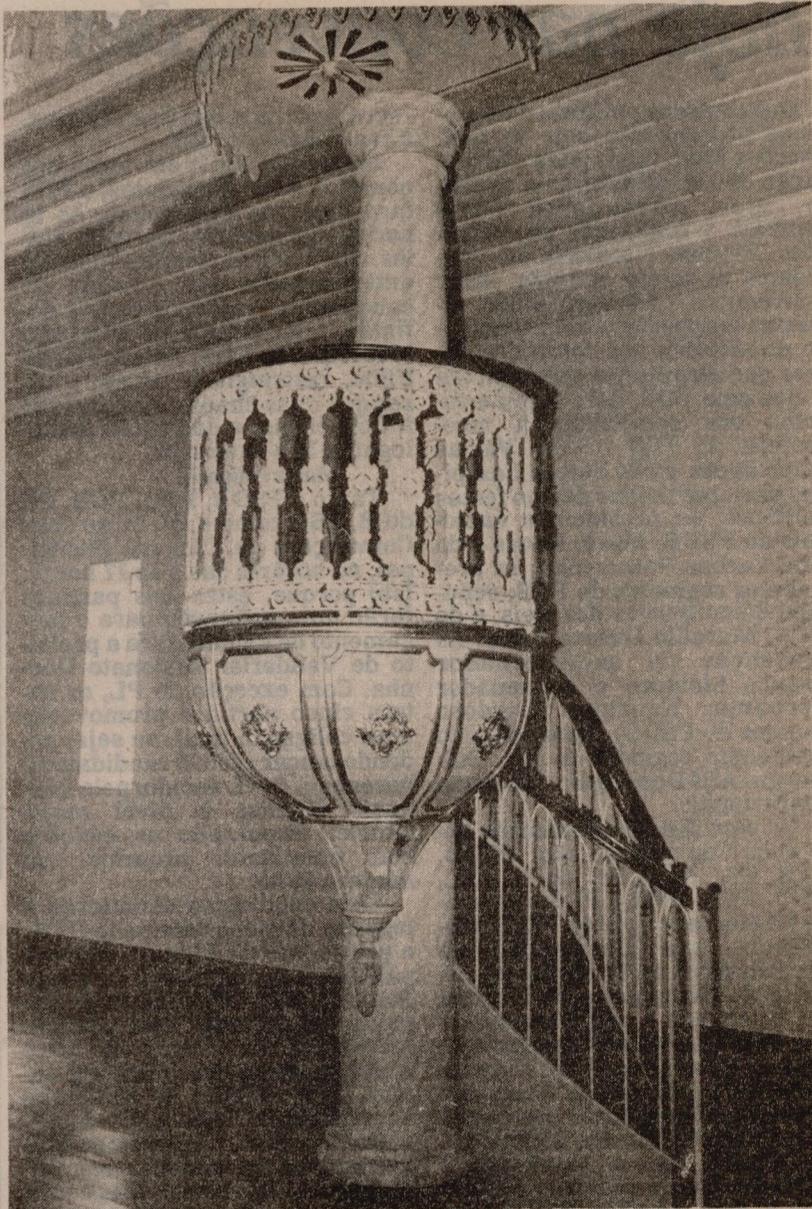
Depois de 111 anos, a capela da Santa Casa, ou Hospital Irmãos Penteados, passou por uma restauração. No próximo sábado, ela será reinaugurada, em grande estilo. Os santos esculpidos em mármore de Carrara e trazidos da Itália no início do século, estarão brilhando nos pedestais. As pinturas que se encontram nas paredes laterais e junto à abóbada do altar, foram restauradas por inteiro por Sebastião Guimarães. Tudo brilha e cheira a novo no interior da capela.

"Levei para o meu ateliê e reentelei", conta Sebastião Guimarães, que não esqueceu de manter nas telas o ano, de 1907, e a assinatura do pintor da época, A.D. Conciliis. Sebastião caminha pela capela, orgulhoso do trabalho. "Sem fugir da arquitetura colonial, mudei a cor cinza, acrescentei tons deste rosa antigo e branco, conservando as mesmas características da época", disse.

A capela de 189m², com lugar para 200 pessoas, foi construída por Maria Felicíssima Soares, após obter uma graça. Durante muitos anos os doentes eram levados para as galerias que ficam no andar superior da igreja para assistirem a missa. A partir do próximo sábado, esta rotina volta a acontecer na Capela da Santa Casa de Misericórdia.

"Teremos missa, batizado, grupo de casais e um capelão durante 24 horas para atender os doentes", anunciou o provedor do hospital, Osvaldo Urbano, mostrando cada ponto da capela que foi restaurado, inclusive a pintura do púlpito, onde os raios de sol vêm acompanhados da aplicação de folhas de ouro.

Mas a riqueza da Santa Casa não está somente na velha capela remodelada. Há tanta antiguidade e objetos raros no hospital que o provedor já está pensando em criar um minimuseu. E material é o que não falta; desde máquinas manuais para confecção de hóstias, com desenhos sacros e o nome da Santa Casa, até louças, crucifixos, talheres de prata, pratos de porcelana francesa - a maioria com pintura à mão da velha casa onde até hoje está o hospital - cadeiras etc.



Restauração da capela da Santa Casa feita por Sebastião Guimarães

Osvaldo Urbano não esquece também das peças do salão nobre. "O maior acervo de Cardarelli está aqui, ele começou a pintar o retrato de beneméritos e provedores da Santa Casa e dá para se ter uma idéia do desenvolvimento do artista ao longo dos anos". Nesta sala encontram-se também relógios antiquíssimos, mesas austriacas, e cadeirinhas francesas. A

maioria destas cadeirinhas, Osvaldo Urbano mandou buscar no lixo, oito meses atrás, quando assumiu a direção do hospital.

A reinauguração da igreja contará com uma procissão, em louvor à padroeira da capela, Nossa Senhora da Boa Morte, com a missa que será rezada por D. Gilberto, e terá a participação de vários corais da cidade.

MATRIZ DE SÃO BENEDITO

A primeira realização para uso coletivo da população rural de Campinas, constituiu-se de um cemitério, "no cemitério bento para sepultura dos fieis que foi concedido por ser notoriamente dificultoso o recurso à Matriz, pois dista não menos de dez léguas". A seu lado o Cônego Melchior Fernandes construiu para si e sua família um jazigo, autorizado pelo Bispo Diocesano, em cujo solo abriam-se iam as sepulturas. Terminada a construção recebeu o jazigo a benção canônica a 28 de janeiro de 1837 (Livro do Tombo, 44). Teve o Cônego Melchior autorização para o mesmo fim da Câmara Municipal que ainda lhe concedeu o local "no bairro de Campinas velhas junto ao primeiro cemitério desta vila (Celso Maria de Mello Pupo, "Campinas, Seu Berço e Juventude, 23).

Estava assim iniciada a vida da capela, futura Matriz de São Benedito. O jazigo mais tarde abandonado, passou ao cuidado de Mestre Tite, um escravo de estimação do Capitão Mor Floriano de Camargo Penteado que obteve liberdade concedida pelo senhor e passou à benemerência restaurando o jazigo e dele fazendo a Capela de São Benedito, benta por Dom Joaquim José Vieira aos 14 de outubro de 1885 ("Diário do Povo" 6/10/1985).

A Capela muito frequentada pela população da cidade que a envolveu com o seu crescimento, foi no ano de entregue aos cuidados dos padres da Ordem dos Estigmatinos que a fizeram decorar como hoje se acha.

TEMPLO VOTIVO DO DIVINO SACRAMENTO

O TEMPLO VOTIVO

Terminado triunfalmente o Congresso Eucarístico Diocesano em Campinas em 1942, realizado sob a presidência do 3º Bispo Diocesano que se havia empossado nesta dignidade aos 14 de julho do mesmo ano, "às 11 horas, após a solene Missa Pontifical celebrada por S. Excia. Rvma. Dom Paulo de Tarso Campos, em ação de graças pelo êxito do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, por entre vivas e louvores, entusiasmo e vibração de júbilo e amor, foi Jesus Sacramentado conduzido processionalmente pelas mãos sagradas do Exmo. Sr. Bispo, através das ruas adjacentes à Catedral, e, subiu, triunfalmente ao Trono da Adoração Perpétua, que a alma eucarística de S. Excia. erigiu...". "De então para cá a Obra da Adoração continua sua jornada de fé, realizando sua finalidade: promover o culto social e perpétuo do SS. Sacramento, atraindo para o Trono Eucarístico os indivíduos e a sociedade". (A Tribuna de 2/5/1967, "Da Carta Pastoral sobre o Templo Votivo").

"A Obra da Adoração Perpétua tal qual nós a conhecemos hoje, espalhada em todo mundo, foi fundada por um sacerdote francês, o Rvdo Pedro Julião Eymard, em 1856, festa da Epifania do Senhor. Foi inspiradora desta sublime Obra, Nossa Senhora, quando em 1851, no Santuário de Fourvières lhe apareceu animando-o a reunir aos pés de seu Filho Sacramentado as almas de boa vontade". (A "Tribuna" de 20/5/1967).

Do Templo Votivo, disse a Imprensa, "A História é longa, mas de breves parágrafos. Inicia-se em 1954 com a doação do terreno" (doação de D. Odila Ferreira Alves) "situado à rua Regente Feijó" "e em seguida a pedra fundamental - um hiato, obras paralisadas até 1956 - quando os alicerces foram fixados e então decorridos dois anos, a obra parou. Até 1963 nem um tijolo foi acrescentado aos já colocados. De lá até janeiro do corrente a coisa foi acelerando e ontem, em meio a uma das mais expressivas festividades que Campinas já presenciou, a Arquidiocese entregou aos católicos o seu templo votivo". "As 17 horas precisamente, ~~xxix~~ meio a uma salva de tiros de canhão e repicar dos sinos das igrejas em toda a cidade, teve início a solenidade que inaugurou o novo templo. A Santa Missa oficia-

da por D. Paulo de Tarso Campos, foi acolitada por 24 sacerdotes das mais diversas paróquias, e estiveram presentes, prestigiando o evento, diversas autoridades civís e militares, assim como número bastante alto de membros do clero de Campinas, que no dia 13, encerraram o Retiro Geral. Amanhã dia 16 as festividades de inauguração terão proceguimento" ("Correio Popular" de 15/7/1967).

PROSSEGUE A CAMPANHA PRÓ-TEMPLO VOTIVO

Os trabalhos da Campanha continuam em franco desenvolvimento. O Secretariado tem funcionado regularmente, havendo distribuído duas séries de folhetos para mentalização do povo, preparando material para fornecer às paróquias, fazendo comunicações e avisos, etc.

A Equipe de Cartazes, sob a coordenação de Madre Maria de Jesus, Calvariana, instalou-se no "Lar Nossa Senhora do Calvário". Iniciando seus trabalhos esta Equipe teve na direção dos mesmos a Irmã Jordelina Pereira, Missionária de Jesus Crucificado. Dezenas de cartazes artísticos estão sendo confeccionados. Duas Irmãs da Congregação das Filhas de Jesus: Madre Regina Turra, do Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Bragança, e Madre Analita Vicente, do Colégio Imaculada, de Moji-Mirim, vindas especialmente para dar cooperação a esta equipe, iniciaram seus trabalhos. Irmã Jacinta, da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, de Campinas, também deu preciosa colaboração.

A oficina dos cartazes foi visitada por Madre Fabiola Ferreira Vital, da Equipe de Planejamento, que recebeu a promessa da própria entrega dos mesmos, para que o Secretariado possa afixá-los nas Paróquias.

No dia 22 do mês de fevereiro, pp., o Revmo. Cgo. Olavo Braga Scardigno ocupou o microfone da Rádio Educadora de Campinas, que oferece apreciável colaboração a esta Campanha, expondo os motivos da Campanha para conclusão do Templo Votivo e as razões que fundamentam a Obra da Adoração Perpétua. O Sr. Cgo. Olavo, que foi Diretor da Obra da Adoração em Campinas, recordou o momento da instalação da Obra e concluiu com as palavras do Exmo. Sr. Dom Paulo, anunciando o Congresso Eucarístico de Campinas, em 1946: "Quando Josué ordenou às tribus de Israel que construíssem um monumento em memória da passagem da Arca da Aliança através do Jordão, acrescentou-lhes estas palavras: "Quando mais tarde vossos filhos vos interrogarem sobre o significado deste monumento, haveis de lhes responder que nestas paragens descansou a Arca da Aliança". O nosso Templo será também para o futuro o testemunho de que aqui, nesta cidade, pousou e permaneceu para sempre a nova Aliança — Jesus Cristo Nosso Senhor, em seu Trono de Adoração Perpétua".

No dia 1.º de março, a Campanha entrou em sua nova fase, esperando a generosa correspondência de toda a Arquidiocese de Campinas na contribuição material que levará a término as obras do Templo Votivo ao SSmo. Sacramento.

O SR. ARCEBISPO VISITA A EXPOSIÇÃO DOS CARTAZES

No dia 6 do corrente, a convite do Exmo. Sr. Arcebispo Coadjutor, Dom Antonio Maria, idealizador desta grande Campanha pró Templo Votivo, nosso Metropolitano visitou a exposição dos cartazes para a mentalização da Campanha, que se acham no Secretariado, no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Aí foi recebido pelo Sr. Dom Antonio que introduziu S. Excia. na sala da exposição, apreciando juntos os trabalhos artísticos da Equipe de Religiosas, encarregada da confecção dos mesmos. Nosso Caríssimo Pastor, Dom Paulo de Tarso Campos, externou sua alegria e admiração pelos trabalhos ali expostos, um dos passos para ajudar a realização do sublime anseio de sua alma eucarística: O TEMPLO VOTIVO AO SSMO. SACRAMENTO EM CAMPINAS.

Algumas Páginas Históricas dos Anais da Obra da Adoração Perpétua

O calendário do tempo passa suas páginas em ritmo vertiginoso talvez, enquanto o calendário da glória permanece estável, marcando, sem esquecer, os instantes de graças que se processam no tempo, mas que se firmam na eternidade.

Comemorando os 25 anos da Obra da Adoração Perpétua em Campinas, consideramos graça assinalada sua vida, seu desenvolvimento, sua estabilidade. Apresentando uma síntese desses 25 anos, fazemô-lo com piedosa alegria, porque na organização deste trabalho, mais concretamente sentimos a presença do Senhor, nos triunfos de luz e esplendor, na florescência da fé eucarística, no atrativo dulcíssimo, que impele para Jesus Sacramentado as almas e os corações. Selecionar e colocar os fatos em ordem gradativa de valores, é trabalho indevido ao conhecimento humano. Nesta convicção resumimos, para apresentar à Arquidiocese de Campinas uma pincelada da vida e da Obra da Adoração Perpétua em seus 25 anos de existência, algumas páginas de seus Anais.

INSTALA-SE A OBRA DA ADORAÇÃO

Abrimos as páginas desse argênteo Jubileu, com alguns tópicos do histórico dia de sua instalação:

"A Obra da adoração foi instalada em Campinas, na abençoada data de 12 de julho de 1942, após os triunfos do Congresso Eucarístico Diocesano. Nasceu do coração eucarístico do amado Pastor, Dom Paulo de Tarso Campos, num rasgo de dadivosidade aprimorada para com esta grei, que seu báculo dirige...

As 11 horas, após a solene Missa Pontifical, celebrada por S. Excia. Revma. Dom Paulo de Tarso Campos, em ação de graças pelo êxito do primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, por entre vivas e louvores, entusiasmo e vibração de júbilo e amor, foi Jesus Sacramento conduzido, processionalmente, pelas mãos sagradas do Exmo. Sr. Bispo, através das ruas adjacentes à Catedral, e, subiu, triunfalmente, ao Trono da Adoração Perpétua, que a alma eucarística de S. Excia. erigiu...

E, Campinas, agraciada por benções tantas, piedosa e genuflexa, após o memorável e mais belo espetáculo de fé, de que há noção na sua história, recebeu, com a alma em festa, êste presente de infinita grandeza: **JESUS-HÓSTIA PERENEMENTE EXPOSTO A ADORAÇÃO DE SEUS FILHOS.**

Exalçando as glórias de Jesus Sacramentado, teve início a primeira Hora Santa do Clero, presidida pelo Sr. Bispo Diocesano, e pregada pelo Revmo. Cgo. Dr. Manuel Corrêa de Macedo, ilustre locutor do Congresso...

A Catedral regorgitava de fiéis, que às flores de seus jardins juntaram-se as flores d'alma, para engalanar o Trono Eucarístico, como a testemunhar as boas vindas a Jesus - Hóstia."

HOMENS E ATIVIDADES

De então para cá a Obra da Adoração continua sua jornada de fé, realizando sua finalidade: promover o culto social e perpétuo ao SS. Sacramento, atraindo para o Trono Eucarístico os indivíduos e a sociedade.

Acolheu a Obra em seus inícios, ao se instalar na Capela do SS. o devotamento da alma de fé do Mons. João Lopes de Almeida, Cura da Catedral. Cimentou os alicerces da Obra incipiente, a par das benções e solicitude do Pai e Pastor, o zelo de seus dedicados Diretores Mons. Luiz Fernandes de Abreu, que a dirigiu nos primeiros 6 meses, substituído pelo Cgo. Olavo Braga Scardigno, que a esta Obra se entregou inteiramente. Deu-lhe o arcabouço. Enriqueceu-a com sua piedade iluminada e a farta messe de sacrifícios ocultos. Foi secundado nesse itinerário de abnegação e amor, pela disponibilidade invulgar do Cgo. Tomás Vaquero, atual Bispo de São João da Boa Vista.

Nestes 25 anos, a Obra constata, com gratidão ao Coação Eucarístico, o seu crescimento, realizando o ideal que animou o coração do Pastor, ao mimosear Campinas com o dom magnífico da Exposição Solene, a Obra da Adoração Perpétua, definindo-a como "a alma de tôdas as obras que devem viver permanentemente de seu sópro eucarístico. E' a fidelidade dos adoradores diários, semanais e mensais. E' o apostolado de formação eucarística, individual e coletiva, pela palavra, pela imprensa falada e escrita, pelos diálogos, pelo telefone, pelos encontros, pela correspondência epistolar. E' o movimento fervoroso dos visitantes anônimos. São as adorações coletivas das Associações e entidades religiosas. São as Vigílias Eucarísticas. São as Solenes Horas Santas, do cunho social, com a participação das Exmas. Autoridades Cívicas, Militares, Eclesiásticas, representações de classes e povo em geral. São as Assembléias Magnas, ilustradas por renomados conferencistas: Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, Deputado Euripedes Cardoso de Menezes, Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, Dr. Carlos Foot Guimarães, e outros. E' a colaboração eficaz, a oração fervorosa, as imolações anônimas de Ordens e Congregações Religiosas, não só da Metrópole, mas de todo o território brasileiro. São os sofrimentos e sacrifícios dos adoradores enfermos dos Sanatórios, e enfermos domiciliados em nossa cidade e fóra dela. E' a colaboração generosa de muitos sacerdotes, nas pregações das Horas Santas.

PRIMEIRO MARCO

Ao comemorar a Obra os seus primeiros 10 anos de existência, várias solenidades marcaram a importância da etapa. A palavra de Dom Paulo de Tarso Campos, carinhosamente guardada nos Anais da Obra, exprime o júbilo de todos e o sentido da caminhada feita até então.

"Estamos comemorando hoje e nestes dias o 1.º decênio da instalação da Obra de Adoração Perpétua. 10 anos de adoração! 10 anos do "nada" para Deus. Muito para nós. Porque Deus na sua misteriosa eternidade, não se mede pelas horas, pelos dias fugitivos do nosso tempo. Nós, sim, medimos a nossa adoração que se faz no tempo. 10 anos! Quantos morreram! Quantos assistiram os fulgores desta Exposição e hoje não se encontram aqui. Quantos estarão daqui a outro decênio..."

"Jesus está aqui para ser nosso Amigo nosso Consolador, nosso Pai! Ah! se estas paredes falassem! Se o chamejamento da lâmpada pudesse falar! Quantas almas estariam perdidas e se salvaram pela Obra da Adoração! Quantas almas teriam morrido no desespero, se não houvesse a palavra amiga do Salvador! Quantas famílias se teriam perdido se não fosse esse frumento divino de santidade!"

Vamos celebrar esse decênio, não com palavras, com propósitos, mas com a renovação de nossa santidade. Porque ninguém é santo. Nem os Serafins. Deus merece tudo, sem reservas. A verdadeira homenagem que se presta ao Infinito é a consumação completa de tudo o que somos e de tudo o que temos".

E' por esta vida de nosso Pastor profundamente identificada com Cristo Eucarístico e pela pedagogia sobrenatural do convívio com a Hóstia Divina, que a Obra se tem estabilizado, e triunfou nesta Arquidiocese, neste triunfo oculto, tão próprio da Santa Eucaristia.

AGORA E' A HORA DO TEMPLO

A Obra da Adoração Perpétua atinge sua culminância com a Campanha pró Templo Votivo, que ora se desenvolve em toda a Arquidiocese, idealizada pelo Exmo. Sr. Arcebispo Coadjutor, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, que assim se expressa em sua Carta Circular, anunciando o Jubileu do govêrno feliz de Dom Paulo e da Obra da Adoração Perpétua:

"Dois Jubileus de Prata que a Arquidiocese de Campinas quer comemorar com alegria e piedade, marcando com um monumento sua gratidão aos céus, pelas graças destes vinte e cinco anos em tórno de seu Pastor.

Chegou, pois, a hora de se terminar o Templo Votivo. Este será o marco destes festivos e abençoados Jubileus. Para comemorar condignamente os 25 anos da Obra da Adoração Perpétua e para corresponder aos mais profundos anelos do Excelentíssimo Senhor Dom Paulo.

Como gratidão nossa, completemos o Templo Votivo, afim de que ainda mais se afavore em chama eucarística a Arquidiocese e tenhamos mais assegurada a Presença do Senhor em nossa querida terra, com a plena certeza de tôdas as bençãos do céu."

Com a inauguração do Templo Votivo, prevista para 14 de julho próximo, data da Sagração Episcopal do amado Pastor, a Obra da Adoração Perpétua reconhece, nessa dádiva do ínclito Pai, o mais sublime dom de Deus outorgado a Campinas.

25 Anos de Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento na Arquidiocese de Campinas



NA TERRA DE CAMPINAS A SEMENTE DA OBRA

A pedra fundamental do Templo Votivo ao SSmo. Sacramento foi abençoado por Dom Paulo de Tarso Campos e lançada a 22 de agosto de 1954, em terreno central, doado pela alma eucarística de Da. Odila Ferreira Alves. Era mais uma boa semente, atirada por mãos fecundas, na terra fértil da Princesa D'Oeste. Foram os votos feitos na oportunidade pelo Cgo. Olavo Braga Scadigno, Diretor da Obra. Germinou e hoje o Templo aí está, para ser inaugurado a 14 de julho próximo.



NO CORAÇÃO DOS CAMPINEIROS O AMOR À OBRA

As Assembléias da Obra da Adoração Perpétua de Campinas se repetem todos os anos. Enquanto se erguia no centro da urbe, o Teatro Municipal, ali é que se reunia a elite cristã dos campineiros, numa demonstração pública de fé esclarecida e atuante. As Assembléias sempre contaram com o que Campinas tem de melhor: seu Pastor, suas Autoridades, seu Povo. O campineiro jamais deixou de provar que a Obra da Adoração Perpétua está em seu coração.

Dom Paulo Fala Sobre o Templo Votivo

"Resta-nos agora o TEMPLO VOTIVO, que já se tornou a aspiração unânime de todos os que têm fé. Nutrimos a esperança de que em breve êle se erguerá no centro de nossa Cidade, para ser a alma, o eixo espiritual de toda a Diocese, reunindo as linhas convergentes de nossa vida religiosa, assim como o divino reúne os aspectos variados da vida e o céu oferece um centro de perspectivas aos nossos terrenos.

Ao lado desta trepidação febril em que nossos dias se consomem, o Templo Votivo será uma doce visão de paz, emergindo serena de nossas planícies agitadas, afim de emprestar um sentido divino aos nossos trabalhadores, dosar prudentemente os nossos temores e esperança e cobrir de sombra amiga os tetos que abrigam a intimidade dos lares.

Quando Josué ordenou às tribus de Israel que construíssem um monumento em memória da passagem da Arca da Aliança através do Jordão, acrescentou-lhes estas palavras: Quando mais tarde vossos filhos vos interrogarem sobre o significado deste monumento, haveis de lhes responder que nestas paragens descansou a Arca da Aliança. *Quando interrogaverint vos filii vestri cras, dicentes: Quid sibi volunt isti lapides? (1)*

O nosso Templo será também para o futuro, o testemunho de que aqui, nesta nobre Cidade, pousou e permaneceu para sempre a nova Arca da Aliança — Jesus Cristo Nosso Senhor em seu trono de adoração perpétua.

E' justo, pois, caríssimos diocesanos, que cada um de nós concorra com a sua pedra para este monumento. Os que tiverem pouco, darão o seu pouquinho, os que muito tiverem darão de sua abundância. E será, assim, a obra coletiva, o monumento de um grande povo, generoso e cheio de fé.

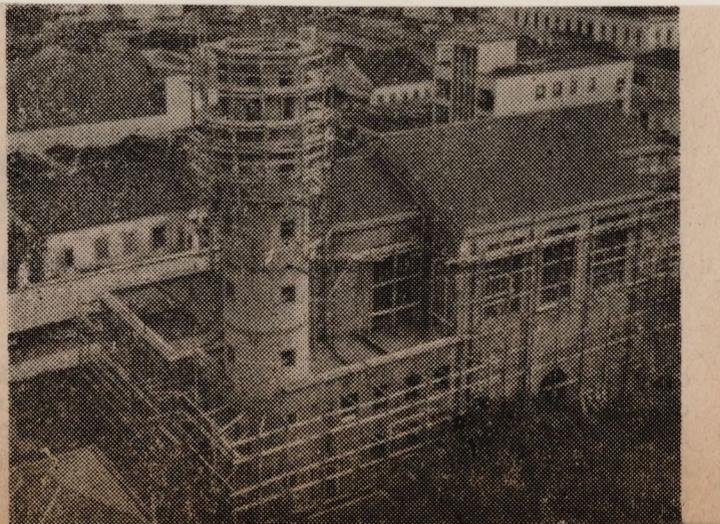
Não nos esqueçamos de que Deus, se pela sua infinita majestade, tem direito absoluto às nossas adorações, pela sua infinita riqueza, não necessita de nossas pobres oblações. E', pois, muito mais para nós mesmos do que para Ele que construímos os nossos templos; é mais para nós que tanto necessitamos das bênçãos e da graça de Deus, nós que d'Ele dependemos em tudo, no que somos e no que possuímos.

Quantas orações fervorosas, derramadas aos pés desse Tabernáculo, subirão aos céus e intercederão por vós junto de Deus! Quem haverá por aí tão seguro de si mesmo que, entre os braços mais lisongeiros da felicidade, não deve temer os seus incessantes revezes? E se um dia atravessardes horas difíceis, vozes secretas subirão deste altar, dizendo a Jesus Cristo aquilo mesmo que outrora disseram os habitantes de Jerusalém, quando junto d'Ele advogavam a causa do generoso centurião: Senhor, êle é digno de ser ouvido, pois que ama o nosso povo e construiu o nosso templo. *Quia dignus est ut hoc praestes: diligit enim gentem nostram et synagogam ipse aedificavit nobis. (2)*

(Da Carta Pastoral de S. Excia, sobre o Templo Votivo)

(1) Josué, IV, 6.

(2) Luc. VII, 4-5.



A Obra da Adoração Perpétua

1.o) — ORIGEM: A Obra da Adoração Perpétua tal qual nós a conhecemos hoje, espalhada em todo o mundo, foi fundada por um sacerdote francês, o Bemv. Pedro Julião Eymard, em 1856, festa da Epifânia do Senhor.

Foi inspiradora desta sublime Obra, Nossa Senhora, quando em 1851, no Santuário de Fourvières lhe apareceu, animando-o a reunir aos pés de seu Filho Sacramentado as almas de boa vontade.

2.o) — NATUREZA E

FINALIDADE: A Obra da Adoração Perpétua tem como finalidade oferecer a Jesus Sacramentado, exposto solenemente, no Sacramento do altar, um culto social, perene e perpétuo de Adoração, Reparação e Amor.

Distingue-se dos outros atos eucarísticos (as 40 horas... exposição solene do SS...) quanto à pessoa, à duração e circunstâncias especiais. Pois enquanto aqueles atos são de caráter particular, temporário, a Adoração Perpétua é a homenagem coletiva a Jesus Sacramentado de um modo solene e festivo durante todas as horas do dia e da noite até o fim dos tempos.

Não é apenas o indivíduo em particular que Jesus quer a seus pés, mas todas as classes sociais, todas as Paróquias, os fiéis todos unidos por um só laço de amor, numa única demonstração de Fé, Esperança e Amor.

3.o) — ORIGEM NO BRASIL: O Brasil tem a grande honra de possuir atualmente, 5 Tronos de associação de adoração perpétua: no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Baía e Fortaleza.

4.o) — EM CAMPINAS: Por resolução piedosa do Exmo. Snr. Bispo em Campinas, foi instalada solenemente, como marco indelevel do seu Congresso Eucarístico Diocesano no dia 12 de julho de 1942, a Obra de Adoração Perpétua diurna

(com sede provisória na capela do SS. da Igreja Catedral, com a esperança inabalável de que por auxílio de Nossa Senhora da Conceição venha Ela a se tornar também Adoração noturna no futuro Templo Votivo do SS. Sacramento).

5.o) — OS MEMBROS: os Adoradores: A Obra da Adoração Perpétua procura reunir aos pés de Jesus Sacramentado as almas todas, atendendo ao apêlo misericordioso do Salvador: "Vinde a Mim vós todos que soffreis ou andais sobrecarregados de trabalhos e aflições e Eu vos consolarei". (De um modo geral são membros da O. da Adoração Perpétua todos os que de qualquer maneira concorrem para o esplendor do culto eucarístico e glorificação de Jesus neste Sacramento de Amor).

1.o) — ORGANIZAÇÃO EM CAMPINAS: Em Campinas esta Obra é Diocesana, isto é, abrange todas paróquias e fiéis da Diocese, todas as associações religiosas e setores da Ação Católica levando a todas estas organizações os influxos da vida divina que brota da Eucaristia convidando-os a constituírem, todos unidos, a Guarda de Honra ao Rei do Amor.

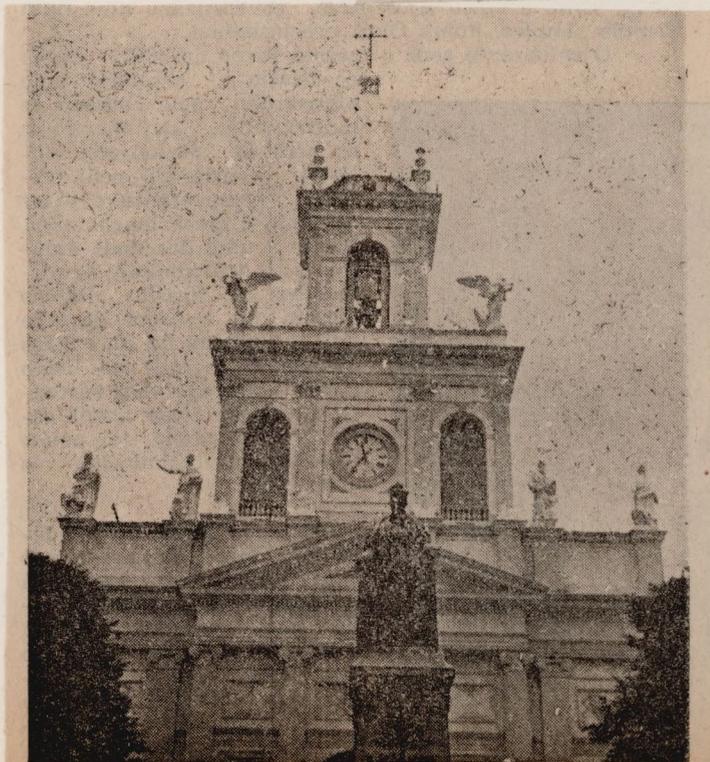
2.o) — Além dos adoradores avulsos, isto é, todos os católicos de boa vontade que, espontaneamente, fazem suas visitas e adorações a Jesus Sacramentado na Sede da Adoração, a Obra mantém uma organização para o incremento e perseverança do culto eucarístico: são os adoradores de compromisso que constituem a Guarda de Honra.

3.o) — Esta Guarda de Honra, porém, não constitui nenhuma associação; ela se compõe apenas de pessoas que se comprometem fazer num dia e hora determinados a Hora da adoração.

Para isto basta apenas dar o seu nome ao Secretariado, não assumindo outras obrigações que fazer, somente, a sua hora de guarda.

4.o) — Este compromisso pode ser: fazer uma hora ou meia hora todos os dias (adoradores de compromisso diário), uma vez por semana (adoradores de compromisso semanal), uma vez por mês (adoradores de compromisso mensal).

Esse compromisso não obriga sob pecado e por isso qualquer causa justa pode dispensar daquele ato de piedade. Entretanto, os adoradores farão todo o sacrifício para não faltarem à sua hora, lembrando-se que Jesus os espera com amor e fidelidade.



Durante 25 anos, a Catedral de Campinas foi, provisoriamente, a Sede da Obra. Agora vai ceder essa honra para o

Dom Paulo de Tarso Campos Homenageado Pela Câmara Municipal

A Câmara Municipal de nossa cidade prestou significativa homenagem ao Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, pela comemoração de seus 25 anos de episcopado em Campinas. A homenagem se realizou no dia 22 pp., em Sessão Solene, presidida pelo Dr. Romeu Santini, Presidente da edilidade campineira, presentes representantes de inúmeras entidades religiosas, culturais e beneficente de Campinas, autoridades civis e militares.

O Sr. Arcebispo, por motivos de saúde não pôde comparecer. Representou-o S. Excia. Revma. o Sr. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira. Após a saudação, a cargo do Vereador Sr. João Araujo Cunha, autor da idéia da homenagem, o Sr. Arcebispo Coadjutor disse dos sentimentos de Dom Paulo de Tarso Campos e a sessão foi encerrada pelo Dr. Romeu Santini.

DIÁRIO DO POVO - 15/7/1967

Templo Votivo foi entregue ontem à comunidade católica da cidade

Com a presença de grande número de sacerdotes e fiéis, além do arcebispo Metropolitano, sr. Dom Paulo de Tarso Campos a Arquidiocese de Campinas entregou ontem aos fiéis o Templo Votivo da Obra da Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento.

A solenidade teve início às 17 horas com a concelebração de missa votiva da Santíssima Eucaristia por 24 sacerdotes, presidida por D. Paulo de Tarso Campos, que foi iniciada com o intróito, seguindo-se gradual, aleluia, ofertório e comunhão com todos os presentes dizendo "todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes do cálice anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha. Portanto todo aquele que indignamente comer o pão ou beber o cálice do Senhor, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Aleluia".

Todos os sacerdotes das inúmeras paróquias de Campinas estiveram presentes ao ato inaugural do Templo Votivo que foi em comemoração a dois jubileus, ou seja da obra da Adoração Perpétua e de D. Paulo de Tarso Campos à frente da Arquidiocese de Campinas.

DOIS JUBILEUS

Há 25 anos D. Paulo to-

mava posse da Diocese de Campinas, em substituição a Francisco de Campos Barreto, que faleceu no ano de 1941. Logo após a posse de D. Paulo, realizou-se o Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, quando ficou então determinado o Culto Perpétuo ao Santíssimo Sacramento. Planejou-se então a construção do Templo Votivo, mas que em virtude da falta de verbas e de local para sua construção, os planos ficaram apenas no pensamento.

Após a doação do terreno, pela Fundação Odilla e Lafaiete Alvaro, é lançada no ano de 1954, a pedra fundamental e são iniciadas as obras do Templo Votivo. Durante anos as obras prosseguiram lentamente, tomando um maior impulso no ano de 1963. No princípio de 67, quando estavam elaborando o programa para as comemorações do jubileu de D. Paulo as obras foram novamente aceleradas.

O TEMPLO

O Templo Votivo foi construído baseado na moderna arquitetura brasileira, com todo o seu espaço interior livre, pois não existe nenhuma coluna. O piso do templo é

todo feito em mármore e granito, formando o que se chama piso romano.

Os vitrais, em sua maioria coloridos e com desenhos, custaram mais de um milhão de cruzeiros há dois anos. Muitos milhões de cruzeiros custou a obra do Templo Votivo, desde o seu início até os dias atuais, faltando ainda a conclusão da torre, com aproximadamente cinquenta metros de altura. Outra parte bastante artística, que se encontra no interior do templo

é o trono do Santíssimo Sacramento, todo elaborado em mármore e gesso, patinado em ouro, autoria do sr. Olavo Sampaio.

As comemorações alusivas aos jubileus de D. Paulo de Tarso Campos e da Obra da Adoração Perpétua serão encerradas amanhã, em dependências do Templo Votivo, com a realização de solene hora santa. Também a esse ato litúrgico estarão presentes vários sacerdotes e fiéis, da arquidiocese.



Inauguração do Templo Votivo. Dom Paulo de Tarso Campos preside a solenidade

INAUGURAÇÃO DO TEMPLO VOTIVO

Com a concelebração do Arcebispo Dom Paulo de Tarso Campos e 24 sacerdotes, no próximo dia 14 do corrente, dar-se-á a inauguração do Templo Votivo ao SS. Sacramento, situado à rua Regente Feijó, 1359.

No dia 16, isto é, domingo próximo, no Templo Votivo, haverá uma Solene Hora Santa, às 16 horas, pregada por diversos pregadores e à qual prestarão sua colaboração os Corais: Pio XI, Imaculada, Bom Jesus, e Salmistas da Imaculada.

Delegações das Paróquias da cidade e do interior, Irmandade do SS. Sacramento, Adoração Noturna, Vicentinos, Congregados, Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco — Federação Mariana Feminina, Legionários, o povo de Campinas deverão concentrar-se no L. da Catedral, às 15,30 horas, donde partirá o cortejo do Templo Votivo.

ESTÉTICA

A Diocese de Campina está entregando a cidade mais um templo, numa demonstração de vitalidade da Igreja Católica. É um momento que deverá se perpetuar no tempo. Cabe agora à Prefeitura colocá-lo com dignidade na paisagem urbana, pois se hoje ele aparece altaneiro entre prédios de um pavimento, amanhã ficará envolvido por prédios de 10 ou mais andares com paredes lisas de 50 metros de altura ou pior ainda, com suas áreas de serviço. A solução não é difícil, nem cara. Requer apenas boa vontade, e sentimento cívico das autoridades e dos proprietários vizinhos. Do lado direito existe um terreno não construído, usado atualmente como área para estacionamento de automóveis. A Prefeitura projetaria uma passagem para pedestres, com mais ou menos 7 metros de largura, permitindo, no remanescente, a construção de um prédio, de maior altura, com lojas abrindo para a referida passagem. Nos fundos desapropriaria duas velhas casas, já incluídas no plano de alargamento da rua José Paulino. No remanescente seria construído um pequeno jardim. No lado esquerdo, a melhor solução seria desapropriação

total do prédio situado na esquina da Rua Regente Feijó, com a R. Benjamin Constant, não para demoli-lo, mas para usá-lo em alguma finalidade educativa ou social, mantendo assim, um prédio baixo com características arquitetônicas do começo do século. Não sendo possível o que foi proposto, estudar-se-ia uma solução idêntica a do lado direito, a abertura de uma passagem de pedestre em "L", passando pelo jardim e quintal do prédio, uma compensação na área construída, e a obrigatoriedade de um prédio com quatro fachadas. Com essas medidas, a bela torre do Templo Votivo, permaneceria visível para os campineiros, num testemunho de fé, espírito comunitário e de interesse pela nossa tão mal tratada estética urbana.

CORREIO POPULAR — Domingo, 9 de Julho de 1967

"CORREIO POPULAR" - 12 de julho de 1967.

Templo Votivo: arcebispo e 24 sacerdotes na celebração inaugural

Depois de amanhã, às 17 horas, o arcebispo Dom Paulo de Tarso Campos e mais 24 sacerdotes concelebrarão a cerimônia inaugural do Templo Votivo. A intenção da Santa Missa será pelos benfeitores vivos e falecidos, D. Isoleth Aranha, sr. Domingos de Moraes e sra., D. Odila Ferreira Alves, dr. Lix da Cunha e todos os demais colaboradores da obra.

No dia 16, como parte do programa inaugural, partirá do Largo da Catedral um cortejo rumo ao Templo Votivo, onde se realizará hora santa, pregada por 4 sacerdotes, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, arcebispo coadjutor; cônego Waldemiro Caran; padre Roberto Pinarello e cônego Olavo Braga Scardigno. Nos intervalos das pregações cantarão, de acordo com os fins do Santo Sacrifício, os corais Pio XI, Imaculada, Bom Jesus e coral masculino da catedral.

Arquidiocese entregará hoje o Templo Votivo aos fiéis

A Arquidiocese de Campinas fará realizar hoje, a solenidade de inauguração do Templo Votivo, uma das obras de maior vulto no gênero, já erigida na cidade. Trata-se da parte material do Culto Público Social ao Santíssimo Sacramento, instituído por D. Paulo de Tarso Campos, pelos Idos de 1942, quando aquele prelado tomava posse da Diocese de Campinas, em substituição a Francisco de Campos Barreto.

A instituição do Culto deu-se por ocasião do 1.º Congresso Eucarístico Diocesano, esboçado por D. Barreto e levado a efeito por D. Paulo de Tarso Campos. Uma das resoluções desse concílio foi a instalação da obra do Culto Perpetuo ao Santíssimo Sacramento. Na mesma oportunidade planejou-se então a construção do Templo Votivo, mas sem verbas e sem local determinado para a construção. A idéia ficou amadurecendo até 1954, quando foi lançado a pedra fundamental, em terreno doado pela Fundação Odila e Lafayette Alvaro, na rua Regente Feijó.

As obras prosseguiram em ritmo acelerado até o ano de 1958, quando então foram praticamente paralisadas, tendo em vista que o Arcebispo queria que a construção fosse efetuada apenas baseada na

colaboração espontânea dos fiéis. Assim, quase que desconhecida a construção do Templo, arrastou-se até o ano de 1963, quando então recebeu novo alento, com a força suficiente pa-



O Templo Votivo, à rua Regente Feijó.

ra impulsionar as obras até o corrente ano, quando se comemora o jubileu de D. Paulo de Tarso Campos.

No princípio do ano, quando se estudava um roteiro para as comemora-

ções alusivas ao jubileu de D. Paulo, as obras foram novamente aceleradas, mas desta feita de forma bastante sensível, o que proporcionou a entrega do Templo aos fiéis para o dia de hoje.

CUSTOU CARO

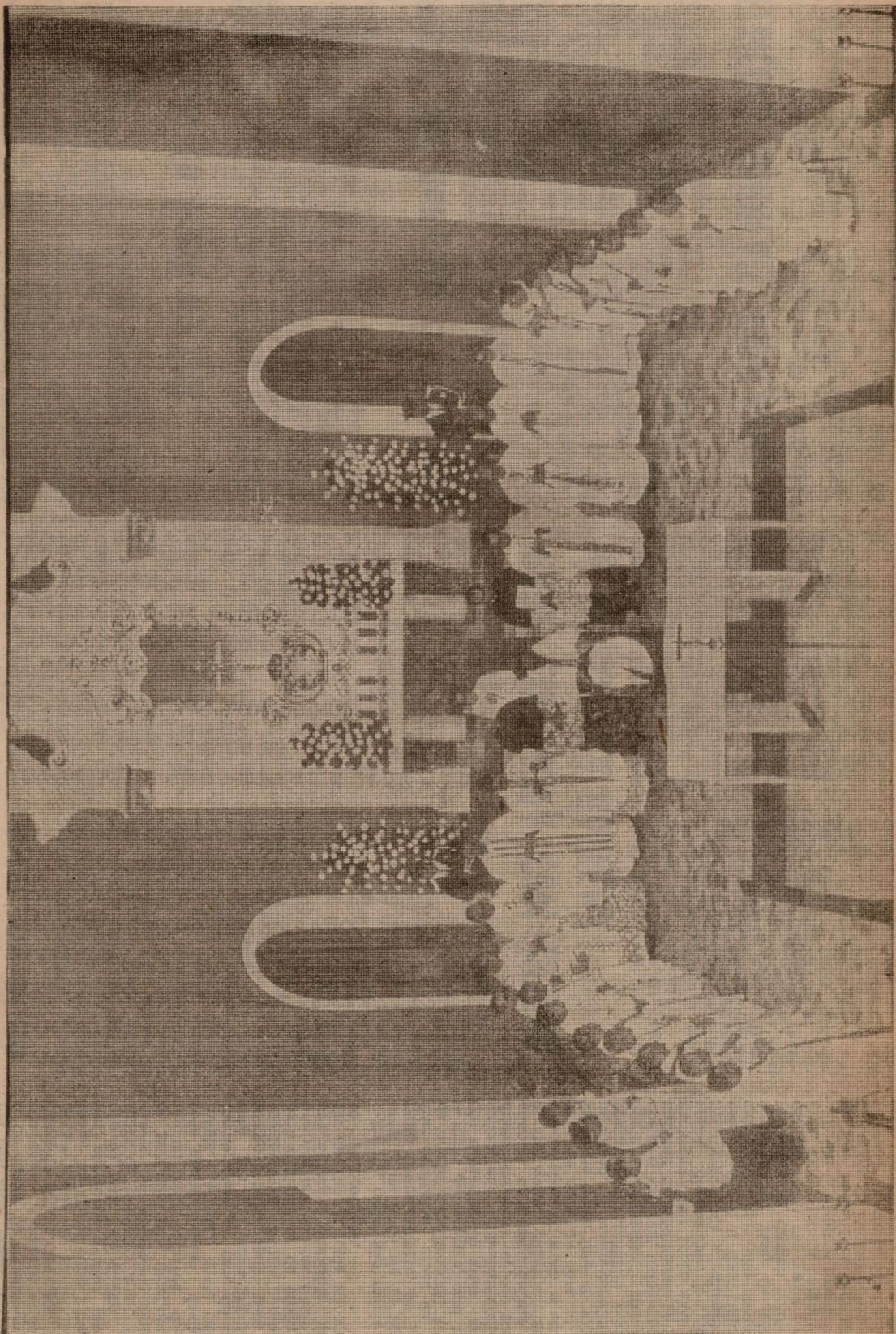
A construção do Templo Votivo ficou bastante cara, tendo em vista que os materiais empregados nas obras são de primeira qualidade. Os vitrais, por exemplo custaram, na época de sua compra, no ano de 1965, cerca de um milhão e quatrocentos mil cruzeiros antigos. Foram colocados nove desses vitrais em todo o templo. O projeto de construção é de autoria do engenheiro Benedito Calixto, mas o estudo de cores foi feito pe-

lo professor Olavo Sampaio, que também elaborou em mármore e gesso, patinado em ouro, o trono do Santíssimo Sacramento.

PROGRAMA

A inauguração do Templo Votivo dar-se-á hoje às 17 horas, com concelebração de 24 sacerdotes, presidida por D. Paulo de Tarso Campos, Arcebispo Metropolitano de Campinas. No domingo, dando prosseguimento às comemorações alusivas ao Jubileu de D. Paulo e à inauguração do templo, será realizado, às 16 horas, solene hora santa. Estes dois atos abrirão ao culto público o Templo Votivo, onde ficará definitivamente instalada a Obra da Adoração Perpétua.

O templo de todos



Este é um templo que não será paróquia. É a reunião de todas elas. Obra máxima de D. Paulo de Tarso Campos, constitui a parte material do culto da Adoração Perpétua. Sua inauguração no dia de ontem, quando D. Paulo, acolitado por 24 sacerdotes celebrou Missa Solene, coincide com a data em que se comemora o Jubileu da posse do Arcebispo Metropolitano de Campinas. A entrevista do Príncipe da Igreja, a respeito dos seus 25 anos em nossa cidade, e a inauguração do Templo Votivo estão na pág. 6. (Foto: José de Oliveira).

Entregue ontem aos fiéis

TEMPLO VOTIVO MARCA JUBILEU DE D. PAULO

Texto: Roberto De Godoy Marques Filho

Fotos: José de Oliveira



D. Paulo de Tarso Campos, quando falava a reportagem do Correio Popular, a respeito do jubileu de sua posse, como autoridade máxima da Igreja em Campinas

A ideia do templo é antiga. Desde 1942 que o fiel campineiro aguarda a obra que vai sediar a Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento.

Tudo começou com a vinda de D. Paulo de Tarso Campos a esta cidade, onde o então bispo substituiria a figura notável de D. Francisco de Campos Barreto. O jovem príncipe da Igreja, que aqui chegava, anteriormente já havia dirigido a diocese de Santos, e naquela cidade costeira, deixando a marca inimitável de sua administração proveitosa. Seu primeiro ato foi instituir a Obra da Adoração Perpétua e planejar a construção de um Templo Votivo, a este sacramento, tido como o principal da religião católica.

A história da construção é longa, mas de breves parágrafos. Inicia-se em 1954, com a doação do terreno, sito à rua Regente Feijó, a altura do n.º 1300, e em seguida a pedra fundamental — um hiato, obras paralisadas até 1956 — quando os alicerces foram afixados, e então decorridos dois anos, a obra parou. Até 1963, nem um tijolo foi acrescentado aos já colocados. De lá, até janeiro do corrente, a coisa foi acelerando e ontem, em meio a uma das mais expressivas festividades que Campinas já presenciou, a Arquidiocese, entregou aos católicos, o seu Templo Votivo.

A INAUGURAÇÃO

As 17 horas precisamente,

meio a uma salva de tiros de canhão, e repicar dos sinos das igrejas em toda a cidade, teve início a solenidade que inaugurou o novo templo. A Santa Missa, oficiada por D. Paulo de Tarso Campos, foi acolitada por 24 sacerdotes das mais diversas paróquias, e estiveram presentes, prestigiando o evento, diversas autoridades civis e militares, assim como numero bastante alto de membros do clero em Campinas, que no dia 13, encerraram o Retiro Geral. Amanhã, dia 16, as festividades de inauguração terão prosseguimento de acordo com o seguinte programa: partindo do largo da Catedral, um cortejo rumo ao Templo Votivo, onde se rea-

lizará hora santa, pregada por 4 sacerdotes, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, arcebispo coadjutor; cônego Waldemiro Caran; padre Roberto Pinarelli e cônego Olavo Braga Scardigno. Nos intervalos das pregações cantarão, de acordo com os fins do Santo Sacrifício, os Corais XI, Imaculada, Bom Jesus e coral masculino da Catedral.

O JUBILEU DE D. PAULO

A inauguração do Templo Votivo, é principalmente um presente que a Arquidiocese dá a D. Paulo, pela passagem do jubileu da posse deste último, como autoridade máxima da Igreja em Campinas. Assim sendo, a reportagem do Correio Popular, manteve na tarde de ontem, contato com o Arcebispo Metropolitano, que em breves palavras, falou a respeito de inúmeros assuntos, bastante oportunos em particular, pela efeméride que nestes dias a Igreja comemora em Campinas.

Inquirido a respeito da impressão que teve de Campinas, quando aqui chegou em 1942, respondeu D. Paulo: "Assim, a distancia, de 25 anos, não é fácil de me lembrar; mas é fácil de presumir: as impressões dominantes teriam sido de temor, pelas grandes responsabilidades que me caíam sobre os ombros, e de confiança, pela grande generosidade com que me acolhiam os campineiros. Certo, também, que experimentei uma grande alegria — a alegria do pastor que vai ao encontro do seu rebanho".

Prosseguindo, nosso arcebispo falou do conceito em que tinha o seu antecessor, D. Francisco de Campos Barreto, exprimindo-se assim: "Um homem de Deus. O traço predominante de sua fisionomia moral, foi sempre o zelo apostólico. E essa impressão que desse tive, se acentuou sempre mais, à medida em que fui conhecendo melhor a grande obra que ele me legou".

Recordando os 25 anos de lutas, e campanhas, D. Paulo salientou como suas principais obras, a catequese e as vocações sacerdotais, dentro deste tema foram suas palavras textuais:

"Há duas grandes obras que são fundamentais na vida da Igreja: A Obra das vocações sacerdotais e a Catequese. A Obra das vocações,

que garante a permanência dos pastores, do sacerdócio ministerial ou hierárquico, sem o qual a Igreja não pode subsistir.

A esta obra, que constituiu sempre uma preocupação constante de nossos predecessores, procuramos dar todo o incentivo de que fomos capazes, de sorte que, com a graça de Deus e a decidida colaboração de nosso clero e de nossos diocesanos, conseguimos ver ordenados, durante estes 25 anos, 67 novos sacerdotes diocesanos, dentre os 103 que hoje enriquecem os quadros apostólicos de nossa Arquidiocese.

Outra obra de fundamental importância na Igreja é a Catequese. No cumprimento de sua tarefa educativa e santificadora, a Igreja se utiliza de todos os recursos idôneos. De maneira especial, entretanto, se serve daqueles que lhe são próprios. E entre estes figura em primeiro lugar a formação catequética, que instrui e fortifica a fé, que nutre as virtudes cristãs, levando os fiéis a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico e despertando-os para as suas responsabilidades apostólicas.

Essa a razão porque a obra Catequética sempre nos mereceu um cuidado especial, sobretudo agora, após as novas perspectivas abertas pela renovação conciliar. Atualmente, além das organizações normais dos trabalhos catequéticos, de equipes de sacerdotes, religiosas e leigos em estudos especializados no Chile, o clero de Campinas promove Congressos catequéticos em várias regiões do Arcebispado. Neste momento já se encontra em adiantada fase de preparação o quarto Congresso a ser realizado, em Outubro, em Valinhos".

A MENSAGEM

Encerrando a sua breve entrevista à reportagem de CP, D. Paulo enviou uma mensagem aos fiéis campineiros. Na íntegra é o seguinte texto que compõe o pronunciamento de D. Paulo: "Um agradecimento comovido a todos os que, de qualquer modo, cooperarem comigo nestes vinte e cinco anos e uma prece ardente a Deus Nosso Senhor para que abençoe sempre a este generoso e querido Povo de Campinas — da Cidade e da Arquidiocese".

"CORREIO POPULAR"

Campinas, 15 de julho de 1967.

A Palavra de Dom Siqueira

Ao ensejo da solene Concelebração Eucarística por ocasião da inauguração do Templo Votivo ao SSmo. Sacramento, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira pronunciou a seguinte oração.

"Um sonho lindo, acalentado 25 anos, se faz realidade. Inaugura-se, em nossa metrópole de Campinas, o Templo Votivo da Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento.

O pensamento nasceu no coração ardente de um Bispo que reunira em torno de um Triunfo Eucarístico todos os fervores de sua Diocese, engalanada e festiva, a encerrar, apoteoticamente, um Congresso Eucarístico excepcional, presença viva e dinâmica de Jesus Hostia na alma de uma cidade siderada em adoração e amor.

Três flores eucarísticas adornam a augusta solenidade desta hora:

25 anos de pastoreio fecundo de um Bispo que vive das flamas de sua Eucaristia;

25 anos da instalação e indiscontínuos trabalhos da Adoração Perpétua em nossa cidade;

193 anos da Primeira Missa celebrada em Campinas.

Há quase duzentos anos, pois, que neste 14 de julho predestinado, o Mistério Eucarístico alvoreceu sobre nossa Cidade, na primeira missa rezada na Capela de Francisco Barreto Leme, por Frei Antonio de Pádua, primeiro vigário de Campinas, marcando assim a fundação da Metrópole.

O Mistério Eucarístico que aqui frutificou tantas operosidades e salvaçãoes, tantas virtudes e tantos méritos, tanta união ao Senhor e tantos momentos de Paraíso... E que agora refloresce, em outra aurora feliz, em nova fase luminosa, numa promessa de Fé e de Amor, centro de todos os trabalhos e obras de piedade e de apostolado da Arquidiocese, centro de todos os labores, sol de todos os amores!

O Mistério Eucarístico! Que, na palavra e ensinamento dos Sumos Pontífices Pio XII "Mediador Dei", Paulo VI, na "Mysterium Fidei", das orientações do Concílio Vaticano II "Presbyterorum Ordinis", das recentíssimas determinações da Igreja "Eucharisticum Mysterium", maio 67, *"deve ser considerado em toda a sua amplitude, tanto na própria celebração da Missa, como no culto das Sagradas Espécies, que depois da Missa se conservam, para prolongamento da graça do Sacrifício"*.

Pio XII advertia aos Congressistas de Assis como *"no Tabernáculo o Senhor está presente enquanto duram as espécies consagradas, de tal sorte que não satisfeito com permitir que os fiéis visitem o Senhor no Tabernáculo, o movimento litúrgico se há de esforçar para atraí-los a Ele cada vez mais"*.

Dessarte, junto ao Sacrário, na adoração e vigílias de nossas Horas Santas, melhor aprofundaremos o conteúdo da catequese eucarística, que nos traz à Santíssima Eucaristia como ao verdadeiro centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja Universal, como para as comunidades locais dessa Igreja.

"Porquanto, expõe o Decreto "Eucharisticum Mysterium", os demais Sacramentos, como aliás todos os ministérios eclesiásticos e tarefas apostólicas se ligam à Sagrada Eucaristia e a Ela se ordenam. Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo, dando vida aos homens através de sua Carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo. Desta forma são os homens convidados e levados a oferecerem a si próprios, seus trabalhos e todas as coisas criadas, juntamente com Ele. A Comunhão da vida divina e a unidade do Povo de Deus, pelas quais a Igreja subsiste, são aptamente significadas e admiravelmente realizadas pela Eucaristia. Nela está o cume tanto da ação pela qual Deus em Cristo santifica o mundo, como do culto que os homens prestam a Cristo e por ELE ao Pai no Espírito Santo. E a sua celebração contribui do modo mais excelente para que os fiéis exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja". (N.º 6).

Depois da assistência e participação aos Mistérios Eucarísticos, toda a nossa vida será uma florescida Ação de Graças em adoração que agradece, repara, implora, mais e mais dispondo nosso coração às ulteriores participações de nossas frequentes Missas e Comunhões. Este é o sentido genuíno, segundo a Igreja do Concílio, para nossa Adoração Perpétua, que como a nossa Ação de Graças se vai estender ao longo de nossos dias e ao longo de nossa vida, continuando o clima fervoroso do culto sacrificial que alimentou de Deus nossas almas sequiosas e felizes.

Estaremos aptos e aprofundar com mais íntima reflexão, as conseqüências da celebração eucarística em nossa vida quotidiana. Pede-nos a Santa Igreja no mais recente documento eucarístico, que *"os fiéis devem manter nos costumes e na vida o que receberam pela Fé e pelo Sacramento na celebração da Eucaristia. Procurem pois em ação de graças, viver toda a sua vida na força do alimento celeste participando na morte e ressurreição do Senhor. E, assim, depois de ter tomado parte na Missa, cada qual seja solícito em fazer boas obras e agradecer a Deus, e viver retamente, dedicando-se à Igreja, fazendo aquilo que aprendeu e*

crecendo na piedade... Propondo-se a imbuir o mundo do espírito cristão e a transformar-se em testemunha de Cristo, em tudo, no seio da comunidade humana. Pois, não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver como raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia, que há de constituir assim, o início da educação de todo espírito comunitário". (N.º 13).

Recorda-nos ainda a Santa Igreja as diretivas de nossa piedade na adoração perene de nossas Horas Santas: "Os fiéis, adorando a Cristo presente no Santíssimo Sacramento, lembrem-se de que esta Presença deriva do sacrifício e tende por sua vez à Comunhão sacramental ou espiritual. A mesma piedade que leva os fiéis à Santíssima Eucaristia move-os também a participar inteiramente do mistério pascal e corresponder com alegria ao dom Daquêle que, por sua Humanidade, sem cessar infunde a vida divina nos membros de seu Corpo.

Os que moram com Cristo gozam de sua íntima familiaridade e diante Dê-le, derramam o seu coração, por si e por todos os seus, e oram pela paz e salvação do mundo. Oferecendo tôda a sua vida com Cristo ao Pai, no Espírito Santo, com êsse admirável intercâmbio aumentam a Fé, a Esperança e a Caridade. Assim alimentam aquelas retas disposições que, com a vida de devoção, os moverão a celebrar o memorial do Senhor, e a receber com frequência o Pão que o Pai nos deu. Dessarte, procurem esforçar-se os fiéis para venerarem a Cristo Senhor no Sacramento em função de sua própria vida". (E. M. n.º 50)

Será essa pois a nossa vida. A mesma vida do Senhor, fecundando e iluminando todos os nossos esforços, tôdas as nossas iniciativas, enriquecendo-nos as alegrias e ameiçando as nossas cruces. Um foco de novas energias, uma comunhão abençoada com todos os nossos irmãos, um dinamismo vigoroso para que realizemos tôdas as nossas responsabilidades na Igreja Nova do Povo de Deus!

Cumpra-nos agradecer de coração ao Senhor. A primeira Missa, de duzentos anos, tôdas as Eucaristias e tôdas as santificações, esta Primeira Missa no Templo Votivo e tôda a energia substancial e missionária que o Senhor nos vem trazer para a nova fase de sua Presença entre nós.

Nós seremos fiéis.

E Lhe juraremos Fé e Amor.

Piedade e apostolado.

Flama no coração, suas palavras em nossos lábios, seus gestos em nossas mãos, seu espírito em nossa vida.

Guardaremos a fidelidade às alegrias de hoje.

Alegrias do coração de nosso Pastor, da alma de nossa cidade, do âmago de nossas vidas, da felicidade de todos os colaboradores e benfeitores dêste Templo Augusto de Divina Presença.

E pronunciaremos agora essa nossa gratidão a Jesus. Com piedade, com ênfase, com emoção. Com a mesma amorosa ventura com que o diremos no Paraíso:

Obrigado, Senhor, porque viestes!

Ficai, agora, conosco. Para sempre.

INAUGURADO SOLENEMENTE O TEMPLO VOTIVO AO SSMO. SACRAMENTO

A Arquidiocese viveu um de seus grandes dias a 14 de julho pp. O Templo Votivo ao SSmo. Sacramento foi solenemente inaugurado, realizando-se assim o sonho e voto de S. Excia. o Sr. Dom Paulo de Tarso Campos. Em 1942, primeiro ano do episcopado de S. Excia. entre nós, ao término do Congresso Eucarístico Diocesano, a cidade e Diocese assumiram o compromisso de erigir o Templo Votivo e manter sempre acesa a chama da Obra da Adoração Perpétua.

CAMPANHA FINAL

Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, Arcebispo Coadjutor, apenas empossado devotou-se à organização das comemorações do duplo feliz Jubileu da permanência de Dom Paulo de Tarso Campos à frente da Arquidiocese e da existência da Obra da Adoração Perpétua.

A 2 de fevereiro tinha início a Campanha Pró Templo Votivo, já levantado em sua estrutura fundamental. Todas as Paróquias e muitas instituições coordenaram os próprios esforços, visando ao levantamento de fundos para terminar o Templo e possibilitar ao Pastor da Arquidiocese, no dia de sua sagração episcopal — 14 de julho — a realização do antigo voto.

Várias etapas foram percorridas com êxito até a inauguração do Templo Votivo: Circular do Sr. Arcebispo Coadjutor, Missa em Ação de Graças, em fevereiro, Homenagem do Clero, em março, Corpus Christi, em maio e, finalmente, a solene Concelebração Eucarística do dia 14 pp.

SR. ARCEBISPO PRESIDE CONCELEBRAÇÃO

Às 17 hs. do dia 14 de julho o Templo Votivo, já acabado e esplendoroso em seu interior, recebia numerosos adoradores, a cuja frente se encontravam Dom Paulo de Tarso Campos, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, Dom Idílio José Soares, o Cabido Metropolitano, perto de 100 sacerdotes e inúmeras religiosas.



O ponto alto das comemorações do Jubileu do Episcopado de Dom Paulo de Tarso Campos em Campinas, foi a solene Concelebração Eucarística do dia 14 pp., presidida por S. Excia. Revma. Ao lado do Pastor estavam 24 sacerdotes concelebrantes, quase todos à frente de Paróquias criadas pelo Sr. Arcebispo nestes 25 anos. A Concelebração, vivamente participada por densa e piedosa comunidade de fiéis, realizou-se no recém inaugurado Templo Votivo.

Nosso clichê fixa o momento da consagração, em expressivo rito. Ao centro, no altar "versus populum", Dom Paulo de Tarso Campos. Ao fundo, o belo altar mór, destinado à exposição solene do SSmo. Sacramento. A solenidade revestiu-se de rico simbolismo: cada concelebrante agradeceu a Deus um ano de fecundo pastoreio de Dom Paulo na cidade e Arquidiocese de Campinas. O Templo Votivo, então inaugurado, assinala o coroamento de 25 anos de importantes realizações.

Simplesmente comovente a Concelebração Eucarística presidida pelo venerando Pastor da Arquidiocese. Cercado por verdadeira coroa de 24 presbíteros, quase todos ordenados por S. Excia. e párocos de comunidades criadas durante êstes 25 anos, brotou do coração de todos os presentes o sentimento mais vivo de ação de graças pelo Templo Votivo, pela Obra da Adoração e pelo pastoreio longo e fecundo de Dom Paulo.

Dom Siqueira, em oração que transcrevemos neste mesmo número d'A Tribuna, realçou, com propriedade e unção, o momento verdadeiramente histórico. O Coral das Missionárias de Jesus Crucificado abrilhantou a solenidade, intensamente participada por tôda a numerosa comunidade eucarística presente ao ato.

NOVO TRONO EUCARÍSTICO

No domingo, dia 16, numerosos adoradores peregrinaram da Igreja Catedral ao Templo Votivo. Às 15,30 hs. o Sr. Arcebispo Coadjutor celebrou a Santa Missa. E a seguir, já perante o Senhor solenemente exposto em seu Novo Trono Eucarístico, foi pregada solene Hora Santa. Os vários quartos de hora estiveram confiados a Dom Siqueira, ao Sr. Cgo. Waldomiro Caram, Cura da Catedral, ao Sr. Pe. Roberto P. de Almeida, Diretor do Colégio Universitário "Pio XII" e ao Sr. Cgo. Olavo Braga Scardigno, Diretor da Obra da Adoração Perpétua.

A partir, pois do dia 14 pp. a Obra da Adoração Perpétua, em seu Jubileu de existência, passa a ser definitivamente sediada no Templo Votivo. Evento de transcendental importância a comovente homenagem da Arquidiocese a Dom Paulo de Tarso Campos, comemorando o Jubileu de sua permanência à frente de seu feliz rebanho.

CAMPINAS, 205 ANOS

Templo votivo, sua história

O TEMPLO VOTIVO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO comemora neste mês de julho suas maiores e mais significativas datas, com uma **TARDE DE AÇÃO DE GRAÇAS: INSTALAÇÃO DA OBRA DA ADORAÇÃO PERPÉTUA — INAUGURAÇÃO DO TEMPLO VOTIVO — ORDENAÇÃO EPISCOPAL DO EXMO. SR. ARCEBISPO METROPOLITANO, DOM ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA**. Essas comemorações se realizarão no dia **29 de julho, domingo, às 16 horas**. A parte de canto está a cargo do Coral de Nossa Senhora do Carmo, regido pelo Maestro Prof. Mario Scolari.

INSTALAÇÃO DA OBRA DA ADORAÇÃO PERPÉTUA NA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS — 37 ANOS

Desejando incrementar em seu povo uma autêntica e frutuosa vida cristã, o Exmo. Sr. Dom Paulo de Tarso Campos, de santa e feliz memória, assim se expressava em sua Carta Pastoral de 1946: "Ao encerrarmos o Congresso Eucarístico Diocesano de 1942, fizemos todos um voto de instalar na Sede do Bispado a OBRA DA ADORAÇÃO diurna. E, após um desfile imponentíssimo, dada a Bênção final à imensa multidão que se comprimia na praça do Congresso, foi Nosso Senhor Sacramentado solenemente erguido ao Trono da Adoração na Capela do Santíssimo da nossa Catedral..." A OBRA DA ADORAÇÃO não é apenas uma Obra da Diocese, mas ha de ser a alma de todas as obras que devem ver permanentemente de seu sopro eucarístico "costuma dizer"...

A OBRA DA ADORAÇÃO PERPÉTUA, é, pois uma Obra arquidiocesana. Não se constitui em associação religiosa. O seu desenvolvimento se faz através de grupos de serviço, da generosidade dos voluntários, onde quer que se exerça sua atividade, conscientes de sua fé e da validade pastoral dos momentos de adoração, tão encarecidos pelos Santos Padres Papa Paulo VI e João Paulo II.

Nesta jornada de bem aventurados caminheiros, adoradores sempre presentes no Templo Votivo buscam retemperar suas energias espirituais, encontram alento e vigor para a solução de seus problemas. E a adoração individual enriquecendo suas vidas. E na adoração social, intensificando sua vida comunitária no dialogo do grupo com Cristo Eucarístico, levam para os irmãos o amor que esse Misterio ensina. Assim, os momentos de adoração são de pleno rendimento espiritual para o indivíduo, para a sociedade, para a Igreja.

INAUGURAÇÃO DO TEMPLO VOTIVO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO — 14 DE JULHO DE 1967

Precisamente, há 12 anos, inaugurava-se o Templo Votivo do Santíssimo Sacramento. Coube ao Exmo. Sr. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, nosso amado Arcebispo, a graça de concluir o Templo Votivo, como dádiva peregrina ao Jubileu de Prata Episcopal do Sr. Dom Paulo, bastante enfermo. Conclamou as forças da Arquidiocese: Clero, Religiosa, leigos uniram-se no mesmo ideal e o Templo Votivo surgiu no centro de nossa cidade. O Templo Votivo é a sede da Obra da Adoração Perpétua. Está situado à rua Regente Feijó, 1359. É o Centro de reflexão do povo campineiro. A vivencia deste Misterio nos faz compreender que ninguém pode se dizer só, isolado, abandonado. "Não vos deixarei orfãos". Em Circular dirigida à Arquidiocese,

assim se expressava o Sr. Dom Antonio: "O TEMPLO VOTIVO é um Sacrário de Adoração, um Fanal de esperanças, um Centro flamejante de vida. É a Diocese de mãos erguidas em oração perene como que fixada num grande momento de Elevação Eucarística, na missa incessante, que abençoa todos os momentos de nossa jornada cristã". "O TEMPLO VOTIVO é o Coração da Pastoral e da piedade eucarística da Igreja de Deus em Campinas"...

De todas as idades e condições sociais penetram no Templo Votivo, onde Cristo está solenemente exposto das 8 às 18 horas, para uma parada reconfortante, ainda que lhes escasseie o tempo, ainda que só disponham de alguns momentos, porque bem sabem a força espiritual, a paz, que resulta da visita ao Santíssimo Sacramento.

ORDENAÇÃO EPISCOPAL DO EXMO. SR. DOM ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA — 32 ANOS

No calendário da gratidão do Templo Votivo as somas a data da Ordenação Episcopal do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano.

S. Excia. recebeu a Ordenação Episcopal em São Paulo, onde desenvolveu abençoado serviço, a 20 de julho de 1947.

Tomou posse da Arquidiocese de Campinas em 6 de dezembro de 1966. Os valores e dotes peregrinos que ornaram sua personalidade de Pastor engrandecem Campinas.

Aqui estamos, fazendo parte do progresso e do crescimento de Campinas, vivendo o mesmo trabalho de sempre, em busca do ideal maior, para servir bem e servir sempre.

CAMPINAS

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DAS DORES

A Entrada

A Matriz de Nossa Senhora das Dores, do Cambui, quem a contempla no seu exterior, se ve diante de uma igreja de tradicional estilo colonial que marcou a arte religiosa da Bahia e de Minas Gerais, transplantada para Campinas, cidade nova em confronto com as riquezas religiosas do passado rico e poderoso como fez ao Brasil o ouro de seu solo. Projetada pelo renomado arquiteto Heche Neger Segurado, já na sua escada frontal revela o carinho à totalidade da construção, de seus técnicos seus vigários e paroquianos, meticolosos e atentos às belezas de nosso estilo histórico, com um exuberante zelo pela perfeição e autenticidade da execução grandiosa, detalhada, perfeita e minuciosa como se esmerou em fazer, no seu acabamento, o artista nato e culto, seu principal orientador, o Professor Joaquim Olavo Sampaio.

Assim, a escada externa da entrada principal da igreja, se traçou em granito ^{"natural picolado"} ~~em granito~~ com degraus que se sobrepõe em suavidade, finalizando em vasto patamar condizente com a harmonia grandiosa do estilo, tendo por fundo a soberba porta principal e duas menores laterais, talhadas em imbuia, madeira nobre das fôndosas matas brasileiras, abrindo-se para o transepto^u que ostenta à sua direita, o batistério. (A)

O Batistério

Tem o batistério bem no centro de seu piso, a peça principal, a pia batismal inaugurada e benta pelo Senhor Bispo Diocesano, Dom Paulo de Tarso Campos, a 15 de setembro de 1948. No estilo da igreja, é toda de mármore de Carrara, assim como o altar encimado por um baixo relevo de São João Batista a quem é dedicado todo o ambiente. Ladeia a porta o armário para os Santos Óleos, toalha, veste litúrgica. As paredes de mosaico branco, ostentam dois painéis laterais, o da esquerda representa a maravilhosa passagem do Ato dos Apóstolos 8, em que Filipe batiza um ^valido de Cadace, rainha da Etiópia; o da direita, o Padre Anchieta batizando um índio, como a "alma brasileira voltando para o passado histórico da nacionalidade" em pugna ardorosa "pelo completo vicejar da fé católica que sempre foi e será o máximo fautor de sua inegável grandeza".

A Nave

Novamente no transepto, vislumbra-se a nave magestosa com seu

Na grande nave, à sua direita foi colocado o altar para o Coração de Jesus, cuja imagem, benta e entronizada a 7/3/1941 foi doada por Laudelina Magalhães. O altar, projeto do Prof. Joaquim Clavo Sampaio, fôra executado pelos Snrs. Odilon Rodrigues Nunes, Delemor Rodrigues Nunes, Primo Passarinho e João Tertuliano; os trabalhos em gesso feitos por Domingos Nucci e Ludovico Russo e a decoração e pátina por Franco Sacchi e Domingos De Rocco.

Estes mesmos artistas executaram também altar igual à frente do primeiro, para Nossa Senhora de Fátima, imagem mandada buscar em Portugal pelo Dr. Manuel Dias da Silva e sua esposa, que ainda custearam a confecção do altar.

Mais dois altares laterais, colocados no meio da nave: o de São José e o de Nossa Senhora Aparecida; o primeiro oferta das famílias Sampaio e Ferraz e do casal João Vedovelo. Ambos de mármore travertino executados pela Marmeraria Coluccini, o segundo oferta de Nair e Lix da Cunha, enquanto uma imagem de São Luís Gonzag foi doação de Congregados Marianos.

Dividem as paredes laterais da nave, colunas entremeadas por vitrais, confecção de Conrado Serghenitz, firma de alto conceito em sua produção artística em São Paulo, a saber: "Jesus aplacando as tempestades", em memória de Mário e Madalena Bianchi; "A Solidade" em memória de Antônio Lourenço; "A crucificação" em memória de Ataliba de Camargo Andrade; "Coração de Nossa Senhora" oferta de Carmen Delamain; "O Encontro de Jesus no Caminho Doloroso", oferta da família Lix da Cunha; "O Encontro no Templo", oferta da família Euclides de Arruda Camargo; "Fuga para o Egito", oferta da família Albette Martins; e a "Entrega das Chaves, oferta da família Dr. Manuel Dias da Silva.

Os quadros da Via Sacra, para os quais concorreram muitos paroquianos, passaram por reforma sob o artístico pincel de Franco Sachi, colocando-os em plano de arte e encantamento.

A iluminação da nave se compôs de dez candelabros entalhados em cedro e folheados a ouro, lindas e artísticas peças. O coro

recebeu seu órgão, benzido e inaugurado em noite de Natal, adquirido na Casa Hammond, de São Paulo; inaugurou-se também o jogo de relógios: um piloto na ante sala da Sacristia; três mostradores com diâmetros de 1,55 mts. e ponteiro iluminados em três faces da torre; dois relógios de parede, um na Sacristia e outro na sala de expedientes, tudo importado da Holanda.

Sob desenho de Joaquim Olavo Sampaio, Felipo Cosimato executou dois confessionários, um em cada lado da nave, embutidos

A construção da Sacristia obedeceu ao mesmo critério rigoroso de solidez e arte. Teve ela o seu piso elevado, permitindo o aproveitamento de seu sub solo que passou a abrigar ~~os~~ salões de reunião. Foi ela decorada e pintada pelo pintor Franco Sachi que executou no ferro dois quadros: o "Sacrifício de Abrão" e "os quatro evangelistas num céu onde se vê o cordeiro". "Os móveis tem almofadas pintadas a bico de pena e os entalhes revestidos de ouro.

IGREJA MATRIZ N.S.DAS DÓRES

PROJETO DO ENG.º HOCHÉ NEGER SEGURADO

PROJETO DO ACABAMENTO INTERNO E SUPERVISÃO TOTAL-JOAQUIM OLAVO SAMPAIO.

oo0oo

ESCADARIA:- Granito natural picolado.

PARAVENTO:- Armação em madeira cabreúva, com aplicação de entalhes, e ornado com vitrais gravados com jacto de areia, em suaves tons de amarelo e champanhe. A parte de madeira foi executada pela Carpintaria Erbolato, e os vitrais, por Vitrais Conrado Sorgenicht F.º, de S.Paulo.

BATISTÉRIO:- Construído em degrau, abaixo do nível do piso do Nartex, idéia clara de fonte, ou piscina, tradição mais bela e pura da fé cristã. O piso é de mármore veneziano, e no centro do recinto, uma cruz de mármore roxo floresta, onde está colocada a pia batismal. Esta peça, de origem italiana, é de mármore carrara, executada em um só bloco. Os alizares são de azulejos brancos, arrematados com recortes acompanhando todo desenho na parte superior, contornando toda parede. Do lado esquerdo da entrada, S.Felipe explica ao seu ministro, as verdades das Escrituras, e ele pede então para ser batizado. Do lado oposto, Anchieta batiza os gentios.

Este primoroso trabalho em tons de azul, fixado a fogo, foi executado pelo artista Gianini, da Vitrais Sorgenicht F.º.

Os vitrais, executados pela mesma firma, são em vidros belga, (antique), gravados com jactos de areia, em tons suaves de amarelo e violeta. O quadro em gesso representando S. João batizando, é de autoria do escultor Del Favero, de S.Paulo.

NAVE PRINCIPAL:- Piso em mármore e granitina. As paredes decoradas em gesso, com janelões em forma de balcão em estilo, emoldurados, e com balaústres. Os janelões estão situados entre duas colunas, assentadas em lambris de mármore preto. As colunas, com os respectivos capitéis, cornijas, frisos, modilhões, dentelos, etc., fazem a ligação do forro com as paredes. O forro é decorado com um grande quadro emoldurado, com pintura representando "A Sagrada Família e oferendas ao Sumo Sacerdote", trabalho do pintor e decorador, Franco Sacchi.

ALTARES:- Todos altares são executados sob desenho, em mármore Travertino, importado. Execução da Marmoraria Coluccini. O altar principal, em estilo Século XVIII, executado em alvenaria e gesso, é em mármore travertino. (Nota) As colunas são em Onix, brasileiro, encontrado no litoral do Est. de S.Paulo.

CONFISSIONÁRIOS:- Primoroso trabalho de entalhe executado por Felipe Cosimatto.

CANDELABROS:- Executados sob desenho, por Ernesto Rheimann, bem assim o retábulo e Sacrário do altar principal.

LÂMPADAS DO SS.:- As duas lâmpadas do SS. são em prata fôscas e polidas, executadas sob desenho, pela firma especialista em prataria, Alves Pinto, de S.Paulo. Esta firma, cujo nome é de grande

conceito em S. Paulo, foi a escolhida para confecção das duas Custódias, uma mais moderna em prata fôscas e polida, e outra em prata e ouro fôscas e polido. Estas duas peças foram executadas sob desenho em tamanho natural.

VITRAIS: - Seis nos balcões e um na fachada principal representando "As sete dores de N. S.", dois laterais representando o "Milagre da Multiplicação dos Peixes" e "Entrega das Chaves a S. Pedro" respectivamente.

RESUMO: - Projeto do Eng^o Hoche Neger Segurado.

Acabamento arquitetônico e artístico interno em estilo, foi projetado e supervisionado exclusivamente por Joaquim Olavo Sampaio.

Todo detalhe foi executado em tamanho natural, sombreado. Todas as peças foram modeladas em argila e reproduzidas em gesso, e posteriormente inutilizadas. O escultor Gustavo Biancalana, professor da Esc. Ind. Bento Quirino, foi o executor de toda escultura, com a colaboração do escultor Domingos Nucci.

Entalhadores: - Felipe Cosimatto e Ernesto Rheimann.

Mármores: - Marmoraria Coluccini, supervisionado por Trento Coluccini.

Vitrais: - Vitrais Conrado Sorgenicht F^o.

Pintura artística: - Pintura lisa, pátina e aplicação de ouro: - Francisco DE Rocco.

Bancos: - Confecção sob desenho pela Cooperativa Hollanbra (Paraná)

Relógio da torre: - Importado da Holanda

Orgão eletrônico "Hammond" (O primeiro em Campinas)

Mobiliário da Sacristia: - Projetado por Franco Sacchi e decorado por Adino Pelegrini.

A Matriz de N. S. das Dores

Historia

Da iniciar-se a primeira grande riqueza de Campinas, com a introdução da indústria açucareira pela última década do século setecentista (1790), pelos três elementos ligados a Ita, Capitão Joaquim José Teixeira Albuquerque, seu irmão o Capitão Filipe Neri Teixeira e o itano Ferraz de Campos, o segundo fixou-se no local (hoje chamado Chácara da Barra. Foi ali fundado o seu Engenho da Barra, com sede no sobrado que construiu a margem direita do córrego hoje conhecido como "do Provença" junto a sua foz, término de sua denominação ("Campinas, Ermitas e Personagens" foz).

Filipe Neri, senhor de grande fortuna, tinha por divisa principal de seu latifúndio, as primeiras casas urbanas da então Freguesia de Campinas, incluindo, assim, todo o hoje chamado bairro do Cambuí. E herdeiros seus ainda foram proprietários de terrenos urbanos na atual rua Coronel Durino, assim como os fronteirões Clubes de Regatas ^(o Tennis Clube de Campinas) de Campinas). Absorvida a região pelo crescimento urbano, a meta de Filipe Neri doou à Cúria Metropolitana um terreno para a construção de uma capela, com fonte para a rua, nas alturas do atual prédio n.º. Sendo o terreno insuficiente em área para a sede de paróquia que se iria projetar, foi ele vendido, adquirindo a Cúria, nas proximidades, o local onde se erigiu a Matriz de N. S. das Dores, prolongando-se a Av. Silva Teles que terminava na rua Maria Monteiros, para que a igreja ficasse isolada entre três ruas como hoje se acha. O notável engenheiro da

(1) abriudo-se para o parareto "de Cabreuva com
aplicação de entalhes e ornatos com vitrais gravados
com gofo de arua, em suaves tons de amarelo e
champanhe. A parte de madeira foi executada pela
Carpintaria Erbolato e os vitrais por Vitrais Conrado
Sorgenicht Fº, de São Paulo;" parareto já no transepto
que ostenta à sua direita o batistério

"Construído em degrau abaixo do nível do piso
do Nartex, idêa clara de fonte da piscina, tradição mais
hula e pura da fé cristã"

2

~~O~~ ~~estabelecimento~~ ~~engenharia~~ da época, Hoche
Nogueira Segurado, projetou-a e iniciou sua
construção, ~~A~~ como Matriz de nova paróquia
que se criara em Campinas pela ordenação de
seu bispo, nos seguintes termos:

"D. Francisco de Campos Barreto, por
mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Bispo de Campinas, Assistente ao Sólis Pon-
tificias, Prelado Doméstico de Sua Santidade
e Conde Romano. Ao que este nosso de-
creto virem, Saudação, paz e bênção em
Senhor. Fazemos saber que tendo nós de-
liberado criar uma nova paróquia nesta
cidade a Campinas e que terá por padroei-
ra Nossa Senhora das Dores, para o que,
tendo cumprido todas as disposições do
direito, usando de nossa jurisdição or-
dinária, de acordo com o Canon 1427,
§ 1.º, e, em caso de necessidade das que
nos é delegada pelo Sacrosanto Concílio
Tridentino (Sessão XXI), Cap. 4 de Reform)-
havemos por bem desmembrar das pa-

3
róquiãs de Nossa Senhora do Carmo e
Nossa Senhora da Conceição de Campinas,
o território que em seguida vai indica-
do e cule, pelo presente decreto, erigir
e canonicamente instituir a nova paro-
quia juridicamente amovível, de acordo
com o Canon 454 § 3 e que, posterior-
mente, tendo por Igreja Matriz a ve-
lha capela de Santa Cruz, futuramen-
te funcionará na Igreja de Nossa
Senhora das Dores a ser edificada
em lugar próprio. A nova paro-
quia que se denominará - Paróquia
de Nossa Senhora das Dores - terá as
seguintes divisões." (Livro do Tombo pag. 1 e 10

No mesmo livro à pagina 2, lê-se:

"Certifico que decreto foi lido em a Matriz
provisória da Paróquia de Nossa Senhora
das Dores, Igreja de Santa Cruz, no dia
primeiro de janeiro de mil novecentos e
trinta e sete - dia em que foi solenemente
instalada a dita paróquia - pelo Secretário
particular do Sr. Bispo Levisano, D. Fran-
cisco de Campos Barreto, Pe. Roque Francisco
Neto, em presença de Sua Exclênciã."

Ita in fide parochi (a) P. Manuel Garcia
Amaral.

Igreja de N.S. das Dores

A criação da Paróquia de Nossa Senhora das Dores está fundamentalmente ligada com o Jubileu de Prata de Sagração Episcopal de S. Francisco de Campos Barreto, acontecimento religioso ocorrido a 27 de agosto de 1936. Sembrá portanto a passagem de 25º aniversário desta Paróquia e sagração do segundo Bispo de Campinas (1 - Condição Popular 10-IX-1961) Diz o decreto de fundação:

Além das providências de caráter religioso foi tratada a construção da nova Matriz, instituído-se, por nomeação episcopal, a primeira Comissão de Senhoras: Edith Perido Burnier, Adelina Faria Tavares, Leonor Pádua Castro Mundt, Isabel ~~Falcao~~ ^{Falcao} ~~Muanda~~ ^{Muanda}, Uliana Soares Bicudo e Uelina de Camargo, estando a comissão aumentada no dia de lançamento da primeira pedra de matriz definitiva, o que foi precedido pela convocação de comissão reconstituída: com mais as Senhoras Uliana de Camargo, Alde Pentado de Muanda,

O lançamento da primeira pedra da Igreja foi solenemente realizado a 8 de agosto, às 16 horas, tendo a o S. Bispo Diocesano assumido como o terreno onde se levantará a igreja

Os vigários da paróquia se sucederam
~~São Fernandes de Abreu, por seu~~
~~adecendo gradualmente, ^{hospitalizados} a 30-IV-1939, substituído pelo~~
~~Padre José Albergante, impellido de nomeação do~~
vigário que a

~~A 8-X-1939 tomou posse o Padre Lafaro Murti,~~
~~chefe da missa paroquial, às 9.30, na~~
~~Capela de Santo Cruz, matriz provisória, com~~
~~as testemunhas José Ant^o Marinho e José~~
~~Ata~~

lançando-se a primeira pedra da construção
Votta P. Abreu?
da igreja a 8 de agosto de 1937, solenemente,
com seu benzimento e do terreno ~~a 8 de agosto~~
pelo Sr. Bispo diocesano

Constituíram-se comissões para a
construção, promoveram-se quermesses, rifas
almosos etc. benéficas, livros de cura e tudo
mais ~~que contribuiu~~ de forma a se arrecadar
recursos, tendo sido encontrada a melhor dis-
posição de catóicos capazes de levantar fundo
para a obra igreja, despertando seu projeto um
lívido entusiasmo de arrolado numero de paro-
quianos cujos nomes devem ser eternizados: ~~co-~~

~~benfactors~~, os benfactors: Adeline Faiz Ta-
vares, Leonor Mundt, Tila Moraes, Maria Fer-
reira Abreu de Camargo, Nenê Moraes, Alzi-
ra Cantúzio, Inah França Silveira, Elsa
Cimha Campos, Vica Picudo, Jarvinia Paim
Castro, Lourdes Coares de Sousa Mariz, Nel-
mia Alvaro, Francisca Teit Leite de Barros,
Nonata Guimarães Barros, Alice Giudice de
Tila, Zenaide Magalhães, Julieta de Carvalho,
Maria Nogueira Penteado, Maria Vilela de
Toledo, Laura Coelho, Carmetita Sampaio,

N.

Nair Valente de Cunha, Juraci Sousa Peixoto.
 Josefina Kulmann, José F. Mazeli, Euclides Mar-
 tins, Olívia ^{soza} Bicudo, Maria Ester Bicudo, Sudovina
 Barreto Ladeira, Landelina Magalhães, Famílias Sam-
 paio, Família Ferraz, Ulária Maia de Freitas Gui-
 marães, Ana Ferreira de Camargo, Congregação
 Marianas, Viúva Carlos Sampaio Peixoto, Maria
 dos Lorez Sampaio, Safarite Álvaro de Sousa Ca-
 margo, Humberto Soares de Camargo, Mário de Ca-
 margo Penteado, Eustaro Rodrigues Dória, Mário José
 Nogueira, João Alves dos Santos, José Alves Tex Nogueira,
 Augusto Cantúcio, Anadeu de Alia, Athila Fernandes
 Serra, Frederico Marri, Salim Zaguá, João Vedro-
 lo, Alunias Cetti, Alvaro Sousa Lima, Francisca
 Grassano, Eugênia S. Porto, Violeta de Lóia Lins, Rosa
 Costa, Alice Gazetta, Alice Conceição Alves, Santa
 Teixeira, Maroquinhas Penteado, Cândida de Lóia
 Martins, Maria Clara P. Assis Moura, Gilda Jacob
 Sampaio, Vicente Curizcia, Luis Morganti Sembra,
 Antonita Bianchi (pag 11), Senhoras da Igreja Católica,
 Alunos do Colégio Diocesano, Apostolado da Gra-
 ças, Irmandade das Flores, Liga de São José, Estuda-
 nte da cidade de São Carlos sob direção do Prof. Vicente
 de Paula Moura Camargo ofereceram um espetáculo
 em benefício, Mariinha Bianchi, Sr. Nelson de
 Freitas Leitão, Sr. Manoel Elias, Irmãos Camargo An-
 drade, José Tomás de Paula Martins, Euclides de An-
 ruda Camargo, Alberto Martins, Carmem de Ille-
 nina Selamain, Lix da Cunha, Mário de Camargo
 Andrade, Laurinda Lourenço, Viúva Jm. Penteado

Senhores

Maria Teruzinha, Eduardo Bianchi, Marfe Waquim,
Thibis Serra, Antenor Silveira da Rosa, Maria Gui-
lhermina Lopes Fernandes, Senhor Domingues
de Castro, Irmãos Alves Ferreira, Mauro Pires
Neto, Maria Cruz Zágua, Sebastiana S Camargo,
Colégio Progresso Campineiro, Plínio e Eunice
Rizzi, Sr. Fco José Monteiro Sales, Nilson de
Freitas Leite, João Lech Junior, Família Von
Zuben, Manuel Fco. de Carvalho, Woticos Ber-
toni, Selia Rizzi, Família Luis Emilio Baumgart-
wirth, Sr. Francisco de Toledo, Sr. Humberto
Soares de Camargo, Gilda Rizoni, Adélia Rizoni,
Jaime Mariz Pinto, Arnaldo Zubino, Júlio Soa-
res Arruda, Mário Sales Vitor, Antônio Mendonça
de Barros, Armando do Vale Basto, Carmelita
Sampaio, Guionara Sampaio, Heitor Penteados Filho,
Pereira Leite de Barros, Sibânia de Sousa, Moacir
Alguim, Artur André Massini, Alice Strazgocappa,
Carlos Martins, Família Nunes, Adalina Humbert de
Quincy, Maurício de Quincy, Euclides de Arruda
Camargo, Alberto Martins, Família Manuel Elias de
Silva, Murilo de Castro, Família Nicolau von Zuben,
Família Castro Tibiriça, Lúcia B.S. Franha, Evelina
Waquim, Filomena César, Dulce e Delfina Nogueira,
Ana Guatenuzina Nogueira, Mário de Camargo Andrade,
Guionara Sampaio, Elmira Cunha Pereira, Jaimé Fer-
reira de Camargo, Maria Isabel Machado, João
Vedovelo e Senhora, Vitalina Ferreira, Família
Messias Teixeira,

coube ao Padre Manuel Garcia Amaral,
ser o primeiro vigário da nova paróquia,
da qual tomou posse aos 17 de janeiro de
1937, "pelas nove horas da manhã" em
presença do "delegado de Sua Excia o Se-
nhor Bispo Diocesano, Monsenhor Luis
Gonzaga de Almeida Moura e das tes-
temunhas Geraldo Alves Correia e Fran-
cisco do Santos Pinto Junior. E no mesmo
ano, a 8 de agosto, às 16 horas foi solene-
mente lançada a primeira pedra da constru-
ção benzendo ^{o terreno onde se construirá o templo,} a) o Senhor Bispo Diocesano.

oo

MATRIZ DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA

A M A T R I Z

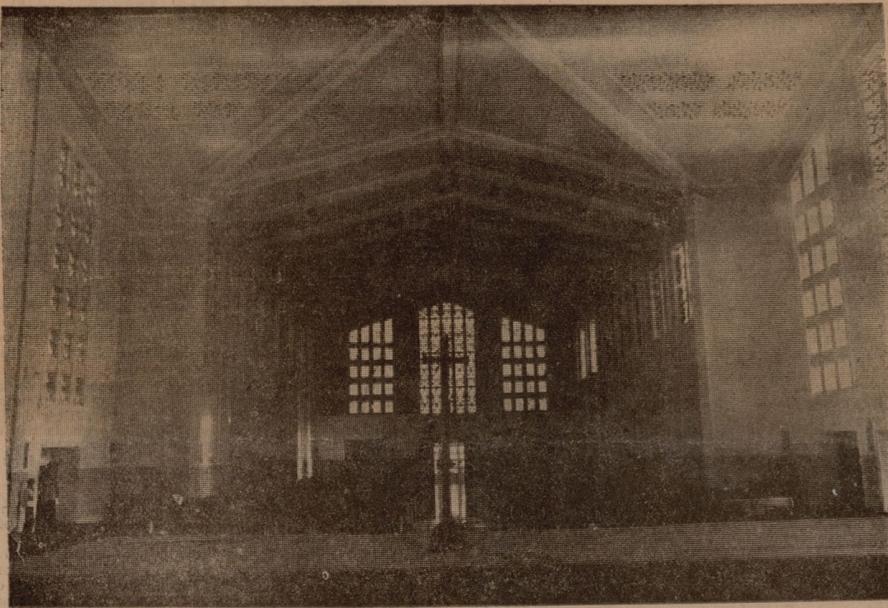
A última década do século dezoito tornou-se a mais trágica da vida de Campinas marcada pela fase epidêmica de devastadora febre amarela, dizimando uma população que se formara desde 1741 com a fixação neste solo da família de Francisco Barreto Leme, o pioneiro, com família, no povoamento da região.

A fase epidêmica reduziu a população, afugentando-a e matando-a, estancando seu dinamismo, reduzindo sua valiosa produção agrícola, estiolando suavitalidade, estagnando seu progresso florescente de um século de vida ativa e remuneradora.

A população reduziu-se e a orfanidade se multiplicou. Foi quando o grande coração generoso da Senhora Maria Umbelina Alves Couto, esposa de Antônio Francisco de Andrade Couto, condeíta da miséria de órfãos numerosos, se fez pioneira em arrecadação de fundos que ampararem órfãos, até que teve a colaboração ativa e eficiente do vigário da Matriz de Nossa Senhora do Carmo, Padre João Batista Correia Neri, depois 1º Bispo de Campinas, em cujo lar já se abrigavam órfãos que a bondade do padre havia recolhido.

Quermeces, festas infantis, teatro, leilões de prendas e mais atividades promotoras de donativos que se acumularam, a par de grandes doações como a da Baronesa e Barão Geraldo de Resende, e de Francisco (Bueno?) de Miranda, proporcionaram meios para construção de prédio de amparo a órfãos, resultando em instituto de ensino profissional e geral sob os cuidados da Ordem Salesiana de Dom Bosco. Amparando pobres e ensinando a juventude, esta instituição tem tido sua vida benemérita e cultural que se engalanou com a elevação de um dos mais belos templos católicos de Campinas, a Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora.

O moderno templo de N. S. Auxiliadora



O esplendoroso interior da Igreja que hoje será entregue ao público pelos Padres Salesianos

Fato inegável e de grande valor para todo o mundo cristão, a reestruturação das diretrizes da Igreja Católica Apostólica Romana, nos últimos seis anos, veio mostrar ao mundo contemporâneo uma nova fase desta milenar religião. Em síntese, a nova Igreja, saída do Concílio Ecumênico é uma Igreja moderna, de mentalidade atualizada, deixando para trás tudo o que tinha de superfluo, para integrar-se de maneira mais sensível, no decorrer da vida atribulada dos dias que correm. A pompa e o luxo das cerimônias litúrgicas foram substituídos por uma espartanidade, cheia da pureza pregada nas escrituras e inspiradora profunda, da meditação tão necessária. Aos poucos estas e as muitas outras modificações do catolicismo, aos poucos chegaram até Campinas, em nossa cidade, seu símbolo máximo é a nova Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, construída em terreno do Liceu Salesiano, pelos padres desta mesma ordem. Sua abertura aos fiéis dar-se-á a partir de hoje, quando pela manhã, será celebrada missa inaugural (8,30 horas) pelo Provincial dos Salesianos, Pe. Salvador Debonas. Apesar de ainda não estar em pleno funcionamento, já se cogita de transformar aquele templo em Matriz Nacional de N. Sra. Auxiliadora.

A IGREJA E SUA HISTORIA

O novo templo, apesar de novo, paradoxalmente — é velho — Antigo em ideia, já nos idos de 1927 quando era lançada sua pedra fundamental, era um sonho ambicioso, que querendo-se fazer uma realidade nas formas de uma igreja moderna e revolucionária. Impedimentos diversos condecoraram para que somente nos meados de 1965 (38 anos depois) quando então dirigia os negócios do Liceu Salesiano o Pe. João Balaban, fossem plantados os alicerces, e levantadas as primeiras estruturas desta igreja maravilhosa. Cada tijolo foi um marco no crescimento vertiginoso deste prédio imponente por si e pelo que significa. Obra orçada em mais de 300 milhões velhos (mas há quem fale em meio bilhão...) concluiu-se em tempo recorde. Nem decorridos três anos das obras preliminares e já se hoje em diante será franqueada ao público. Ocupa uma área de 1940 metros quadrados de construção, com um comprimento total de 75 metros aproximadamente. Seu teto, tem um vão livre de 20 metros, igual a largura do corpo maior da nave. Na parte mais larga, próxima ao altar-mór, 25 metros de largura. Além do altar princi-

pal, existem mais seis outros, de menor porte, entremeados de confessionários embutidos em nichos. No local destinado a pia batismal (batistério) os vitrais formam um efeito de luz colorida, lembrando uma queda d'água. Aliás, deve-se fazer uma menção especial aos vitrais. A estas obras de grande arte, é que a igreja deve todo seu esplendor interno, onde os caleidoscópios coloridos, formam nas horas da manhã e ao entardecer, um espetáculo de rara beleza. A torre da igreja, com seus 40 e tantos metros de altura, é encimada pela imagem de N. Sra. Auxiliadora, obra de Otaviano Papaiz com sete metros de altura. Nos três quartos de comprimento total da torre, instalou-se um relógio, cujos ponteiros percorrem dois metros de diâmetro por volta. No que toca ao interior, instalam-se (sentadas) 1.200 pessoas, além de um sem número de outras em pé. Existe um serviço de circulação de ar, constituído por telas que recorrem aberturas laterais, assim como no teto, onde elementos vasados, permitem uma constante renovação do ar ambiente, o que tange ao acabamento, falta apenas a colocação de lambris, lustres, presbitério e portas lavradas. O engenheiro civil é o Dr. João Luiz Menezes Guimarães e o con-

junto arquitetônico é de autoria do Prof. Joaquim Olavo Sampalo.

PROGRAMA PARA HOJE

E assim sendo, a partir das 8,30 horas de hoje, este templo de um esplendor pouco comum, estará sendo

entregue aos fiéis, constando do programa, uma missa inaugural com a presença dos 1.000 alunos do Liceu Salesiano, e à tarde, por volta das 19 horas, desfile pelas ruas centrais da cidade, composto de delegações da Juventude Salesiana. Esta parada encerrar-se-á na praça



A imagem de N. S. Auxiliadora, que encima a torre da nova Igreja, obra de Otaviano Papaiz

fronteira da Catedral Metropolitana, quando será efetuada uma homenagem a D. Paulo de Tarso Campos, pela passagem de seu jubileu na cidade de Campinas.

Membros da Conferência de Nutrição estiveram em visita

Estiveram ontem, em Campinas, em visita ao Instituto Agrônomo, os Membros da Conferência de Nutrição (básica e aplicada, que se realiza em São Paulo, na Faculdade de Higiene, cujos objetivos se prendem à aproximação dos pesquisadores que trabalham em nutrição e campos relacionados, o que, estimulará, num melhor entendimento, os diferentes campos de atividades científicas responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa da nutrição.

Os Membros que compõem a Conferência, visam despertar maior interesse no trabalho de graduados e pesquisadores no setor de nutrição e desenvolvimento de programas e técnicas procedências.

Aqui estiveram Willard A. Kreh, Universidade de Iowa, Hand, do Departamento de Ciência de Nutrição, Sam Smith, e Search Corporation, Samuel F. de Tecnologia, Dr. mico de que; F. tricio tive aco me gta Ar

Professor José Dutra de Oliveira, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Professor Alberto Carvalho Silva, Professor da Universidade de São Paulo, além de inúmeras autoridades.

Recebidos no Instituto Agrônomo, do qual são membros, os visitantes foram recebidos pelo diretor, Dr. Manoel de Moraes, e pelo chefe de Departamento, Dr. Manoel de Moraes.

Crianças possuem no SESC o seu salão de desenhos



O salão de Desenhos Infantis que foi aberto no auditório do SESC está sendo de intensa visitação, principalmente por acompanhadas de mães e escolares.

Representando o grupo de trabalho dirigido por Maria de Moraes, a professora de Desenho Infantil, Maria de Moraes, apresentou um grupo de trabalhos realizados pelas crianças.

Cópia Papala 24-II (1967)

Liceu, 75 anos educando a juventude brasileira

Uma Solene Missa Pontifical, às 10 horas, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, abre hoje as comemorações que se estenderão até o fim do ano, alusivas ao 75.º aniversário de fundação do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas, fundado a 25 de julho de 1897.

A Missa será concelebrada por vários Bispos Salesianos, Superiores da Congregação Salesiana, e contará com a participação de antigos superiores do Liceu, ex-alunos e paroquianos.

Todos os estabelecimentos salesianos de Campinas se concentrarão, cujos alunos executarão em uníssono a Missa em louvor a Nossa Senhora Auxiliadora.

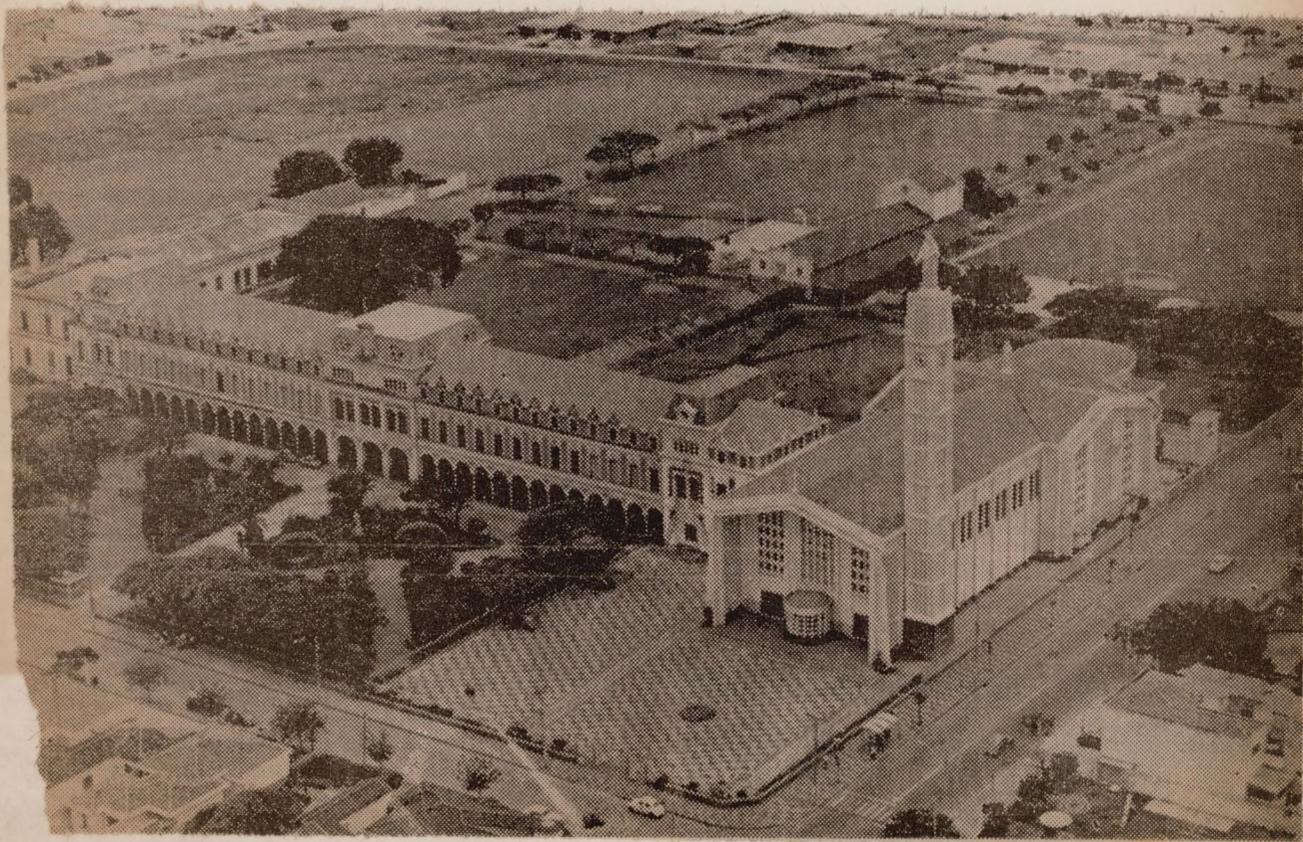
As comemorações prosseguirão dia 20 de agosto, com a concentração dos ex-alunos na festa de São João Bosco, fundador da Ordem

Salesiana. Às 11 horas haverá Missa em louvor a D. Bosco, concelebrada pelos ex-alunos sacerdotes e antigos superiores; ao meio-dia, inauguração de placa comemorativa, e às 13 horas, churrasco de confraternização.

No dia 24 de setembro acontecerá a festa dos pais, com jogos pela manhã, almoço ao meio-dia, sessão comemorativa às 14 horas e missa solene às 16 horas.

Em sucessivos domingos, o Liceu receberá a visita de esportistas dos Colégios Salesianos e de outras instituições. Em data a ser marcada, os alunos irão em romaria de ação de graças ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

As comemorações do 75.º aniversário terminarão, oficialmente, no dia 9 de novembro, com missa de réquiem com a presença de todos os alunos e familiares, em sufrágio dos Salesianos e ex-alunos falecidos.



Profissionalização é pioneirismo do Liceu

Os Institutos de Dom Bosco, entre os quais o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, têm por finalidade a educação humana e cristã dos jovens, para torná-los honrados cristãos convictos, capazes de assumir as suas responsabilidades na Igreja e na sociedade dos nossos tempos.

Para esse objetivo orientam-se todas as atividades espirituais, culturais, profissionais, sociais e recreativas.

Pautando-se pelo lema "75 anos educando a juventude brasileira", o Liceu Salesiano de Campinas conta, atualmente com 300 alunos em regime de internato, de 8 a 16 anos, com escolaridade do 1.º ao 8.º anos (antiga 4.ª série ginásial), muitos dos quais de outros Estados do Brasil, e 680 em regime de externato, que cursam o pré-primário, 1.º ao 8.º ano-primeiro grau e segundo grau (colegial).

O Colégio conta com 41 professores e 32 funcionários.

PROFISSIONALIZAÇÃO

O Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora é o primeiro estabelecimento de ensino de Campinas, e possivelmente do Interior do Estado de São Paulo, a adotar, a partir deste ano, a profissionalização especializada no curso de segundo grau.

Para tanto, juntamente com a Escola Salesiana São José, a diretoria do Liceu firmou convênio com a Escola Técnica de Eletrônica de Campinas — ETEC — que mantém um curso de técnico em eletrônica com três especializações: eletrônica geral, técnica em computação e técnica em telecomunicações, sendo que dentro deste terceiro item há ainda uma especialização para técnico em TV a cores. Este curso é inédito, e forma técnicos em TV a cores pelo sistema PAL-M, adotado no Brasil.

O curso se desenvolve em quatro anos — à tarde, para os que cursam o segundo grau, e à noite para os que já possuem escolaridade secundária — sendo que no último ano há estágios nas empresas locais, através de contratos. Os estagiários são, após a conclusão do curso, contratados pelas empresas.

No Brasil, o técnico em eletrônica, computação e telecomunicações constitui uma mão-de-obra especializada e rara. Segundo os cálculos, daqui 5 anos o País precisará 60 mil profissionais, enquanto que atualmente apenas mil deles se formam por ano.

O curso de eletrônica na ETEC conta com professores técnicos, alguns com especialização nos Estados Unidos e na Alemanha, e com a mais moderna aparelhagem no ramo, importada da Philips alemã e sueca.

OUTRAS ATIVIDADES

Os alunos internos e externos mantêm várias atividades extra-curriculares, nos setores social, esportivo, cultural e de apostolado.

A fanfarra do Liceu Salesiano conquistou, no ano passado, em curso estadual realizado em São Paulo, o título de campeã do Estado, vencendo de ponta a ponta em todos os critérios de julgamento.

A Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora faz parte do Liceu. A Igreja Matriz, recentemente construída anexa do colégio, tem uma das mais ricas e artísticas pinturas internas do Estado, em fase final.

A Paróquia mantém, com a colaboração do Liceu, o Oratório Festivo, obra assistencial que reúne, diariamente, cerca de 400 crianças, das 17 às 20 horas, que se ocupam de esportes, cinema e outras diversões, além de meia hora de formação. Aos feriados e domingos, as crianças passam o dia todo no Liceu e participam de uma missa especial para elas.

De acordo com o espírito de renovação pós-conciliar, a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, que congrega cerca de 20 mil parauianos, mantém comunidades de base: vicentinos, cursilhistas, telecistas, cursos de preparação do batismo e ao casamento e os cevecistas, equipe de casais que, além de suas reuniões normais, se encarrega de formação de outros casais, no curso de noivos.

DIRETORES DO LICEU

Integram a Galeria de Honra do Liceu os seguintes diretores: Pe. Alexandre Fia — 1897-1900; Pe. Luiz Giudice — 1901-1908; Pe. Domingos Albanello — 1909-1910; Pe. Carlos Peretto — 1911-1912; Pe. Manoel G. Oliveira — 1912-1917; Pe. Luiz Zanchetta — 1918-1921; Pe. Vicente Priante — 1922-1925; Pe. Francisco Lana — 1928-1932; Pe. Emilio Phillipini — 1933-1935; Pe. Emilio Miotti — 1936-1941; Pe. Virginio Fistoral — 1942-1944; Pe. Olivio Escalabrino — 1945-1947; Pe. Bartolomeu Poli — 1948-1950; Pe. Avelino Canazza — 1951-1953; Pe. Melicio Barbosa — 1954-1959; Pe. João Baldan — 1960-1965; Pe. Geraldo Cintra — 1966-1967; Pe. Mariano Staciek 1968-1970; Pe. Antonio Hércio Razera — 1971.

A atual diretoria do Liceu Salesiano está assim constituída: diretor e conselheiro dos externos: padre Antonio Hércio Razera; diretor do corpo docente: padre Mariano Staciek; prefeito: padre Everaldo Luiz Mafra; vigário: padre Hilário Micheluzzi; catequista coordenador: padre Irineu Danelon; conselheiro dos internos: padre Narciso Ferreira.

Sua história começou com a febre amarela

Em princípios de 1889, alastrou-se em Campinas, inesperadamente, uma epidemia de febre amarela. Em pouco tempo, o mal irradiou-se violentamente, fazendo inúmeras vítimas.

A cidade ficou quase deserta. Os seus habitantes fugiam em pânico para as fazendas, São Paulo e outras cidades próximas. O êxodo era geral. Só não saiu da cidade quem não pôde fazê-lo ou quem, pelo sentimento de amor ao próximo, no desempenho dos seus deveres impostos pela consciência e pela caridade, se deixou ficar em pleno domínio do perigo na Campinas de então.

Após vários meses, diminuído o perigo da epidemia, começaram a voltar os que haviam fugido, recomeçando, aos poucos, o movimento da cidade.

Foi então que a senhora Maria Umbelina Alves Couto, esposa do comerciante Antônio Francisco de Andrade Couto, sensibilizada pela sorte de inúmeras crianças tornadas órfãs pela peste, e que encontravam abrigo em casas particulares, de corações caridosos, se propôs a fundar uma casa de instrução e caridade onde se abrigassem, como nos estabelecimentos de D. Bosco, então bastante falados, as crianças órfãs.

CAMPANHA

Guiada por esse pensamento, dona Maria Umbelina A. Couto pôs em prática um trabalho preliminar de levantamento de fundos, implorando, de casa em casa, a ajuda das famílias. Durante algum tempo o seu projeto obteve sucesso, as assinaturas se multiplicavam na lista e os recursos cresciam, animando-a no prosseguimento da missão a que se propôs.

O tempo, porém, se encarregou de demonstrar que aquela tarefa era por demais árdua para uma senhora já idosa, e o seu projeto ia enfraquecendo, quase que se extinguindo.

Os auxílios recebidos pela senhora idealista montavam a doze contos de réis, numerosas promessas e assinaturas de contribuição, quando um sacerdote campineiro, cônego João Batista Correia Nery, tomou para si a continuidade dos trabalhos.

Pouco mais de vinte anos, poucos recursos, mas com imensa generosidade de alma, o sacerdote, então vigário de Santa Cruz, havia transformado sua residência num recolhimento de crianças órfãs.

Padre João B. Correia Nery abriu intensa campanha entre a população local para levar à realidade o seu objetivo. Reuniu amigos, e com eles organizou uma série de interessantes espetáculos infantis, no Teatro São Carlos, nos quais crianças tomavam parte, algumas das quais ainda hoje ocupam posições de destaque na sociedade campineira em vários ramos.

Realizou bandos precatórios. Reuniu a família campineira e obteve um grande número de prendas para os leilões que se constituíam em espetáculo para o público durante as tardes, na esplanada onde hoje se localiza o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Dirigiu circulares, pedindo auxílio geral para a sua obra. Empregou, enfim, todos os recursos para poder iniciar a construção de uma casa para abrigar e educar os órfãos.

PEDRA FUNDAMENTAL

Na presença das famílias beneméritas, autoridades e grande massa popular, realizou-se o ato solene do lançamento da pedra fundamental do edifício, na tarde festiva de domingo, 9 de outubro de 1892.

De São Paulo, vieram a Campinas assistir à cerimônia os alunos do Liceu Coração de Jesus, com a sua banda de música. Foram impressas medalhas de bronze, comemorativas, e houve o concurso do povo e de todas as autoridades, religiosas, civis e militares, testemunhando o interesse de toda a cidade pela obra benemérita.

Em meio aos auxílios que continuavam sendo recebidos e alguns naturais tropeços, as obras tiveram continuidade, e cinco anos após, a 25 de julho de 1897, realizou-se a inauguração de grande parte do edifício, que logo começou a funcionar.

EXPANSÃO

A primeira matrícula subiu a 52 pensionistas e 17 não-pensionistas. Os planos de cônego Nery, que depois viria a ser o primeiro bispo de Campinas, não se restringiam às necessidades da época. O seu trabalho, como atesta a grandiosidade do edifício, visava o futuro. Os longínquos horizontes em que se previa o desenvolvimento de sua terra natal, o sacerdote descortinava em largos traços, demonstrando seu espírito aberto e voltado para o futuro.

Dele pode-se dizer, repetindo uma referência feita a D. Joaquim Vieira, quando terminou a Santa Casa de Misericórdia de Campinas: "Nunca se viu poder tanto em tão pouco tempo a iniciativa de uma só pessoa, confiada exclusivamente na energia e um coração cheio de sua tarefa divina".

Da longa lista dos grandes beneméritos do Liceu, os historiadores daquela instituição fazem questão de destacar dois: Francisco de Miranda e Barão e Baronesa Geraldo de Resende, que fizeram a doação não só gratuita do terreno em que se acha o Liceu, como mais tarde o Barão Geraldo de Resende, já viúvo, em 1905, doou outra grande área, anexa, para se fundar a Escola Agrícola.

SALESIANOS

A planta do edifício a ser levantado foi executada pelo engenheiro salesiano Domingos Delpiano.

D. João Batista Correia Nery, já bispo do Espírito Santo, através do seu procurador e amigo, dr. Antônio Álvares Lobo, no Cartório do 1.º Tabelião de Campinas — Antônio Duarte Pimentel — passou escritura do imóvel e benfeitorias, no valor de cem contos de réis (100:000\$000) à Pia Sociedade Salesiana, representada por seu Superior.

Segundo os termos da doação, o patrimônio seria destinado também a "uma casa de educação, onde se pudesse abrigar também a infância pobre e desamparada, sob o influxo da doutrina e da religião católica, de que o outorgante é ministro e operário".

escreveu:

valdemar

fotografou:

neldo

MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

CATEDRAL DE CAMPINAS

O Maior Monumento de arte do Município

Desenhos, fotos e dados técnicos
de
Sr. Afonso Ferreira ^{de Oliveira} Barros

I N D I C E

A Coladras

A Matriz Nova.....	1	2
As Obras.....	6	3
A Benemerência.....	20	15
A Repercussão.....	23	18
A Inauguração.....	25	20
O Dia Seis.....	28	23
O Dia Sete.....	28	23
O Dia Oito.....	29	24
O Dia Nove.....	30	25
O Dia Dez.....	31	26
O Dia Onze.....	31	26
Visitantes.....	31	26
Os Vigários da Conceição.....	33	28
Complementação e Restaurações do Templo.....	38	33
Bispado e Arcebispado.....	41	36
Sagrações Episcopais.....	45	40
Dom João Neri.....	48	43
Dom Francisco.....	53	48
Dom Paulo de Tarso.....	56	51
Dom Antônio Maria.....	63	58
Dom Gilberto.....	64	59
*Desenhos, Fotos e Dados Técnicos.....	65	60
*Notas.....		

A Catedral

Os Vigários da Conceição
Complementação e Restaurações do Templo
Bispado e Arcebispado

Episcopado

Museu Arquidiocesano

+ Remolida Rosário
de Nossa Senhora das Dores
Templo Votivo
N. S. (dizen)

Setor - Concursos Anteriores
N. Senhora da Piedade?

~~Alto Paria de Fello Fupo~~

Estavamos em época de inteira convicção religiosa da população da capitania de São Paulo que passara o período aurífero substituído pela atividade agrária e pobre das roças para sustento familiar. Francisco Barreto Leme, o taubateano, ~~que~~ deixara suas roças em Caçapava Velha, termo da vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, desde 1741, e se fixara no bairro do Mato Grosso das Campinas, termo da vila de Jundiáí, onde era diretor como o mais destacado habitante do lugar e o que mais vezes servira a el-rei como juiz ordinário (presidente) no Senado da Câmara da vila de seu novo domicílio.

Desde sua mudança de Taubaté, sempre residiu no bairro das Campinas, de cuja vida participou como iniciador do povoamento e diretor do bairro rural. Com licença canônica havia ~~seu~~ auxiliado por demais habitantes, cercado o terreno para o "cemitério bento" que recolhia no ceio de suas terras os cadáveres da gente humilde, agregados e escravos dos "roceiros" ou senhores de roças, então abonados, que eram sepultados dentro da Matriz da vila de Jundiáí, em cujo território rural residiam.

Mas Francisco Barreto Leme, aos setenta anos de idade, ainda era um idealista; e como bom católico sonhou com uma igreja no seu bairro, para ser cercada de urbanização na consequência habitual da vida de um templo religioso. E em 1772 tratou de realizar o seu ideal para o que se valeu do prestígio e situação de seu parente, o moço frade franciscano Frei Antônio de Pádua Teixeira.

Petição ao governador do bispado - sede vacante - que se valeu da informação do pároco de Jundiáí; determinação ao mesmo pároco para demarcar os alicerces da igreja pretendida por Barreto Leme e a visita e cumprimento da ordem superior pelo vigário de Jundiáí, transformaram em realidade o sonho de Francisco Barreto Leme que então já pretendia, não a simples capela, mas uma freguesia autônoma destacada da freguesia de Jundiáí.

O bispado de São Paulo deixara de ser sede vacante com a designação e posse de seu terceiro bispo, Dom Manuel da Ressurrei-

ção, franciscano como o parente de Barreto Leme, frade do Convento de São Francisco em São Paulo.

Campinas nascia sob a proteção de São Francisco de Assis: desbravadas suas terras por um Francisco vindo da freguesia de São Francisco das Ch^gas de Taubaté; idealizada e iniciada materialmente pelo mesmo Francisco com a colaboração de frade franciscano do convento de São Francisco e autorizada e criada por um franciscano, terceiro bispo de São Paulo, que nomeou o franciscano parente de Barreto Leme, para primeiro pároco de Campinas e construtor de sua capela provisória e de sua primeira igreja matriz "de taipa e coberta de telhas".

Criada a freguesia pelo Ordinário, teve a Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, as seguintes igrejas sedes: de 1774 a 1781, a capela provisória de pau-a-pique e cobertura de palha na qual se resou a primeira missa de fundação do povoado a 14 de julho de 1774, no local onde se acha ^{June} o monumento túmulo de Carlos Gomes. De 1781 a 1870, a igreja de taipas e coberta de telhas onde está a Basílica de Nossa Senhora do Carmo, cuja nave atual, entre as colunas laterais, observa as mesmas dimensões da primitiva igreja. Desta igreja, em 1870 passou para a demolida igreja de Nossa Senhora do Rosário, na praça conhecida por este nome; e a partir de 1883, na "Matriz Nova" hoje Catedral Metropolitana de Campinas, e cujo centenário de inauguração se comemorou em 1983.

A MATRIZ NOVA

Já em 1797 cogitavam os campinenses de construir nova igreja. Reunidos sob a presidência do vigário Bernardo de São Paio Barros, resolveram construí-la, tratando logo da necessária licença do Ordinário, requerida nos seguintes termos (cartório eclesiástico):

„Dizem os Capitães Antônio Ferraz de Campos, Filipe Néri Teixeira, Joaquim José Teixeira Nogueira e mais moradores, abaixo assinados, junto à nova freguesia das Campinas, termo da Vila de Jundiá do Bispado de São Paulo, paroquiados pelo Rvmo. Vigário Bernardo de São Paio Barros, a qual Matriz se acha bem danificada prometendo ruína da parte direita por ser feita na-

quele princípio, quando havia pouca possibilidade aos Suplicantes e, por isso, incapaz para nela se conservar o Sacramento, e administrar-se pasto espiritual aos Suplicantes, por cuja razão querem os Suplicantes e mais moradores reedificar e levantar nova Igreja para Matriz, onde sem risco e com decência, se louve a Deus, e como os Suplicantes não podem fazer sem despacho de V. S.

P. a V. S. se digne, em atenção ao exposto, facultar aos Suplicantes a Licença que pretendem."

(a) O Vig^o Bernardo de São Paio Barros - e mais trinta e nove assinaturas.

Quatro anos depois desta petição, esteve em Campinas, em visita pastoral, o Bispo Diocesano, deixando recomendada a obra, aproveitando-se para a nova Matriz, o mesmo local da primitiva que seria demolida, como exarou no Livro do Tombo a dois de setembro de 1801:

"deve fervorosamente continuar na obra da nova Matriz no mesmo lugar em que se acha a atual, por ser o lugar mais próprio, mais povoado e mais cômodo por lhe ficar servindo de capela-mór o mesmo corpo da que atualmente serve".

Este parecer do Antístite confirma a oposição que se fazia à opinião dos Nogueiras que desejavam a nova Matriz em lugar alto, fora da vila, prevendo seu crescimento. Talvez esta divergência tivesse retardado o início da construção que ainda demorou mais sete anos, para se cuidar novamente do assunto, em 1807.

Francisco Quirino dos Santos foi o primeiro a historiar a construção da Matriz Nova, o que trasladamos certos da idoneidade do autor:

"Dez anos depois que a freguesia de Campinas foi condecorada com as honras de vila e com o título de São Carlos, em 1807 tornou-se necessária a criação de uma nova matriz, em vista do muito que já abundava a população e da exiguidade do primitivo templo. Veio então cá o corregedor Miguel Antônio de Azevedo Veiga e sob sua presidência fez-se uma reunião dos principais habitantes do lugar, afim de se acordarem nos termos da empresa,

que já andava combinada no desejo de todos. Aí pois formou-se a deliberação de meter peitos à obra. Discutida, calorosamente discutida a matéria da situação em que deveria ela erguer-se, venceu afinal o parecer da importante família Teixeira Nogueira; e ao capitão Filipe Néri Teixeira, que havia sido o candidato popular ao encargo de capitão-mór para a recente vila, foi cometida a incumbência de dar começo aos respectivos serviços. Estes principiam sendo pilada desde logo a primeira camada das taipas, cujo benzimento foi praticado pelo vigário Joaquim José Gomes, em presença de considerável concorrência."

"Temos a admirar não só as proporções grandiosas do projeto, mas ainda, e nomeadamente, a localidade escolhida para sua realização. Naquela época não era um subúrbio, era, para que assim o digamos, um deserto cheio de matas propriamente. Podem ajuizar desta asserção lendo o que diz o viajante Saint' Hilaire quando passava por aqui, muito posteriormente, e ainda se via assoberbado com os bosques por todas as bandas: "bois de tous les cotés"; e mais já tudo denunciava um adiantamento extraordinário. Portanto, os iniciadores da edificação, sonhando grandezas, demarcadas para sua urgência, previam fatalmente o crescimento e as riquezas de Campinas." (1).

A reunião de 1807 para tratar da construção da Matriz Nova, como historiou Francisco Quirino dos Santos, realizou-se no dia seis de outubro, tendo sido subscrita a sua ata pelos seguintes trinta e sete proprietários rurais: João de Barros Pedroso, José da Cunha Raposo Leme, Rafael Antunes de Campos, João Leite do Amaral, Joaquim José de Moraes, Luís Antônio Lobo de Saldanha, João Francisco de Andrade, Joaquim Aranha de Camargo, Filipe Neri Teixeira, Domingos Teixeira Nogueira, Floriano de Camargo Penteado, José Rodrigues Ferraz do Amaral, Antônio Francisco de Andrade, Joaquim José Teixeira Nogueira, José Francisco de Moraes, Inácio Ferreira de Sá, Antônio de Cerqueira César, José da Rocha Camargo, José de Sousa Siqueira, Pedro Antônio de Oliveira, Antônio Ferraz de Campos, Joaquim de Almeida Leme, João José da Silva, Luciano Ribeiro Passos, José de Almeida Leme, Antônio da Silva Leme, João Ferraz de Campos, José Inácio de Camargo Penteado, Joaquim José dos Santos, Pedro José de Campos,

5

Francisco de Paula Camargo, Manuel Ferraz de Campos, Elias Antônio Aranha, Antônio José de Matos, Manuel José de Moraes, Teodoro Ferraz Leite, Rafael de Oliveira Cardoso e Joaquim Pedroso de Barros (2).

Desta reunião partiu uma ação entusiástica e dinâmica, pois estava ativada pelo idealismo - de "gente de fé e de visão, gente de coragem; não estacaram numa escolha feliz; mais uma audácia os marcaria como gigantes na história campineira fazendo-os construtores de um templo que, se em nossos dias é de vastas proporções, de desmesurado tamanho seria naquela época remota e de inacreditável realização em minúscula vilasinha de São Carlos. Gente de fé!"

"Demarcaram-se imensos alicerces em que se funda o maior e o mais precioso monumento da cidade; subiram suas agigantadas taipas argamassadas com o suor do escravo, com o trabalho do operário livre, com o saber dos práticos e dos letrados, com o dinheiro do pobre, da mediania e do potentado."

"Tanta realização para tão pequeno povo! De onde teria vindo essa gente que parecia ter um coração de Anchieta e um braço de Fernão Dias?" (3). Segundo dizia o arquiteto Waldemar José Strazzacapa, a Matriz Nova, hoje Catedral de Campinas, é a maior construção de taipa do mundo!

Para localização da nova Matriz, colocaram os campinenses a fachada principal para o leste, o mais afastado horizonte, com visão mais extensa sobre as terras de menor altura, deixando sua matriz a cavaleiro da região fronteiriça. Já não prevalecia a orientação medieval das grandes catedrais da Europa, sempre colocadas com "a sua abside virada para sudeste e a sua fachada para noroeste, enquanto os transeptos, formando os braços da cruz, estão orientados para o sudoeste. Trata-se de uma orientação invariável, de tal maneira que fiéis e profanos, entrando no templo pelo Ocidente, caminham em direção ao santuário, a face voltada para o lado onde o sol se ergue, na direção do Oriente, a Palestina, berço do Cristianismo. Saem das trevas e dirigem-se para a luz" (4).

5
Branco de Paula Camargo, Manoel de Camargo, Ekkar Antônio
Aranha, Antônio José de Moraes, Manoel José de Moraes, Teodoro de
Lima, Rafael de Oliveira Cardoso e Joaquim de Barros (x)x

AS OBRAS

Filipe Neri Teixeira já conceituado como grande realizador nas administrações da vila que ocupou com alguma intermitência, cuidou do projeto e da elevação das taipas até a sua morte em 1812, sendo então substituído pelo tesoureiro da comissão, o tenente coronel Joaquim Aranha de Camargo, prosseguindo-se na Matriz Nova "notável desenvolvimento ~~asdfghjkl asdf asdfghjklzxcvbnm~~ nos trabalhos de elevação das taipas e cobertura da capela-mór" (5). Tais trabalhos tiveram sua paralização com a retirada de Joaquim Aranha de Camargo que deixou Campinas pelos anos de 1820, para ser em 1822 o comandante militar da praça de Santos, por nomeação do Príncipe Regente Dom Pedro, em cujo decreto constou o seu nome como Joaquim Aranha Barreto de Camargo que ^p usou desde então, em Santos onde faleceu a 24 de setembro de ¹⁸⁴¹, continuando em Campinas seu filho homônimo que, como ele fizera até aquela data, assinava Joaquim Aranha de Camargo, levando cronistas a confundí-los, quando o filho é quem permaneceu em Campinas após 1820. (6)

Em 1827 foi "decidido o recenseamento da ^p parquia em bairros, devendo ficar estes dispartidos por os chamados coletores-esmoleres, a quem se incumbisse ^p providenciar em todos os sentidos a cerca dos necessários recursos financeiros" (7).

Se em 1807 os senhores de engenho se comprometeram a doar dez por cento de sua produção para a rápida construção da Matriz, evidencia-se que as obras passaram, posteriormente, a sofrer falta de custeio. Como vimos, em 1827 organizaram-se comissões para angariar fundos pelos bairros, mas em 1833, aos dez de maio, o visitador diocesano, Padre José Francisco Aranha Barreto de Camargo, registrou o perigo causado pela falta do telhado, o que exarou em sua recomendação ao pároco Joaquim Anselmo de Oliveira: "A Matriz nova, obra majestosa e já com tantos serviços vencidos, acha-se votada a perder-se se por mais águas continuar a estar descoberta;

construção da Matriz Nova, em janeiro de 1847 determina entrega de parcela do "imposto novo" ao tesoureiro das obras. Não tem sido encontrados documentos que permitam a composição completa para cadastramento dos participantes e m c a r g a s de administração das obras da Matriz Nova. Além do primeiro diretor das obras, Filipe Neri Teixeira, de seu sucessor em 1812, Joaquim Aranha Barreto de Camargo e do sucessor deste na tesouraria, Floriano de Camargo Penteado, outros nomes surgem, primeiro na ata de resolução para construir-se a igreja quando os proprietários rurais se comprometeram a doar porcentagens sobre suas produções para o açúcar; depois, em épocas isoladas, sem a continuidade desejável até o ano de 1848, quando as atas da Câmara registram, em janeiro, o seu pedido à Assembleia da criação do "imposto de capitação" (10); em setembro, a criação do cargo de "administrador" das obras e no qual se nomeou o Dr. Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto; e o novo pedido à Assembleia da criação de quatro loterias de cinquenta contos cada, não havendo indícios de atendimento destes pedidos.

Num recesso da Câmara em seus trabalhos pela construção da "Matriz Nova", terminada com a capela-mor e suas salas laterais e a nave também com suas salas laterais, surge um novo e eficiente benfeitor que foi Antônio Francisco Guimarães, o Bahiá por alcunha, que mandou, à sua custa, em 1853, vir desta província os entalhadores Vitoriano dos Anjos, chefe; Vitoriano dos Anjos Filho e Estevam Protomartir (11), portadores de magnífico projeto de grandiosa obra de entalhe para a nova Matriz, que deram início aos trabalhos imediatamente.

Não se circunscreveu nesta vinda a colaboração generosa do Bahiá que mandou vir da mesma província, uma imagem de Santo Antônio, policromada, com o Menino Jesus no braço, que não poderia ficar Matriz Nova por inacabada, agasalhando-a a Matriz Velha onde sempre permaneceu em vista de falecer o Bahiá antes da inauguração da Matriz Nova. Por doação, esta imagem figura hoje no acervo do Museu Arquidiocesano de Campinas. "Desde 1852 se achava suspenso em frente à Matriz de Santa Cruz" (12) Matriz Velha um grande sino que o Bahiá, Antônio Francisco Guimarães, mandara fundir para a Matriz Nova, na qual foi colocado em 1870.

Ao alvorecer de 1854, em janeiro, cuida novamente a Câmara, dos recursos para as obras, "sem o que não se pode terminar", sugerindo à Assembleia novas criações que projeta e, em fevereiro,

Celso Maria de Mello Pupo
Rua Barreto Leão, 2449
13.020 - Campinas - SP

fato inusitado constitui um novo pedido à Assembleia, de faculdade para vender a igreja sede da Matriz Velha. Pretende comprá-la o cidadão José Francisco de Paula que a deseja para capela do Bom Jesus, para sua Irmandade. Faltou-lhe, porém, completar os recursos necessários, e a transação não se fez. Em agosto ainda se tratava de numerário para a construção, escasso como se vê na persistência dos repetidos estudos sobre ele, o que se repete até 1857.

Mas a surpresa para quem perquire na história, é o registro, em 1859, de uma representação à Câmara, da diretoria de obras, sobre a necessidade de duas loterias para as despesas de ~~DOU~~ DOURAMENTO DO RETÁBULO que "estão orçadas em quinze contos de reis", ocasião em que ainda trabalhava Vitoriano dos Anjos, que nos trouxe projeto de ^{igual} idêntico trabalho executado na capela-mór da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Salvador, Bahia, talhado por contrato de 1829, pelo entalhador Joaquim Francisco de Matos, contra quem a "Mesa" diretora reclamou da inexecução completa do projeto, defendendo-se o entalhador de não executá-lo na íntegra por falta da altura necessária do forro da capela-mór. O altar de talha, incompleto na forma projetada, foi dourado como diz Germain Bazin tratando da mesma capela-mór: "em fevereiro de 1834 se fez dourar o conjunto por José Teófilo de Jesus" (13)

A perfeição do entalhe de Vitoriano dos Anjos atendeu assim, ao desejo de douração e não ao propósito de conservar a talha nua como sempre interpretamos. Felizmente faltou numerário para o ouro e nós temos hoje uma valiosíssima talha nua, rara e preciosa no mundo da arte, muito mais valiosa de que se fosse recoberta de ouro, pondo nossa Matriz na generalidade do dourado, ou, o que seria maior mal, no mais comum grupo da talha recoberta de tinta que exige menor apuramento na execução do entalhe.

Continuou Vitoriano dos Anjos, com seus auxiliares, o trabalho terminando o maravilhoso altar-mór, os dois altares laterais dos cantos da nave, ⁽¹⁴⁾ sem os anjos vultantes que foram colocados posteriormente, obra de Rafael De Rosa; os dois lindíssimos púlpitos, as tribunas, o coro tripartido e o "altar do Sacramento", diz o "Correio de Campinas"; este altar do Sacramento, na época da notícia, era o atual do Senhor dos Passos, no qual se expunha o Santíssimo, o que, desaprovado pelo primeiro Cura, vigário depois de criado o Bispado, se transferiu para a capela ~~axdfghjklaxdfsdg~~

Celso Maria de Mello Pupo
Rua Barreto Leme, 2449
13.020 - Campinas - SP

própria com altar talhado em 1910.

Trabalharam Vitoriano dos Anjos e seus auxiliares até 1862, deixando as obras da Nova Matriz, legando a Campinas uma obra esplendorosa da qual pudemos dizer:

"as imensas toras que o homem colheu na mata, brutas e informes, transmudaram-se em graciosos suportes, delicados, esbeltos, elegantes no encanto de curvas e rebaixos perfeitos interrompidos por grinaldas e diademas". "Sobre as colunas a cornija esculpida a sustentar braços recurvados que alçam coroas de joalheiria engrinaldadas de rosas e folhagens e fechadas ao cimo pela cruz ou pelo esvoaçar seráfico de anjo celestial.

Quanta alma está em tudo isto; quanto ideal, quanto palpitar de coração de artista não se materializou naqueles cedros que deixaram de ser matéria dura para eternizar um vivente desabrochar de corolas extasiantes a penetrar-nos pelos sentidos que se prostam, que genufletem diante de Deus em contemplação de tanta arte, obra de Deus através do homem elevado à sua semelhança. Admirem as rendas" "das tribunas, do coro e dos púlpitos, estes últimos como dois ostensórios de filigrana em suportes magníficos e floridos, agasalhados a sobre-céus de abrolho e crivo e encimados por anjinho vivo a sorrir.

Vitoriano dos Anjos, corpo rude de caboclo baiano, mas alma sencível de artista devoto, e que para ser bom artista viveu pobríssimo, criou, projetou e talhou com seus discípulos o esplêndido altar-mór, florido e cintilante, os púlpitos, as tribunas, o coro e talvez o que a crônica não registrou. Criador e executor das maravilhas de entalhe, qual outro Afonso Domingues, deixou-se ficar sob a aboboda do céu campineiro para morrer no jejum da indigência. Caboclo brasileiro, inscreveu de modo indelével seu nome humilde, hoje glorioso, no monumento de arte sagrada que dignifica o espírito religioso, o bom gosto e a civilização em Campinas" (15).

~~_____~~

Juízo valioso sobre o altar-mór da Catedral, publicou o Padre Casimiro Gomes de Abreu, resultado de observações que fez com pesquisas em suas viagens pelo "velho Mundo", sob o título de "A Altar-Mór da Catedral de Campinas", do qual transcrevemos:

"Não existindo dados oficiais para classificar e comparar o valor e riqueza dos altares de madeira do velho e novo mundo, procurei nas minhas viagens conhecer os de maior esplendor e arte.

Os mais afamados estão em Portugal e Espanha, México, Peru, Equador e Brasil, porém não encontrei um superior aos altares da Catedral de Campinas. Os da Bahia, São João del Rei, da nova Sé de Coimbra, Portugal - antiga Igreja do Convento dos Jesuítas - e outros mais, estão recobertos de ouro, mas todos eles estão pregados à parede.

O Altar-Mór da Catedral de Campinas não tem a riqueza do ouro ou outros metais, mas a preciosidade da arte, do estilo, da altura, e além disso arquitetura, pois forma um conjunto totalmente livre e distanciado das paredes, necessitando de cálculos para sua solidez.

Não pretendo fazer um estudo artístico e arquitetônico dessa maravilha; saliento unicamente que ele é formado por 12 grandes colunas com seus capitéis ornamentados de ricos entalhes, sustentando uma grande coroa real que entroniza um baldaquino sustentado por 8 andares em ordem decrescente.

O simbolismo do altar e seus ornamentos é coroar o SSmo. Sacramento, enquanto exposto à adoração dos fiéis, principalmente no dia de Corpus Christi." "O valor artístico de Vitoriano dos Anjos pode ser avaliado examinando detalhadamente os dois púlpitos laterais, na nave central, pois foram entalhados exclusivamente por ele.

Na reforma da Catedral durante o episcopado de D. Barreto, a coroa terminava com uma estátua de Jesus Cristo segurando uma cruz, modificando assim totalmente o simbolismo primitivo. D. Paulo, na última reforma, voltou ao significado primitivo, retirando a imagem (16).

Um nicho central, onde está a imagem de Nossa Senhora da Conceição, não faz parte principal do conjunto, mas adaptado para aí ser colocada uma imagem, cópia de uma das pinturas de Murilo, o pintor da Virgem Maria. É portanto com razão que os campineiros se orgulham de sua Catedral e do seu Altar-Mór - o único no mundo; só nos resta conservar com todo carinho tão grande preciosidade." (17)

Tratando de talha nua, rara em todo o mundo, o Visconde e a Viscondessa do Botelho, nobres portugueses de vastos conhecimentos de arte consolidados em suas constantes viagens pelo mundo culto, tiveram ocasião de apreciar a beleza artística da Catedral quando em visita acompanhados pelo autor deste livro, a quem afirmaram não serem encontrados facilmente no mundo da arte, tais primores de talha nua.

Faleceu Vitoriano dos Anjos a 30 de julho de 1871,

em Campinas, havendo perdido "as forças e a vista num labutar nervoso e exauridor; quando ele cessou de trabalhar tinha as mãos trêmulas e os cabelos brancos, arrastando-se pelas ruas ignorado e combatido" (16). Trabalhou nove anos ~~x~~ nos entalhes da Matriz Nova.

A retirada de Vitoriano dos Anjos ^{em 1862} teria criado um problema para a continuidade da obra, já que se tratava de um técnico de difícil substituição. Com alguma demora, em 1864, entenderam os responsáveis de que só um Sampaio, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, homem de vastos conhecimentos de construção, mecânica, arte pitórica, musical e outras, estaria em condições de assumir a direção dos trabalhos da Matriz Nova. E árduos foram os esforços para obter sua aquiescência.

Em 1864 "foi o sr. Sampaio Peixoto nomeado pela Câmara Municipal, diretor das obras do referido templo, não tendo aceitado semelhante cargo senão a empenhos de cidadãos respeitáveis como os srs. Joaquim Bonifácio do Amaral, mais tarde Visconde de Indaiatuba, de saudosa memória, comendador Manuel Carlos Aranha", (depois Barão de Anhumas), "Francisco do Amaral Lapa e outros." O Sampaio dirigiu-se "então à Corte, e com o auxílio dos notáveis arquitetos Job Justino de Alcântara, Antônio de Pádua e Castro e dr. Bitencourt da Silva conseguiu organizar um corpo de entalhadores, tendo à sua frente o ~~inteligente~~ sr. Bernardino de Sena Reis e Almeida.

Chegando a Campinas com esses ~~inteligentes~~ artistas, trouxe imediatamente de prosseguir nos trabalhos do importante edifício, sendo executados, no curto espaço de dois anos, ~~os dois elegantes~~ "a capela do Bom Jesus", à direita da nave e hoje dedicada à Nossa Senhora, e os quatro altares laterais da nave.

"Concluídos esses trabalhos, teve o sr. Sampaio de empreender a realização da fachada da mesma igreja; e voltou à Corte, levando medidas e apontamentos, afim de ser levantada ali a respectiva planta, a qual foi confiada ao engenheiro arquiteto dr. Bitencourt da Silva. Essa planta, verdadeiro primor d'arte, teve ~~asdfghjklzxcvbnm~~ de so-

frer modificações em consequência das dificuldades de obtenção da cantaria necessária para sua construção.

Foi então o sr. Sampaio autorizado a contratar o arquiteto Manuel Gonçalves da Silva Cantarino, que acabava de edificar a Beneficência Portuguesa nesta cidade e vários prédios em São Paulo, a reforma da aludida planta, a fim de levar a efeito essa construção, a mais importante do edifício. Depois de ter feito as convenientes modificações, foi exonerado o sr. Cantarino, antes de dar começo aos trabalhos da construção, sendo substituído, para esse fim, pelo engenheiro civil Charles Romieu. Começadas porém as obras, o sr. Sampaio resolveu exonerar-se do pesadíssimo cargo de diretor que há tempos o absorvia." (16).

Cabe aqui uma observação quanto ao esquecimento do nome de Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, o Sampaio, como um dos mais destacados elementos na realização das obras da Catedral. Escolhido pelo seu saber multiforme, trouxe novos entalhadores que executaram com maestria os seus trabalhos guiados pelos de Vitoriano dos Anjos, que não teve nenhum senhor na arte para guiá-lo, enquanto os novos entalhadores estiveram sob o mando do artista Sampaio, cujo nome, na escala dos grandes realizadores da arte na Catedral, deve se classificar em segundo lugar, logo após o de Vitoriano dos Anjos, pois o de Bernardino de Sena pouco ou nada se distingue dos continuadores do que já estava feito, e dirigidos pela competência do Sampaio que ainda salvou o órgão da Matriz, conforme relataremos adiante.

Antes de se retirar o diretor Sampaio, foram os alicerces benzidos a onze de novembro de 1865 pelo "revmo. vigário Sousa e Oliveira, com assistência da Câmara Municipal e de muitos cidadãos, dando este fato motivo de expansivas demonstrações de regosijo". Teve-se a lamentar o desmoronamento ao abrir alicerces, morrendo quatro operários a os onze de janeiro de 1866. Mas se executaram as bases para a fachada e torre, havendo um interregno com a saída do diretor.

A doze de outubro de 1871, com uma nova comissão para as

obras da Matriz Nova, foi posta em concurso a construção da fachada "não só para a empreitada ~~uma~~ de toda a fachada com também parte dela", "da soleira da porta principal até o entablamento e platibanda" (19). Desta publicidade resultou, a quatro de novembro de 1871, a assinatura de contrato de construção entre o diretório e os empreiros João Marques Faria, Domingos Ferreira Airosa e José Maria Vilaronga sob a razão social de José Maria Vilaronga, Faria & Comp. ou Vilaronga, Faria, Airosa & Comp. (20).

Aqui devemos abrir um parêntese para que não fique sem registro o falecimento do grande benfeitor da Catedral, Antônio Francisco Guimarães, conforme noticiou a "Gazeta de Campinas" de dezessete de junho de 1873:

"Deu ~~em~~ ontem, pelas quatro horas da madrugada, alma ao Criador, o sr. Antônio Francisco Guimarães, após pertinaz enfermidade que o prostrara nestes últimos tempos. Era o maior capitalista da nossa terra e deixa, segundo se calcula, uma fortuna avultadíssima e sólida aqui adquirida pelo trabalho e perseverança no caminho de uma honrada existência. Sobressaiam na sua pessoa muitas qualidades estimadas que o elevavam no apreço e no conceito de todos. Era brasileiro adotivo por ter aderido à independência do Brasil. Tendo passado os primeiros anos de sua mocidade na província da Bahia, de lá se transportando para entre nós onde bem depressa firmou os melhores créditos na carreira comercial e, o que é mais, as simpatias com que se fez num lugar saliente em nossa então pequena sociedade, lugar conservado até agora pelo respeito de seu nome e pela veneração ao seu caráter altamente talhado ao molde antigo. Sinceramente embebido numa crença ardente e convicta pela religião católica, praticou muitos notáveis atos a bem do culto e da igreja, restaurando a Irmandade do Santíssimo Sacramento, pondo-a em pé, dotando-a de paramentos e de muitos objetos valiosos entre os quais uma vasta porção de prata e o melhor sino que há na cidade. Um dos seus melhores serviços foi o ter mandado vir da Bahia, em 1853, quando as obras da Matriz Nova iam morosa e frouxamente a uma conclusão sem fim determinado e sem regra, o ter mandado vir, dizemos, o en-

talhador que deu começo e delineou o plano das obras admiráveis, pouco a pouco executadas e hoje existentes em nosso soberbo templo. Fez testamento e reconheceu como seus herdeiros os filhos da finada d. Alexandrina Augusta de Mendonça. À sua terça deu ~~deu~~ uma aplicação piedosíssima depois de algumas disposições especiais; dispôs do remanescente do seguinte modo: "será dividido em três partes devendo caber cada fração a cada uma das três Casas de Misericórdia de Campinas, do Rio de Janeiro e de Guimarães, seu torrão natal".

Realizados até 1874 os trabalhos da firma Vilaronga, apresentaram-se sinais de insegurança nos alicerces dos quais os construtores alegaram ter recebido do Diretório a garantia de solidez. A Câmara e Diretores como medida preventiva, chamaram para Campinas os engenheiros coronel João de Sousa Melo e Alvim e Antônio Paulino Limpo de Abreu que se achavam, para este fim, em Campinas, no mês de maio do mesmo ano, verificando em todas as suas partes a construção do frontespício, estendendo por todo o corpo da igreja a inspecção e deixando prescrições para a segurança e para se levar a termo a construção projetada. Em novembro, resoluções do Diretório das Obras provocaram um desentendimento com a Câmara Municipal que demitiu o Diretório no dia 11, intimou, no dia 16, a firma Vilaronga a não continuar com as obras, e nomeou novo Diretório que fez demolir parte da obra da fachada paralisando-se as obras até maio de 1876, quando se celebrou contrato com o arquiteto Cristovão Bonini, para ~~que xxxxxxxx xxxxx~~ "dirigir obras do frontespício", ~~o xxx~~ confirmando

Belso Maria de Mello Pupp
Rua Barreto Lima, 2449
13.020 - Campinas - SP

estar construído o ~~xxxxxxx~~ corpo sustentáculo da torre e esta, aos cinco de janeiro de 1878 quando o sino "Bahia" foi mudado "do lugar que ocupava no largo da Matriz Velha para o que lhe está destinado na Matriz Nova". "Há nada menos de trinta anos ele existia ali".

Ve-se que em lugar do ^{e taipa} tapume de madeira que constituiu o fecho da frente da Matriz Nova, foi construído de alvenaria de tijolos e pedras, um corpo que no seu piso térreo acolhe a entrada da igreja e o seu batistério, com um segundo e menor corpo superior da torre, suportando o relógio, e um reduzido corpo terminado pelo zimbório e seu remate no qual foi colocada uma cruz; e a imprensa noticiou que aos treze de março de 1879 realizou-se, "diante de avultado número de pessoas o fechamento do primeiro corpo da torre" enquanto o "cerimonial do começo do segundo corpo da torre foi muito festejado" (21). A doze de junho se fez a colocação da cruz no alto da Matriz Nova e, a vinte e quatro de novembro foi exonerado o engenheiro Cristóvão Bonini. Para término das obras foi contratado o engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, campinense de nascimento que terminou a construção.

Para completar a fachada principal, havia-se resolvido, em nove de março de 1873, colocar quatro imagens escolhidas com fundamento estabelecido. Seriam de "Santo Elias, pela Ordem Carmelitana representando a devoção a Maria Santíssima e precursor profético dos mistérios nela contidos". "São Bento, a perfeição religiosa, a erudição eclesiástica e a influência civilizadora do cristianismo quanto às ciências". "São Domingos a pureza do dogma da Imaculada Conceição e o dever da pregação". "São Francisco de Assis, a pobreza voluntária, a esmola, e a penitência".

Em nove de agosto do mesmo ano, por dificuldades e certamente pela demora em fazer vir tais imagens, propoz o Dr. Vicente Maria de Paula Lacerda que elas fossem dos quatro evangelistas, o que aprovado, só se executou anos depois da inauguração, sendo já a Matriz Nova, Catedral de Campinas, no pontificado do primeiro bispo, Dom João Batista Correia Néri que tomou posse em 1908.

Fechado o segundo corpo da torre e no alto colocada a cruz, desenvolveu o engenheiro Ramos de Azevedo trabalhos finais concluídos em dezembro de 1882, recebendo este engenheiro uma carinhosa homenagem dos seus operários, povo, autoridades e amigos. Cui-

Celso Maria de Mello Pupo
Rua Barreto Leme, 2449
13029 - Campinas - SP

Obteve então a Câmara Municipal de obter isenção de impostos alfandegários para trezentas cadeiras, um órgão e três lustres comprados na Europa, o que lhe foi concedido em 1883, chegando as cadeiras com elogio da imprensa: "a colocação de cadeiras na igreja constitui aqui na província inovação que proporciona grande comodidade às famílias; esse costume é adotado na Europa, e em boa hora foi para aqui transportado". Chegou ainda o "grande órgão, vindo de Paris; custou cerca de catorze contos de réis, é o maior que existe nesta província e será armado por um artista que virá expressamente para esse fim."

Chegou também uma lâmpada de prata encomendada no Porto, com dois metros de comprimento e finíssimos labores; custou cerca de quatro contos de réis, presente do fazendeiro deste município "sr. Francisco Paulino de Moraes". Para as festas ainda recebeu a Matriz Nova "um rico paramento para missa cantada, tendo custado quatro contos de réis; as principais peças de que se compõe o paramento são de bordado em alto relevo e destaca-se entre elas o veu de ombro, tendo no centro o emblema do SS. Sacramento caprichosamente bordado a ouro pelas religiosas do Colégio Sagrado Coração de Jesus do Rio de Janeiro. Este paramento é ofertado pelo sr. Barão de Itatiba." Recebeu, ainda, a Matriz Nova, uma banquetta de seis castiçais, uma cruz e seis palmas "de estilo clássico, dois candelabros góticos" e mais peças.

Para a inauguração apresentava-se o templo que se divide em dois blocos, com os seguintes caracteres: medida externa da frente aos fundos, quarenta e três metros e cinquenta centímetros abrangendo só o primeiro bloco; os dois distintos externamente, um da fachada principal até o fim da nave, com altura de vinte e um e meio metros até a cornija; outro composto da capela-mór - esta depois da reforma de 1923, de telhado tão alto como o primeiro bloco - do transcepto cujo telhado tem duas alturas, a maior com a cúpula central e a menor nos extremos, e quatro salas laterais à capela-mór com telhados de menor altura.

O primeiro bloco, na entrada principal da igreja, tem o cômodo do pórtico com parede externa de pedra e, no extremo o ba-

Celso Maria de Mello Pupo
Rua Barreto Leme, 244
13.920 - Campinas - SP

19
tistério, tudo com vinte e seis metros e setenta centímetros de comprimento transversal e três metros e setenta de largura. Nave longitudinal com trinta e seis metros de comprimento por treze e meio de largura. Seis salas de cada lado da nave em dois pisos superiores, o primeiro com duas salas de cada lado e dois púlpitos e o segundo com três salas de cada lado e as tribunas, mais dois cômodos das escadas.

No segundo bloco o transepto, transversal à nave, com vinte e oito metros de comprimento e oito de largura; a capela-mór e quatro salas laterais no piso térreo, um piso superior com duas salas de cada lado da capela-mór e as tribunas, ligadas por escada em caracol. A área ocupada pela igreja é de 2.073 metros quadrados.

Continuando os preparativos para a inauguração da nova Matriz, coube à Câmara mandar fazer os passeios no largo fronteiro e revestir de cascalho o centro do largo, dando por findas as providências para a construção e suas complementares, como a experiência da "iluminação interior do templo da Matriz Nova, que surtiu ótimo efeito. Foram acesos os 217 lumes que têm os lustres e candelabros do corpo da igreja, deixando de ser iluminada a capela-mór em consequência de ter sido ontem mesmo terminado o serviço de colocação dos tubos a gaz nessa parte da igreja. O número dos bicos de gaz experimentados é assim dividido: 145 nos três lustres centrais e 72 nos candelabros, 6 de cada lado, colocados dois a dois nos intervalos das capelas. A enorme claridade do gaz aumentada pela reflexão na alvura das paredes e da abobada, permitia a observação perfeita de todas minúcias do labor do entalhe das capelas e púlpitos, produzindo resultado tão satisfatório quanto poderiam desejá-lo os mais exigentes."

A iluminação a gaz acetileno aqui se introduziu na metade do século passado; era de preparo doméstico, com aparelhagem própria. "O acetileno é um gaz combustível que produz uma chama brilhante, com ótima iluminação" e foi de uso nos mais civilizados centros, inclusive em velhos castelos da Europa que com isto se modernizavam.

A BENEMERÊNCIA

Procurando citar nomes de membros do Diretório das obras da Matriz Nova, cujos serviços eram prestados por benemerência dos cidadãos de Campinas, colhemo-los em citações esparsas, na falta de melhores documentos. Pôde-se constatar que, primitivamente, serviam aos ofícios de procuradores, tesoureiros e secretários do Diretório, também por benemerência até a data em que se constata a instituição de porcentagem e outras formas de remuneração para estas funções, quando deixamos de citar os nomes de seus encarregados. O que foi possível encontrar como colaboradores gratuitos e, portanto benfeitores, seguem com os demais em ordem alfabética, pela impossibilidade de qualquer ordenação diversa, os membros dos Diretórios das obras da Matriz Nova:

Américo Brasiliense de Almeida e Mello, Antônio Carlos de Moraes Sales, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto (O Sampaio), Antônio de Cerqueira César, Antônio Egídio de Sousa Aranha, Antônio Francisco Guimarães (o Bahía), Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto (pai de Sampaio), Antônio Manuel Proença, Antônio Nogueira Ferraz, Antônio Pio Correia Bitencourt, Antônio Pompeu de Camargo (II), Antônio Rodrigues de Almeida, Barão de Atibaia, Bento Quirino dos Santos, Bernardino José de Campos, Carlos Norberto de Sousa Aranha, Diogo de Moraes Sales, Filipe Neri Teixeira (primeiro diretor da construção), Floriano de Camargo Campos, Floriano de Camargo Penteado (I) (Capitão-mór Agregado), Francisco Alves de Almeida Sales, Francisco Augusto Pereira Lima, Francisco de Campos Andrade, Francisco Egídio de Sousa Aranha (II), Francisco Glicério de Cerqueira Leite (depois ministro e senador da República), Francisco José de Camargo Andrade (I), Francisco de Paula Camargo (I), Francisco de Paula Simões dos Santos, Francisco Paulino de Moraes, Francisco Pompeu do Amaral, Francisco Quirino dos Santos, João Ataliba Nogueira (depois Barão de Ataliba Nogueira), João Francisco de Andrade (Capitão-mór), João Gonçalves Pimenta, João Manuel Alves Bueno, João Martins de Azevedo, Joaquim Aranha de Camargo (o mesmo Joaquim Aranha Barreto de Camargo, depois Governador Militar da Praça de Santos), Joaquim Celestino de Abreu Soares (depois Barão de Paranapanema)

ma), Joaquim Correia Dias, Joaquim Correia de Mello (conhecido na Europa como um sábio botânico e em Campinas como o bondoso Quinzinho da botica), Joaquim Egídio de Sousa Aranha (depois Marquês de Três Rios), Joaquim Ferreira de Camargo Andrade (depois Barão de Ibitinga), Joaquim Ferreira Penteado (depois Barão de Itatiba), Joaquim Floriano Novais de Camargo, Joaquim José Gomes (Padre Vigário de Campinas por muitos anos), Joaquim José dos Santos, Joaquim José Soares de Carvalho, Joaquim Quirino dos Santos, Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, Jorge Miranda, José Egídio de Sousa Aranha, José de França Camargo, José Franco de Andrade, José Joaquim de Abreu Sampaio, José Joaquim de Sousa e Oliveira (Padre), José Raggio Nóbrega, José Teixeira Nogueira, Luciano Teixeira Nogueira, Luís Silvério Alves Cruz, Manuel Carlos Aranha (depois Barão de Anhumas), Manuel Ferraz de Campos Sales (depois Presidente da República), Manuel Francisco de Andrade, Manuel Francisco de Campos, Manuel Reginaldo de Moraes Sales, Manuel Soares do Vale, Miguel Ribeiro de Camargo, Querubim Uriel de Castro Camargo, Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme, Ricardo Gumbleton Daunt, Sebastião José de Brito, Terlogo O'Connor de Camargo Dauntre, Vicente Ferreira do Amaral, Vicente Maria de Paula Lacerda, Visconde de Indaiatuba, Vitorino Pinto Nunes.



A REPERCUSSÃO

Não faltaram os comentários da imprensa de outras cidades da província, onde se divulgou notícia da próxima inauguração da Matriz Nova, de suas primorosas obras de entalhe e de sua grandiosidade arquitetônica. Preocuparam-se jornais, especialmente os da capital, onde uma se destacou pela beleza do relato e pelo alto nível intelectual de seu autor, Cesário Mota Júnior, publicada em "Província de São Paulo", da qual transcrevemos trechos:

"Todas as atenções voltam-se para a nossa capital agrícola, para Campinas; é que ela vai ter a sua apoteose. A igreja, para cuja construção não poupou sacrifícios, tem de abrigar sob as suas vastas abobadas, mais uma glória brasileira; o povo que realizou o ousado cometimento, receberá naquela solenidade mais de uma homenagem da província.

Há alguma coisa de heróico em aquela festividade; construir um templo católico hoje, que a ciência tem entibiado a fe, que a irreligiosidade destroi o culto, que o utilitarismo sobrepuja as doutrinas morais, que a metafísica cede o passo ao critério positivo, é sobremodo notável, e será tudo por um paradoxo, por quem não conhecer a razão fundamental do fato.

A matriz nova representa os esforços dos primitivos campineiros que, à semelhança dos fundadores da república norte-americana, julgaram indispensável a igreja, isto é, o culto em comum, para melhor se firmarem as regras morais, que dirigem as sociedades; os primitivos não correspondiam à crescente prosperidade do lugar; daí, e do desejo de exceder as cidades vizinhas proveio a ideia da construção da majestosa matriz.

Tentaram-no, e encontraram o necessário apoio entre os conterrâneos, que não o regateiam aos que procuram ostentar a pujança da terra natal.

E os campineiros de todas as crenças e posições contribuíram para o edifício que em breve vai se inaugurar.

Sem pedra para talharem os seus retábulos, sem már-

mores que embelezam os grandiosos monumentos do mundo civilizado, pediram às nossas florestas o que elas podiam dar-lhes, a madeira; com ela fizeram as magníficas obras de entalhe; esculpiram-se os mais delicados labores, que atestarão ao mundo todo, o bom gosto dos que delinearão, a perícia de quem os executou, e a soma de sacrificios realizados pelos habitantes de Campinas.

A obra é monumental; falta-nos competência para descrevê-la; limitamo-nos, portanto, a enviar deste recanto as nossas saudações ao povo que soube levar galhardamente a termo um empreendimento talvez sem mais imitadores na província de S. Paulo".

.....

"Falta um, é verdade, falta o predileto Carlos Gomes, cujo talento peregrino busca em outro meio, o apreço que o seu Brasil ainda não pôde dar proporcional ao seu mérito.

O seu lugar, entretanto, é ocupado - por continuidade e por compensação, permitam-me a frase: por continuidade por que Sant'Ana Gomes, seu irmão em tudo, alí continua sua obra artística e a tradição de sua família; por compensação, porque alí se acha, com sua longa cabeleira, com sua filosofia típica, com a sua abstracção genial, aquele que primeiro escreveu uma ópera brasileira - Elias Lobo.

Campinas deve sentir-se contente e orgulhosa, por ser a pátria de Sant'Ana e Carlos Gomes, e por ter Elias Lobo entre os seus filhos adotivos, monopolizando assim as mais esplêndidas vocações musicais, que possui São Paulo, e quiçá o Brasil inteiro.

Se alguma coisa pode entristecê-la, é a recordação de haver a assembléia provincial negado em 1878 ou 1879 uma subvenção para Elias ir estudar, como Carlos Gomes, na Europa".

.....

"Voltemos a Campinas, e saudemo-la ainda como abrigo das idéias generosas.

No coro das igrejas, na sala das escolas, nas oficinas da indústria, nos consultórios médicos, nos escritórios de advogados, de engenheiros, entre os artistas, na imprensa, em toda a

parte, enfim, se encontram homens de merecimento notável, festejados por aquele povo, sem que lhes inquiria qual a sua origem, qual a sua proveniência.

Por isso também, se lhes perguntarem de onde são, responderão satisfeitos: Moro em Campinas.

É que Campinas sabe ser mãe dos enteados que têm merecimento e se esforçam pela sua prosperidade.

.....

Capivari, 15 de Novembro de 1883^u

(a) Dr. C. M. J.

Tão bela apreciação do notável reformador do ensino em São Paulo, exige um reparo quando afirma o desejo de Campinas superar demais vilas vizinhas, revelado na construção grandiosa da Matriz Nova. Entendemos que a religiosidade do povo na época, tão intensa, foi o fator preponderante para a construção de nova igreja; acrescente-se o sentimento entusiasta dos dois irmãos Teixeira Nogueira e a visão administrativa de Filipe Neri Teixeira, o primeiro presidente do Diretório da construção, de quem disse Benedito Otávio, ser um homem ~~xxx~~ cinquenta anos adiantado à época em que viveu; o entusiasmo de Joaquim Aranha de Camargo, 2º diretor das obras, dinâmico e realizador, e certamente de outros elementos pelo solo de Campinas. Daí o gigantismo da obra e sua eminente localização, emanadas da confiança e entusiasmo pelo progresso de Campinas.

A INAUGURAÇÃO, Festas e Missas Sacras

Achavam-se as estradas de ferro autorizadas a "emitir bilhetes de trens de passageiros, sem prejuizo dos trens ordinários". E conheciam-se os preços elevados pretendidos pelos hotéis e pelos

proprietários de prédios que poderiam alugar janelas para assistir solenidades, procissões, fogos de artifício - natural consequência do entusiasmo causado pelas festas da inauguração e acúmulo de forasteiros presentes à cidade.

Nos quatro ângulos do largo da igreja foram construídos quatro coretos e composta a ornamentação da praça com arcos de folhagens, embandeirados os prédios deste ambiente e de ruas principais e as de passagem das procissões também ornadas com arcos, havendo um maior arco para a entrada do largo da Matriz. A população apelou a comissão das festas, programadas para os dias seis a nove de dezembro, no sentido de que fossem os prédios residenciais vestidos "de gala iluminando as frentes de suas casas e ornamentando-as quanto possível, durante os dias referidos, principalmente das casas que se acham dentro do quadro das festas" (23). Desde o dia cinco de dezembro ficou exposta à visitação pública a nova Matriz, atraindo "grande número de pessoas" com especial o efeito "produzido pela iluminação" "realmente esplêndido".

A própria comissão, além da feitura dos quatro coretos do largo e de sua cercadura de arcos e festões de folhagens e bandeiras, ornamentou ruas adjacentes ao largo, com folhagens e palmeiras, enquanto já no dia seis grande número de prédios particulares amanheceram embandeirados.

Aos cinco dias do mês de dezembro de 1883, ~~XXXXXXXXXX~~
~~XXXXX~~ ~~XX~~ ~~XXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ ~~X~~ na Câmara Municipal de Campinas, "presentes todos os snrs. vereadores, aberta a sessão, o sr. Presidente declarou qua a convocação por convite do Diretório das Obras da Matriz Nova desta cidade, para o ato solene de entrega da chave da mesma Matriz e cuja inauguração se vai proceder, a Câmara Municipal que a seu turno entregará ao Rvdo. Vigário da Paróquia da Conceição, como tudo consta dos atos anteriores. Em seguida o Sr. Presidente designou os snrs. Vereadores Dr. Jorge Miranda, Major Carlos Egídio e Comendador Geraldo de Resende, para receber o Diretório da Matriz Nova que ~~fez~~ efetivamente fez sua entrada solene na sala das deliberações convenientemente decorada para a solenidade, e tomou assento

juntamente com os snrs. Vereadores. Efetivamente pelos snrs. Dr. Carlos Norberto de Sousa Aranha membro do Diretório, foi entregue a chave ao sr. Presidente da Câmara Municipal que a seu turno a depôs nas mãos do Rvdo. Vigário da Conceição, José Joaquim de Sousa e Oliveira; pronunciou cada um destes senhores um discurso análogo ao ato" (24).

Foi marcante o fato da entrega da chave do templo às autoridades de Campinas, com que se iniciaram as solenidades da inauguração. ~~xxx xxix de xxxxxxxx~~ O Diretório das obras acompanhado dos operários que participaram das construções e serviços, dirigiram-se à Câmara Municipal levando o estandarte dos operários e as bandeiras brasileira e italiana, e de uma banda de música. Em sessão especial da Câmara recebidos, o presidente do diretório, Dr. Carlos Norberto de Sousa Aranha, pronunciando "um bellissimo discurso, fez a entrega da chave da Matriz ao presidente da sessão. Recebendo-a o presidente Amador Bueno Machado Florense."

A Câmara Municipal de Campinas, além de seu presidente, compunha-se do vice, Jorge Miranda e dos vereadores Carlos Egídio de Sousa Aranha, Elisiário Ferreira de Camargo Andrade, Geraldo Ribeiro de Sousa Resende (Barão Geraldo de Resende), João Bierrenbach, João Proost Rodovalho, José Maria Lamaneres, Manuel Francisco Mendes e do suplente com exercício, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.

Recebida a chave, transmitiu-a em seguida o presidente Amador Bueno Machado Florense, ao vigário da Matriz, padre José Joaquim de Sousa e Oliveira, pronunciando as seguintes palavras:

"É solene o momento. É imponente o objeto! É certo diante da grandeza do assunto e da respeitabilidade do seletto auditório altamente ilustrado, não ousariamos erguer a pequenez de nossa palavra tão pouco autorizada, se não fora a obediência a um estrito dever do cargo, para nós honroso, de representante deste município, deste mesmo tão alevantado entre seus irmãos no brasíleo solo. Cumpre-nos, porém, na qualidade de presidente de sua municipalidade, pronunciar em nome deste povo, hoje justamente comovido, bem como dos honrados colegas de representação e em nosso, algumas frases de jubílosa congratulação, ao inaugurar-se o templo grandioso em que, sob as mãos habilíssimas de distintos sacerdotes da arte, acaba de concretizar-se

o pensamento religioso dos nossos pais, tão puro em sua origem. ao ensinamento do Divino Mestre, quanto sublime em seu fim de fraternização dos homens no amor a um só Pai, o criador dos seres. É solene o momento, sim! Pois que no extremo oposto de uma série de anos relativamente longa, é este o que corresponde ao momento também solene em que nossos pais animados da dupla fé em sua religião e no futuro da terra campineira, com o mesmo alvião com que era ela rasgada para as opulentas ~~xxxxx~~ ~~tes~~ colheitas, lhe rasgaram naquele recinto o primeiro sulco para os fundamentos da sua nova Matriz, traçando, traçando-os porém em proporções tão grandes como a confiança que os animava, e que hoje, sem embargo de adversidades, com júbilo vemos plenamente justificado, "(25).

Recebendo as chaves o Vigário, muito "comovido agradeu tamanha honra num discurso brilhantíssimo e que só podia ser éco sincero dos sentimentos de que se achava animado nesse momento. Depois o revdo. vigário convidou as pessoas presentes" para a homenagem que ia prestar ao Dr. Ramos de Azevedo e aos operários, numa das salas do templo, quando foram levantados muitos brindes (26).

O DIA SEIS (quinta-feira)

Entregue a Matriz Nova terminada, ao vigário da Paróquia, no dia cinco, presente em Campinas o Bispo Diocesano, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, coube a este prelado benzer a nova igreja da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, o que se realizou às quatro horas da tarde, "em presença de avultado número de sacerdotes e muito povo". Pelas cinco horas da tarde, processionalmente, transladaram-se as imagens da Igreja do Rosário que servia de matriz provisória desde 1870, para a Matriz nova onde, entrada a procissão, pregou o Cônego Ezequias Galvão da Fontoura. O acompanhamento da procissão presente à igreja, "era extraordinário", quando se cantou a ladainha com grande orquestra (Giannelo).

DIA SETE (sexta-feira)

Pelas nove e meia horas da manhã, pontificando o Bispo Diocesano Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, foi sagrado o

o altar e celebrada solene missa com grande orquestra (T. Camesso), Credo (Coccio), Tantum Ergo (C. Gomes). À tarde, às cinco horas, Te Deum (P. Teixeira) com solo ao pregador (C. Gomes), cantando "com expressão a sra. d. Adelaide Lopes de Sousa Gonçalves, acompanhada por viola de amor (27) e orquestra". Foi pregador Monsenhor Fergus O'Connor de Camargo Dauntre. Após realizaram-se as matinas solenes, achando-se brilhantemente o templo iluminado e repleto de povo (28)."

DIA OITO (sábado)

Antes da missa, às dez horas da manhã e com grande orquestra, "foi executada a grande oratória, música do Maestro Elias Lobo e letra do dr. Antônio da Costa Carvalho". Composta especialmente para esta solenidade e terminada a quinze de novembro, "produziu esta composição o mais agradável efeito", conforme manifestações da imprensa local.

"Nas solenidades religiosas do dia oito, o contingente musical foi importantíssimo, e muita gente foi expressamente a Campinas ouvir as novas composições que deviam ser cantadas naquele dia".

Em primeiro lugar a oratória de Elias Lobo, escrita para aquela ocasião, peça a grande orquestra, com dois coros de anjos cantados por cinquenta senhoras; primeiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Cândida de Queirós Teles; segundo coro - solo do anjo Gabriel - pela Exma. sra. d. Adelaide Lopes Gonçalves, com acompanhamento de harmonium pelos srs. Emílio Giorgetti e Antônio Álvares Lobo; terceiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Ana Esméria Lobo; solo de S. José - pelo sr. Jerônimo Lobo".

"Foram mais cantadas na mesma solenidade uma missa de Elias Lobo e uma Ave Maria, solo ao pregador, do mesmo maestro, cantando este solo e os da missa a distinta professora d. Ana Esméria Lobo, soprano de pequeno volume, mas de timbre agradabilíssimo e notáveis recursos de vocalização" (29).

Terminada a oratória, iniciou-se a solene missa, pontifical do Sr. Bispo Diocesano, oitava missa do mesmo Maestro Elias Lobo, já conhecida bastante em Campinas, executando-se o Kirie en-

viado de Milão para esta solenidade, autoria do compatriota José Lino de Almeida Fleming, "que agradou sobremaneira;" e Tantum Ergo de Carlos Gomes.

"Não podendo realizar-se à tarde a procissão por causa do mau tempo, houve um Te Deum e sermão pregado pelo Cônego Ezequias Galvão da Fontoura, sendo cantada uma preghiera pelas alunas do Colégio Florence, com acompanhamento de órgão pelo sr. Emílio Giorgetti, encarregando-se da parte principal a exma. sra. d. Maria Monteiro (30) a qual, possuindo magnífica voz de contralto, conseguiu facilmente despertar a atenção de todos, pois patenteou-se uma cantora apreciadíssima (31).

DIA NOVE (domingo)

"No dia nove deu-se a sagração do sr. bispo do Ceará", que teve por padrinhos Luís Silvério Alves Cruz e o Coronel Manuel Afonso Pereira Chaves, presidente da Câmara Municipal de Itapetinga. "A cerimônia começou às dez horas da manhã" com missa (R. C. Machado) a grande orquestra, "e terminou por volta das três horas da tarde. Nesta ocasião foi executado o Kirie do falecido compositor José Maurício Júnior, a sua última composição. Nota-se nessa música o que quer que é de revelador do talento daquele desventurado moço que possuía verdadeira aptidão musical. É produção que honra sua memória". Solo de laudamos (C. Gomes) cantado por Adelaide Lopes Gonçalves e Credo (Pacini).

Foi sagrante do novo bispo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho acolitado pelos "srs. João Jacinto Gonçalves de Andrade, arcepreste da Catedral, e Francisco de Paula Rodrigues arcediogo da Catedral e vigário geral do bispado" (32). Ao escurecer foi de novo cantado um Te Deum"(Ferreira), orando o sr. vigário geral Francisco de Paula Rodrigues, com solo ao pregador (Mercadante) cantado por Adelaide Lopes Gonçalves.

Estiveram verdadeiramente solenes todas as festas propriamente da igreja, durante as quais fez a guarda de honra uma força de cem praças de permanentes sob o comando do sr. capitão Es-

pírito Santo. A orquestra achava-se muitíssimo aumentada com a da companhia de ópera cômica que está nesta cidade, e vários amadores atijando a setenta o número de executantes. Foram regentes os maestros Sant'Ana Gomes, Elias Lobo e Gomes de Carvalho.

Pertence pois, à ordem dos fatos consumados a inauguração da grande matriz de Campinas, e deve-se dizer por amor à verdade que - se as festas não corresponderam totalmente à imensa expectativa, nem por isso deixaram de correr com grande animação e incontestável brilhantismo. Pena foi que o mau tempo, a chuva e grande ventania viessem nos últimos dias perturbar um tanto a grande satisfação que geralmente reinava "(33)". Todas as solenidades foram a abrilhantadas pela grande orquestra de setenta professores, sendo solistas de canto sras, Adelaide Lopes Gonçalves, Ana Esméria Lobo, Joaquina Gomes e sra. T Antony, da companhia de operetas; srs. Eduardo Pons, Com^{OE} Cardim, Escobar, Celestino Malta, Jerónimo Lobo e F. Silva. Solistas instrumentistas srs. Vilela Brum, G. Krug, Cândido Álvaro, Emídio Júnior, Oliveira Duarte, Nepomuceno, José Alcebíades de Campos."A grande orquestra executou também Oberãon Weber, Conde de Esses Mercadante - Ouverture da ópera "Louca" de Elias Álvaro Lobo - Sinfonia Camarossa".

DIA DEZ (segunda-feira)

Celebrou-se na Matriz Nova missa de requiem em sufrágio das almas dos fundadores do templo, pregando sobre este motivo "Um eloquente sermão o ilustrado Padre-Mestre Camilo Passalacqua".

À noite, em vasto salão da Santa Casa, realizou-se grande banquete em honra ao Senhor Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, com muitos brindes dos presentes.

DIA ONZE (terça-feira)

Pelas oito e meia horas, na Matriz Nova, celebrou-se missa em memória dos artistas e operários que trabalharam na construção da igreja.

VISITANTES

Segundo a "Gazeta de Campinas" o número de pessoas

que visitaram Campinas para a inauguração da Matriz Nova e sagração do Bispo do Ceará, foi o seguinte: de Araras, vinte; de Descalvado, cinquenta e seis; de Jundiá, cento e setenta e quatro; de Limeira, cinquenta e sete; de Pirassununga, sessenta; de Rebouças (Sumaré), cento e trinta e sete; de Rio Claro, cento e vinte e sete; de Rocinha (Vinhedo), cento e cinquenta e três; de Santa Bárbara, noventa e cinco; de Valinhos, noventa e duas; de São Paulo, quinhentas e setenta e oito; total duas mil quinhentas e quarenta e nove.

Além de vários bispos, estiveram em Campinas o Conselheiro Deputado Antônio Joaquim Rodrigues Júnior, ministro da Guerra; o Barão de Guajará (Domingos Antônio Raiol) presidente da província de São Paulo; Conselheiro Manuel Antônio Duarte de Azevedo, ex-ministro da Justiça; muitos professores da Faculdade de Direito; Dom Abade da Abadia de São Bento em São Paulo; Monsenhor João Soares do Amaral, vigário de Sorocaba, Camareiro Secreto de S.S. Leão XIII; Monsenhor Fergus O'Connor de Camargo Dauntre, vigário geral de São Paulo; Padre Vicente Cocumelli, superior dos Jesuitas; Coronel Manuel Afonso Pereira Chaves, presidente da Câmara de Itapetininga; outro, representante da Câmara Municipal de Itapetininga, vereador Antônio Paulino da Silveira Garcia; representantes da Câmara Municipal de São Paulo, vereadores Rego Freitas, Dutra e Transon; Cônego Antônio Pereira Dutra; Padre Luís Silvério, vigário de Itapetininga; o vigário Caramurú, de Cambuí em Minas Gerais. Joaquim Roberto de Azevedo Marques, "editor gerente" do "Correio Paulistano"; Joaquim Pinto de Moraes, Joaquim Pinto de Oliveira Nunes, Luís de Toledo Piza e Almeida, Martinho da Silva Prado Júnior, J. Gomes Pinto, Muniz de Sousa, deputado Rubino de Oliveira, deputado Falcão Filho; Rangel Pestana redator da "Província de São Paulo"; Antônio Prado, do "Correio Paulistano"; Engº Silveira Melo, Américo de Campos, José Maria Lisboa; representantes da imprensa do país e muitas outras pessoas para chegar ao total de duas mil ^{quinhentas} e quarenta e nove.

COMPLEMENTAÇÃO E RESTAURO DO TEMPLO

Importante restauro marcou o ano de 1885/6 referente ao precioso órgão da Matriz Novaque, instalado, não revelou suas anunciadas qualidades, o que provocou censuras à escolha que dele havia feito o engenheiro Ramos de Azevedo, porém elogiado após a restauração feita pelo talento, conhecimento e habilidade de Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, ^{Sampaio} a pedido do vigário Cônego Cipião, como noticiou a imprensa:

"A causa principal da falsa opinião que se formou relativamente ao órgão, era originada da falta de conhecimento de seu mecanismo. Desde que o instrumento foi armado, havia nele cerca de trinta tubos que não emitiam sons e nunca se pôde conseguir afinar os outros perfeita e completamente. O atual vigário da paróquia, revdo. cônego Cipião, em boa hora lembrou-se de confiar o instrumento ao sr. Antônio Carlos de Sampaio Peixoto que, como apaixonado amante da arte, estudou minuciosamente o órgão até conseguir assenhorear-se de todos os seus segredos.

Os tubos que estavam inutilizados funcionam hoje perfeitamente, bastando para isso desentupi-los, pois era essa a razão que os impedia de emitir sons. Havia apenas um tubo de madeira que estava de fato inutilizado, porém já se encomendou outro para o fabricante, devendo em breve ser colocado no respectivo lugar." "O órgão é de três teclados, sendo dois tocados com as mãos e um para os graves tocado com os pés. Possui 16 registros: CLAIRON, TROMPETTE, BASSON-HAUT BOIS, VIOLA DI GAMBA, VOIX-CÉLESTE, CORDE NUIT, FLUTE-OCTAVE, PRÉSTANT, MONTRÉ, BOURDON, FLUTE-HARMONIQUE, SOLICIONAL, BASSE, SOUBASSE, TROMPETTE E CLAIRON. Estes dois últimos são os graves para acompanhamento dos três primeiros, por terem um som especial que os franceses denominam "instruments d'anches". Todos os registros contêm 892 notas musicais.

O instrumento tem seis pedais denominados: TIRASSE DU GRAND ORGUE, TIRASSE DU RECIT, APPEL DE JEUX D'ANCHES, EXPRESSION CUPOLE DE DEUX CLAVIER E TREMBLANT. O fabricante do órgão é o sr. Cavaille-Coll, de Paris." (36).

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

O Professor Calimério Soares, da Universidade de Uberlândia, MG, autor de valioso trabalho sobre os órgãos "Cavaillé-Coll", registra histórico ^{do órgão} de nossa Catedral, assim como característicos seus: "Considerado o maior "Cavaillé-Coll" do Estado de São Paulo, o órgão foi instalado na Catedral de Campinas em 1883. Segundo um comentário sobre "O Órgão no Brasil", de autoria das organistas Dorotéa Kerr e Elisa Freixo, ocorreu um fato curioso referente a este instrumento, de que o mesmo havia sido encomendado originalmente por uma Igreja no Egito. Devido a uma revolução que estourara na época, o instrumento para lá transportado e os técnicos retornaram à França. Cavaillé-Coll havia recebido do Brasil o pedido de um instrumento um pouco menor. Para não ter prejuízo total enviou aquele órgão ao Brasil pelo preço de um instrumento menor."

"Trata-se de um alto e lindo ^mível em estilo néo-gótico, onde se desfilam os tubos por entre três "plate-faces" (a central contendo 9 tubos e as laterais contendo 7 tubos cada), ladeadas por dois torreões triangulares contendo três tubos grandes cada. As bocas dos tubos ascendem formando um semi-círculo a partir dos tubos maiores e centrais. A parte superior da fachada é coroada por um belo frontão em forma de torres triangulares, adornadas por flechas e encrustações no estilo "gothic-flamboyant". A fachada em si apresenta grande harmonia arquitetônica, graciosa e majestosa." (37)

Elevada a Matriz de Nossa Senhora de Conceição à Catedral de Campinas, evidenciava-se a necessidade de reparos do templo grandioso que se inaugurara vinte e cinco anos antes, agora sob duas diligentes autoridades, o Bispo Dom João Neri e o novo vigário Monseñor Antônio Pereira Reimão. Foi dos primeiros problemas cuidados, a Capela do Santíssimo Sacramento, cuja Irmandade tinha por capela sua a do Senhor dos Passos na qual era exposto o Santíssimo Sacramento. Entendeu o primeiro Cura que para maior recolhimento nos dias de Laus Perene, era indispensável capela própria e independente da nave, o que faltava à dos Passos. Tratou então de preparar nova capela para o Santíssimo, instalando-a na sala à direita da capela-mór, mandando talhar o altar que foi bento e inaugurado a 16 de março de 1910, com a bênção do Santíssimo Sacramento, sendo oficiante o Bispo Diocesano. Encarregou-se de entalhar o novo altar, a Oficina de Marino Del Fávero, de São Paulo, que presenteou a Catedral com um trono de sua autoria, para a exposição do Santíssimo, hoje peça do Museu Arquidiocesano.

Outra medida de destaque do novo Cura, foi a complementação da fachada da Catedral com as projetadas quatro estátuas dos evangelistas, como registra-se no Livro do Tombo: "Tomou a si a preciosa Associação dos Cooperadores Diocesanos o encargo de colocar na fachada da Catedral, aos lados da torre, as estátuas dos quatro Evangelistas, São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João. Para realizar este serviço foi escolhido o escultor Odísio Agostini, residente na Alameda Nothman, 47, Casa Miotti. O serviço será feito por partes, achando-se encomendadas as estátuas de São Mateus e São João para os dois extremos. Cada estátua deverá ter quatro metros de altura, conforme resposta dada pelo ilustre arquiteto Dr. Ramos de Azevedo a uma consulta que lhe foi endereçada desta cidade de Campinas."

Outras restaurações de grande porte se fizeram na Catedral, uma em 1925, outra em 1958, e a atual, talvez a maior, que se acha em execução.

Lia Afonso Ferreira Barros

Diplomada em arquitetura pela Universidade

DESENHOS, FOTOS E DADOS
TÉCNICOS

DADOS TÉCNICOS

A construção é toda de taipa de pilão, paredes internas e externas, exceto sua fachada principal que é de alvernaria de tijolo e pedra. Existe uma gravura de Hércules Florence, onde se nota nitidamente um tapume provisório, protegendo a taipa, aguardando a conclusão da fachada, cujo projeto é do engenheiro Bonini, ^{alterando o primitivo} e executada por Ramos de Azevedo, já no fim do século dezenove.

É também obra de Ramos de Azevedo a escada externa lateral direita; como é externa não foge ao costume: poucos degraus, vencendo apenas a altura do embasamento. São dois lances semi-circulares, convergentes a um mesmo patamar. É toda de pedra, sem argamassa de assentamento; os encaixes dos degraus são por si só responsáveis pela estabilidade da estrutura.

Externamente nas laterais, a taipa de pilão é encamisada de tijolos para receber a decoração. Internamente, na ornamentação são utilizados entalhes de madeira cedro, que é uma das melhores madeiras para obra de talha.

Em reformas posteriores, já no século vinte, utilizou-se alvernaria para a construção na nave, de colunas simplesmente decorativas, uma vez que não têm função estrutural. O entablamento destas colunas está em igual condição, sendo também só decorativo.

A espessura das paredes é de 1,60 m. sendo esta dimensão ligeiramente diminuída até 1,30 m no último andar, ou seja, no 3º

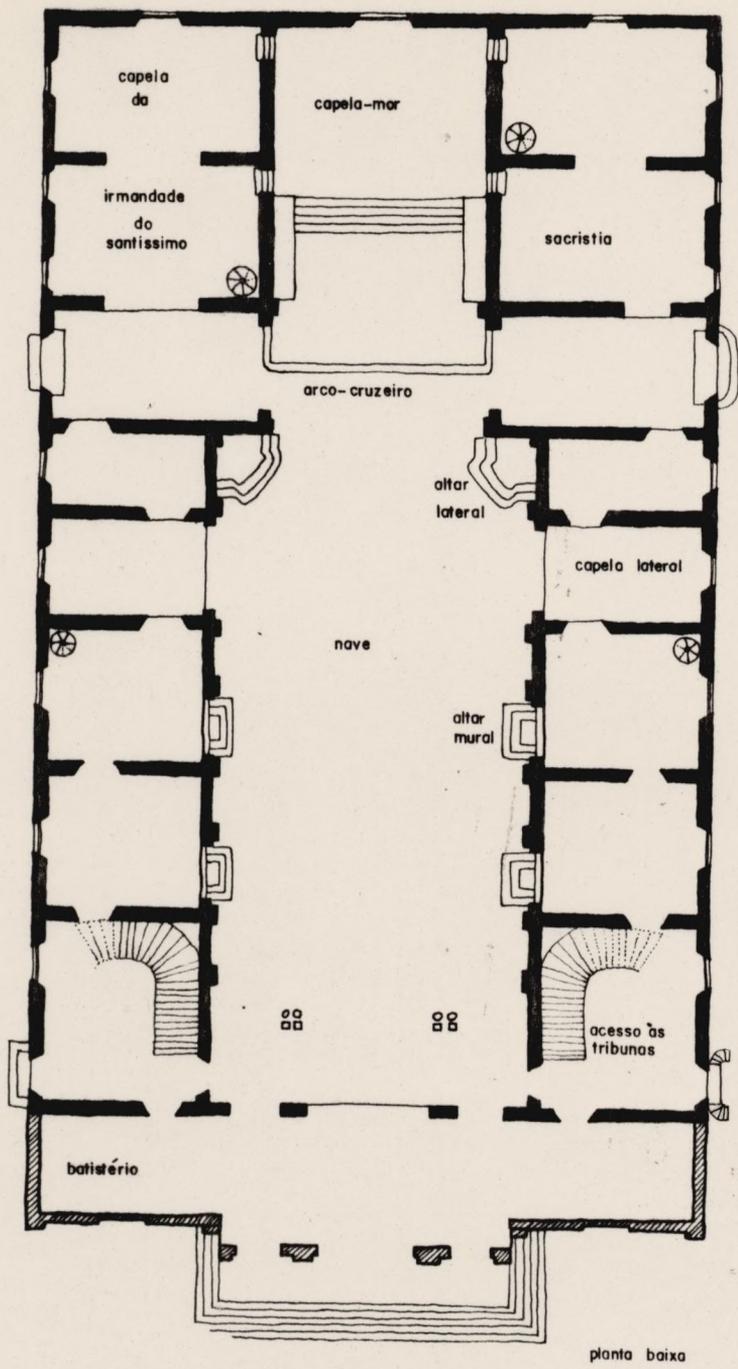
pavimento. O pé direito da nave, no seu ponto mais elevado chega a 18 m. Cada pavimento tem o seu pé direito de 5,10 m.

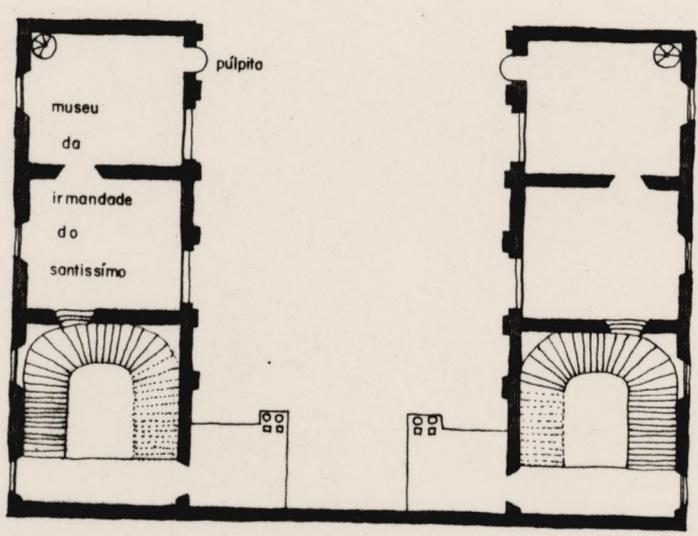
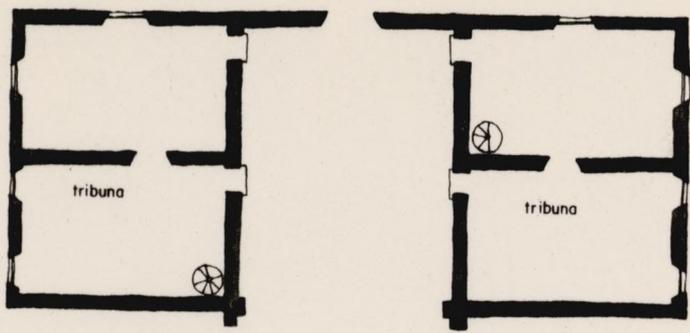
O telhado tem toda sua estrutura superdimensionada quanto a secção; nas tesouras, principalmente nas pernas e na linha são utilizadas toras, que na verdade são árvores inteiras, com diâmetros de até 30 cm. As telhas originais eram de barro, mas como o telhado está escondido pelas platibandas, estas foram substituídas por telhas de cimento amianto. A cúpula de arco-cruzeiro e da torre, são cobertas com telhas de placas de folhas de flandes, em forma de escamas.



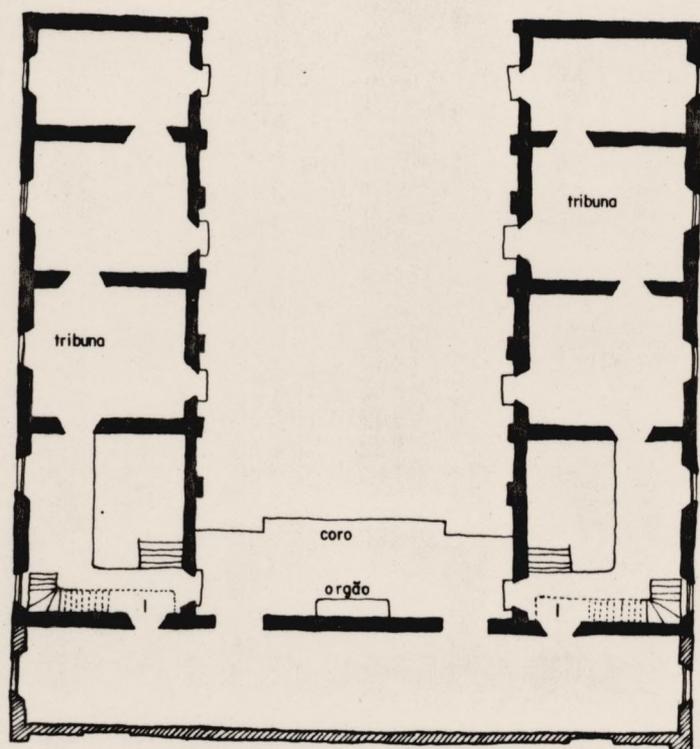








planta do 2º pavimento



Accesso as torres, relógio, sinos, mirante.

planta do 3º pavimento

NOTAS

1. Francisco Quirino dos Santos, "Cidade de Campinas em 1900", 216.
2. "Correio Paulistano" 7/12/1883.
3. Celso Maria de Mello Pupo, "A Construção da Catedral de Campinas" no "Correio Popular" de 6/11/1952.
4. Fulcanelli, "O Mistério das Catedrais", 66.
5. Atas da Câmara Municipal.
6. Celso Maria de Mello Pupo, "Um Aranha na Guarda de Honra" *Campinas - Eventos e Personagens* *apag*
7. Francisco Quirino dos Santos, ob. cit.
8. Atas da Câmara Municipal pesquisadas por José Nogueira Novaes.
9. Benedito Otávio de Oliveira, "Campinas Antiga" 47.
10. Por cabeça.
11. "Correio Paulistano" 7/12/1883.
12. José de Castro Mendes, "Efemérides" 39.
13. Germain Bazin, "L'Architecture Religieuse au Brésil" II 27.
14. Ricardo Gumbleton Daunt, neto, "Diogo Antônio Feijó" 36 a 38, in forma que seu antepassado Joaquim José dos Santos, diretor da comissão de obras da Catedral em 1845 quando se cobriu a nave, pagou, mais tarde, a confecção do altar do Coração de Jesus. Ele faleceu a 10 de novembro de 1862. Tais fatos comprovam a autoria na confecção dos altares dos cantos da nave, de Vitoriano do Anjos que trabalhou até 1862 na Catedral.
15. Celso Maria de Mello Pupo, "Arte Cabocla" no "Correio Popular" de 24/3/1957.
16. Como membro da comissão de restauração da Catedral, em 1958, pleiteamos, desde o início dos estudos para seus trabalhos, a retirada da imagem sobre o altar-mór, assim como a retirada dos quatro horríveis anjos de má confecção do segundo corpo da fachada principal, tudo colocado na reforma de 1925. Tivemos a colaboração de um técnico que observou o perigo da permanência da estátua sobre o altar-mór que, sob seu peso, estava tendo pressionadas as colunas que já apresentavam movimento de desequilíbrio. Então resolveu a comissão autorizar a retirada da imagem, o que se fez com grande surpresa para todos, na verificação de que a imagem não era de madeira, apenas fingia, estando confeccionada - criminosamente - de argamassa, o que até as autoridades eclesiais sempre ignoraram.
17. José de Castro Mendes, ob. cit. 39.
18. "Correio de Campinas".
19. "Gazeta de Campinas", 12/10/1871.

20. José Maria Vilaronga era artista pintor, tendo executado trabalhos em Campinas. Noticiou a imprensa, a trinta e um de julho de 1873, a visita do bispo diocesano Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que foi recebido na "sala da Matriz Nova" onde se achava um retrato de Sua Excia., mimoso brinde do sr. J. M. Vilaronga. Apesar de ser copiado de uma fotografia, o trabalho era nítido e apresentava saliente semelhança. Mas o que sobretudo realça o merecimento é o pouco prazo em que foi feito". No mesmo ano Vilaronga pintou o pano de boca do Teatro São Carlos de Campinas.
21. "Gazeta de Campinas", 13/3/1879.
22. Dunshee de Abranches, "Governos e Congressos".
23. "Diário de Campinas", 5/12/1883.
24. Atas da Câmara Municipal.
25. "Gazeta de Campinas", 12/12/1883, quinta parte do discurso.
26. "Diário de Campinas", 11/12/1883.
27. "Viola de amor" era instrumento como um violino, com oito ou mais cordas.
28. "Gazeta de Campinas", 8/12/1883.
29. Américo de Campos, "Província de São Paulo", 13/12/1883.
30. "A Cidade de Campinas em 1900" 177: Maria Monteiro "mais uma glória artística campineira" foi ouvida pelo Imperador em 1886, que a fez seguir para a Europa concluir seus estudos. "Estreou no Teatro de Perúgia, cantando em outros teatros da Itália bem como na Espanha e Áustria." Faleceu em Gênova a 13/2/1893, com vinte e sete anos de idade.
31. "Gazeta de Campinas"
32. "Província de São Paulo", 12/12/1883.
33. "Gazeta de Campinas"
36. "Diário de Campinas", 6/4/1886.
37. Prof. Calimério Soares, "O Grande Órgão "Cavallè-Coll".

Fotografias a escolher

~~PO~~ A HISTÓRIA Colonial

do século autocrata podemos ver os
quadros de Paris relativos aos passos da
sua vida de Cristo ao Calvário, com a cruz às
costas, trabalho do pintor francês, vindo
com a Museu Francês, ^{de Paris} ~~de Paris~~ ^{por meio de} ~~por meio de~~
venda de Campinas, ~~por meio de~~ pintor as
~~telas~~ ~~de~~ ~~algumas~~ ~~telas~~ todas ~~de~~ ~~algumas~~ ~~telas~~
seu. ~~de~~ ~~algumas~~ ~~telas~~ que tem emprestada
uma delas ao Museu da Irmandade
de Santíssima de Catedral, assim como
alguns dos retratos de Bispo de Campinas,
de Aldo Cardelli.

Litocentistas

Ilhas de Barandier,
da Missão Franca
trazida por D. João VI

CMP 2.19.240 21

pag 135 v- terminadas os trabalhos internos
e em execução os externos pela firma Six de
Cunha

Pag 170 -

1960 - "No dia 12 de outubro, festa de N.S. Apa-
reida tomou posse como Vigário Cooperador
de Paróquia o Rmdo Sr Padre José Antônio de
Morais Busch, sacerdote recentemente chegado
de Roma. S. Roma vai também lecionar na
Universidade Católica reservando tempo suficien-
te para o ministério"

Vigário Busch

Pag 172 v. felicemente de Mon: Mariano
